

Andrews University

Digital Commons @ Andrews University

Professional Dissertations DMin

Graduate Research

2013

Desenvolvimento e Implementacao de um Programa Estrategico de Plantio de Igrejas Na Associacao Paulista Leste-Sao Paulo

Erlo Braun

Andrews University

Follow this and additional works at: <https://digitalcommons.andrews.edu/dmin>



Part of the [Missions and World Christianity Commons](#)

Recommended Citation

Braun, Erlo, "Desenvolvimento e Implementacao de um Programa Estrategico de Plantio de Igrejas Na Associacao Paulista Leste-Sao Paulo" (2013). *Professional Dissertations DMin*. 23.

<https://dx.doi.org/10.32597/dmin/23/>

<https://digitalcommons.andrews.edu/dmin/23>

This Project Report is brought to you for free and open access by the Graduate Research at Digital Commons @ Andrews University. It has been accepted for inclusion in Professional Dissertations DMin by an authorized administrator of Digital Commons @ Andrews University. For more information, please contact repository@andrews.edu.



Seek Knowledge. Affirm Faith. Change the World.

Thank you for your interest in the

**Andrews University Digital Library
of Dissertations and Theses.**

*Please honor the copyright of this document by
not duplicating or distributing additional copies
in any form without the author's express written
permission. Thanks for your cooperation.*

ABSTRACT

DEVELOPMENT AND IMPLEMENTATION OF A STRATEGIC PROGRAM
FOR CHURCH PLANTING IN THE EAST SAO PAULO
CONFERENCE–SAO PAULO, BRAZIL

by

Erlo Braun

Adviser: Dr. Ricardo Norton

ABSTRACT OF STUDENT RESEARCH

D. Min. Dissertation

Andrews University

Seventh-day Adventist Theological Seminary

Title: DEVELOPMENT AND IMPLEMENTATION OF A STRATEGIC PROGRAM FOR CHURCH PLANTING IN THE EAST SAO PAULO CONFERENCE—SAO PAULO, BRAZIL

Name of researcher: Erlo Braun

Name and degree of faculty advisor: Ricardo Norton, DMin, PhD

Date completed: Maio, 2013

Problem

Biblical and contemporary authors point to church planting as one of the best strategies for the dissemination of the gospel. Despite that fact - on account of other critical issues concerning church growth in Sao Paulo, Brazil -, the administrators of the East Sao Paulo (ESP) Conference of the Seventh Day Adventist (SDA) church could not afford to implement this practice until 2009. The lack, therefore, of an intentionally organized effort to plant churches in the ESP Conference is a challenge that must be faced by the SDA church in that region.

In Latin America, evangelicals such as the Baptists and the Assemblies of God have been quite successful with church-planting in most Spanish-speaking countries,

especially Cuba (Garrison, 1999, Urbanek, 2012). One wonders, therefore, if the SDA church can make use of this successful methodology in order to maximize the evangelistic vocation of SDAs in such a cosmopolitan and challenging city as Sao Paulo, Brazil.

Methodology

This is a qualitative research work that fits the case-study model. It analyzes a practical ministry experience in Sao Paulo, Brazil. In order to do that, it reflects on the processes involved in the implementation of a program for planting churches in the ESP conference and it presents the project's strengths and weaknesses. Finally, it also takes into consideration the types of corrections that were made so that the program could work.

Results

After a two-year experience (2010-2011) with a program for planting churches geared towards the idiosyncrasies of Sao Paulo's metropolitan region, this research has demonstrated the effectiveness of the program. The data available for the year 2010 indicate that both the parent churches and the churches that were planted experienced numerical and financial growth beyond that observed before the implementation of the project and had a considerable reduction in the apostasy of new members.

Conclusion

This research shows that a program for church planting is feasible for application to the SDA church, even in the highly unfavorable conditions of a multi-ethnic, secularized metropolis in a third-world country. But it must be developed with the help of

committed pastors as well as with the vibrant participation of theology students, and must receive financial support from the Conference. In fact, the program is not only feasible, but its results have proven to be far superior to the conventional methods of evangelism employed so far by the SDA church in Sao Paulo, Brazil.

RESUMO

DESENVOLVIMENTO E IMPLEMENTAÇÃO DE UM PROGRAMA
ESTRATÉGICO DE PLANTIO DE IGREJAS NA ASSOCIAÇÃO
PAULISTA LESTE-SÃO PAULO

por

Erlo Braun

Orientador: Ricardo Norton, DMin, PhD

RESUMO DE TESE DOUTORAL

Dissertação

Andrews University

Seventh-day Adventist Theological Seminary

Título: DESENVOLVIMENTO E IMPLEMENTAÇÃO DE UM PROGRAMA
ESTRATÉGICO DE PLANTIO DE IGREJAS NA ASSOCIAÇÃO PAULISTA
LESTE-SÃO PAULO

Nome do pesquisador: Erlo Braun

Nome e titulação do orientador: Ricardo Norton, DMin, PhD

Data de conclusão: maio de 2013

Problema

Os autores bíblicos e contemporâneos apontam o plantio de igrejas como uma das melhores estratégias para a disseminação do evangelho. Apesar disso, devido à necessidade de consolidar outros aspectos do crescimento da igreja, a administração da Associação Paulista Leste (APL) da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) não teve a oportunidade de se dedicar a essa prática até o ano de 2009. A falta de um esforço intencionalmente organizado para plantar igrejas na APL é um desafio que deve ser enfrentado pela IASD nessa região.

Na América Latina, o plantio de igrejas tem sido praticado com mais sucesso em países de fala hispânica, como Cuba, especialmente entre batistas e assembleias de Deus (Urbanek, 2012). Pergunta-se, portanto, se a IASD poderia fazer uso de uma metodologia

tão bem sucedida em outras denominações e regiões do continente (Garrison, 1999) de modo a potencializar a vocação evangelística dos adventistas em uma cidade tão cosmopolita e desafiadora quanto São Paulo.

Metodologia

Este trabalho de natureza qualitativa se enquadra no modelo de estudo de caso, pois se dedica a analisar uma experiência prática ministerial, apresentando suas forças e fraquezas, finalizando com uma conclusão sobre os sucessos da implantação de um programa de plantio de igrejas na Associação Paulista Leste, bem como suas falhas e correções.

Resultados

Depois de dois anos (2010-2011) de experiência com um programa de plantio de igrejas voltado para as idiossincrasias da região metropolitana de São Paulo, esta investigação demonstrou a efetividade do programa. Os dados disponíveis para o ano de 2010 indicam que tanto as igrejas-mãe quanto as igrejas plantadas tiveram crescimento numérico e financeiro além daquele observado antes da implantação do projeto e tiveram uma redução considerável na apostasia de novos membros.

Conclusão

Esta pesquisa revela que o programa de plantio de igrejas é viável para aplicação à IASD, mesmo nas condições altamente desfavoráveis de uma metrópole multiétnica e em adiantado processo de secularização. Para isso, é necessário, no entanto, que seja desenvolvido com a ajuda de pastores comprometidos e estudantes de teologia bem como sob a tutela financeira da Associação. Além disso, a pesquisa revela que o programa não

apenas é viável, mas seus resultados se mostram muito superiores aos métodos convencionais de evangelismo empregados, até o momento, pela IASD em São Paulo.

Andrews University
Seventh-day Adventist Theological Seminary

DESENVOLVIMENTO E IMPLEMENTAÇÃO DE UM PROGRAMA
ESTRATÉGICO DE PLANTIO DE IGREJAS NA ASSOCIAÇÃO
PAULISTA LESTE-SÃO PAULO

Tese

Apresentada em cumprimento parcial
aos requisitos para o título de
Doutorado em Ministério

Por

Erlo Braun

Maior 2013

© Copyright por Erlo Braun 2013
Todos os direitos reservados

DESENVOLVIMENTO E IMPLEMENTAÇÃO DE UM PROGRAMA
ESTRATÉGICO DE PLANTIO DE IGREJAS NA ASSOCIAÇÃO
PAULISTA LESTE-SÃO PAULO

Tese
Apresentada em cumprimento parcial
aos requisitos para o título de
Doutorado em Ministério

por

Erlo Braun

APROVADA POR:

Orientador
Emílio Abdala

Diretor, Doutorado em Ministério
Skip Bell

Ricardo Norton

Decano, Seminário Teológico Adventista
Denis Fortin

Wagner Kuhn

Data de aprovação

Minha gratidão a Deus pela oportunidade.
À minha esposa Verli, por seu apoio e paciência.
Às minhas filhas Isabelle e Emille, por seu carinho.
À minha mãe Elza, por sua inspiração.
A APL, por seu patrocínio e apoio.
A UCB, por seu incentivo e motivação.
Ao meu assistente Derson Lopes, por seu suporte técnico.
Ao meu orientador, Dr. Emílio Abdala, por suas orientações
oportunas, incentivo e constante estímulo.
Ao meu segundo leitor, Dr. Ricardo Norton,
por seu apoio e valiosas sugestões.
Ao meu terceiro leitor, Dr Wagner Kuhn, por suas
contribuições preciosas.
Aos amigos Manoel Andrade, Marcos Sousa, Alcy Oliveira e
Gerson Santos, pela motivação pessoal para terminar o
doutorado.

SUMÁRIO

| | |
|---|------|
| LISTA DE TABELAS | vii |
| LISTA DE FIGURAS | viii |
| RECONHECIMENTO | ix |
| Capítulo | |
| 1. INTRODUÇÃO | 1 |
| Antecedentes do Problema | 1 |
| Declaração do Problema | 2 |
| Objetivo | 2 |
| Pergunta de Investigação | 3 |
| Justificativa | 3 |
| Limitações e Delimitações | 4 |
| Marco Teórico e Metodologia | 5 |
| Definição de Termos | 6 |
| Organização do Estudo | 7 |
| 2. FUNDAMENTOS TEOLÓGICOS PARA O PLANTIO DE IGREJAS .. | 9 |
| Plantio de Igrejas na Bíblia Hebraica | 10 |
| A Natureza da Igreja | 10 |
| O Plantio de Igrejas no Cumprimento da Missão | 12 |
| A Grande Comissão e o Plantio de Igrejas | 13 |
| O Povo de Deus Plantando Igrejas como Luz para o Mundo | 15 |
| O Plantio de Igrejas como Expansão do Reino de Deus | 17 |
| Plantio de Igrejas no Novo Testamento | 18 |
| O Plantio de Igrejas e a Expansão do Reino de Deus | 19 |
| Plantio de Igrejas nos Evangelhos | 21 |
| O Plantio de Igrejas na Igreja Apostólica | 26 |
| Paulo como Plantador de Igrejas | 28 |
| Análise Resumida do Plantio de Igrejas no Novo Testamento | 31 |
| Plantio de Igrejas em Ellen White | 32 |
| Breve Histórico da Visão Adventista da Missão | 32 |
| Missão e Plantio de Igreja nos Livros de Ellen White | 33 |
| Razões de Ellen White para o Plantio de Igrejas | 35 |
| Resumo sobre o Plantio de Igrejas em Ellen G. White | 38 |

| | |
|---|----|
| Síntese | 38 |
| 3. O PLANTIO DE IGREJAS NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA .. | 40 |
| Conceitos Básicos de Plantio de Igrejas | 40 |
| O Plantio de Igrejas e a Grande Comissão | 40 |
| O Plantio de Igrejas e o Crescimento Numérico | 41 |
| O Plantio de Igrejas e a Liderança | 43 |
| O Plantio de Igrejas e o Evangelismo | 44 |
| O Plantio de Igrejas e a Mobilização dos Membros | 46 |
| O Plantio de Igrejas no Contexto Cultural | 48 |
| Modelos Contemporâneos de Plantio de Igrejas | 49 |
| O Ciclo Paulino de David J. Hesselgrave | 50 |
| As Cinco Fases de Tom A. Steffen | 52 |
| Os Seis Estágios de Gary Rohrmayer | 54 |
| Os Sete Passos de Donald A. McGavran | 60 |
| O Sistema PERT de Samuel Faircloth | 61 |
| O Processo de Reprodução de Aubrey Malphurs | 64 |
| Resumo dos Modelos Contemporâneos de Plantio de Igrejas ... | 66 |
| Desafios no Plantio de Igrejas | 67 |
| Plantar Igrejas Requer Fé | 67 |
| Plantar Igrejas Requer Recursos Financeiros | 68 |
| Plantar Igrejas Requer Tempo | 69 |
| Plantar Igrejas Requer Planejamento | 69 |
| Plantar Igrejas Requer Treinamento Especializado | 70 |
| Resumo | 71 |
| 4. O PLANTIO DE IGREJAS NA ASSOCIAÇÃO PAULISTA LESTE ... | 73 |
| Informação Demográfica | 73 |
| Análise do Perfil da Cidade de São Paulo | 74 |
| O Plantio de Igrejas na APL (2001-2009) .. | 75 |
| Breve Histórico e Dados Gerais da Associação | 76 |
| Dificuldades no Plantio de Novas Igrejas | 77 |
| Modelo de Plantio de Igrejas da APL | 77 |
| Plantio de Igrejas por Evangelismo Público | 79 |
| Resultados do Plantio de Igrejas na APL | 80 |
| Resumo | 80 |
| 5. PROGRAMA DE PLANTIO DE IGREJAS NA APL | 81 |
| Etapa Inicial | 81 |
| Preparação Interna para Implantação do Projeto | 82 |
| Fase 1 – Planejamento | 85 |
| Fase 2 – Preparação | 86 |
| Fase 3 – Pioneirismo | 86 |

| | |
|--|-----|
| Fase 4 – Proclamação | 87 |
| Fase 5 – Pós-evangelismo | 87 |
| Etapa de Desenvolvimento | 88 |
| Desenvolvimento do Projeto em 2010 | 88 |
| Fase 1 – Planejamento | 88 |
| Fase 2 – Preparação | 89 |
| Fase 3 – Pioneirismo | 90 |
| Fase 4 – Proclamação | 91 |
| Fase 5 – Pós-evangelismo | 93 |
| Aprofundamento em Conscientização e Mobilização | 94 |
| Desenvolvimento do Projeto em 2011 | 95 |
| Etapa de Avaliação | 98 |
| Avaliação da Viabilidade Estrutural e Financeira | 99 |
| Correções para 2012 | 101 |
| Resumo | 102 |
| | |
| 6. CONCLUSÃO E RECOMENDAÇÕES | 103 |
| Conclusão | 103 |
| Recomendações | 104 |
| | |
| Apêndice | |
| A. CONSELHOS AO PASTOR QUE QUER PLANTAR IGREJAS | 109 |
| B. OS CINCO ESTÁGIOS DO PLANTIO DE IGREJAS | 111 |
| | |
| LISTA DE REFERÊNCIAS | 112 |
| | |
| CURRICULUM VITAE | 118 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|----|
| 1. Orçamento de Expansão Evangelística e Plantio de Igrejas 2010 | 83 |
| 2. Cronograma de Atividades 2010 | 93 |
| 3. Orçamento de Expansão Evangelística e Plantio de Igrejas – 2011 | 95 |
| 4. Crescimento Financeiro das Igrejas Plantadas em 2010 | 98 |
| 5. Crescimento Numérico das Igrejas Plantadas em 2010 | 99 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| 1. O Ciclo Paulino (Hesselgrave & Blomberg, 1980) | 51 |
| 2. Objetivos do Plantio de Igrejas (Faircloth, 1991) | 63 |

RECONHECIMENTO

Completar esta investigação não teria sido possível sem a participação e o envolvimento de muitas pessoas.

Gostaria de começar pelo reconhecimento dos méritos de minha querida esposa Verli. Ela foi a grande inspiração para que este sonho se tornasse realidade. Ela me incentivou e apoiou até nos momentos em que eu mesmo duvidava se conseguiria vencer este desafio acadêmico. Ela soube fazer sentir sua presença, mesmo quando a distância nos separava. Além disso, com muita ternura, ela soube compreender quando a pressão dos estudos me impediu de lhe retribuir a atenção com que ela sempre me apoiou.

Reconheço que os amigos Dr. Ricardo Norton, Dr. Emílio Abdala, Dr. Gerson Santos e Derson Lopes, entre outros, foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho acadêmico. Sem suas críticas e sugestões, o caminho percorrido teria sido íngreme, intransponível.

Reconheço, ainda, o importante trabalho de revisão feito pelo Dr. Milton L. Torres, sem o qual o texto exibiria agruras que poderiam, senão prejudicar sua compreensão, pelo menos tornar menos prazerosa sua leitura.

Reconheço, finalmente, a presença, nas páginas a seguir, de todos os pastores, obreiros, funcionários, líderes e irmãos da APL. O que me moveu a investigar o tema sob estudo é o reconhecimento de que Deus lhes deseja conceder tão profusas bênçãos quantas aquelas que, como vasos escolhidos, vocês têm trazido à minha vida e ao dia-a-dia do campo missionário no qual labutamos juntos.

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

O plantio de igreja tem sido apontado por grande número de estudiosos como uma estratégia de grandes resultados para o crescimento de igreja. A Grande Comissão dada por Jesus para a expansão da igreja (Mt 28:18 e 19) implica em implantação de igrejas por todas as partes do mundo. No entanto, durante os anos de sua existência, a Associação Paulista Leste (APL), sediada na cidade de São Paulo, dedicou poucos esforços a esse fim. Este trabalho visa apresentar o programa de implantação da estratégia de plantio de igrejas no território da referida Associação nos anos de 2010 e 2011. Trata-se da primeira vez, na história da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) no Brasil, em que se envidou um esforço de grande porte e com um apoio financeiro arrojado para a implementação de um programa abrangente de plantio de igrejas.

Antecedentes do Problema

Embora o plantio de igrejas seja apontado pelos autores bíblicos e contemporâneos como uma das melhores estratégias para a disseminação do evangelho, desde sua fundação até o ano de 2009, poucos esforços foram empreendidos na APL com o objetivo de implantar esta prática. Essa afirmação se confirma pelo dado de que, no período citado, apenas oito igrejas foram plantadas nesse território. A falta de um plano

organizado para plantar igrejas na APL é um desafio que deve ser enfrentado pela IASD na região metropolitana de São Paulo.

São Paulo é a maior cidade do Brasil e está entre os grandes desafios evangelísticos da IASD no Mundo. Por ser uma megalópole, a cidade é composta por uma grande diversidade de grupos étnicos, compostos por pessoas pertencentes a diversas classes sociais, faixas etárias e grupos religiosos. Esse mosaico cultural e social torna qualquer estratégia evangelística incompleta em si mesma. O plantio de igrejas, no entanto, traz consigo a possibilidade de adaptação aos mais diversos públicos-alvo, e pode, portanto, se tornar bastante apropriado para o contexto da cidade em questão.

Declaração do Problema

Na América Latina, o plantio de igrejas tem sido praticado com mais sucesso em países de fala hispânica, como Cuba, especialmente entre batistas e assembleias de Deus (Urbanek, 2012). Pergunta-se, portanto, se a IASD poderia fazer uso de uma metodologia tão bem sucedida em outras denominações e regiões do continente (Garrison, 1999) de modo a potencializar a vocação evangelística dos adventistas em uma cidade tão cosmopolita e desafiadora como São Paulo.

Objetivo

O objetivo deste projeto foi implantar um programa de plantio de igrejas contextualizado à cultura e aos desafios da população diversificada das zonas norte e leste de São Paulo.

Pergunta de Investigação

A pergunta central de estudo nesta investigação é: Como a IASD pode implementar e desenvolver um programa de plantio de igrejas contextualizado à cultura e aos desafios da população diversificada das zonas norte e leste de São Paulo? Dentro deste escopo, desejou-se investigar os fatores sociais, organizacionais, espirituais, motivacionais e atitudinais relacionados ao projeto.

Justificativa

Muitos métodos de evangelismo foram utilizados na APL até o ano de 2009: campanhas evangelísticas, duplas missionárias e pequenos grupos, entre outros. Pouco se incentivou e se desenvolveu, porém, o plantio de igrejas. Nos oito anos que antecederam a implantação do projeto, apenas oito igrejas foram plantadas.

Preocupada em cumprir a ordem de Jesus de expansão do reino de Deus através do plantio de novas igrejas, a administração da APL buscou implantar um programa de plantio de igrejas nos anos de 2010 e 2011 que possibilitasse essa ampliação e corrigisse as distorções do processo evangelístico observadas nos anos anteriores.

Jesus, o fundador do cristianismo na apresentação da Grande Comissão, em Mateus 28:18 e 19, desafia Seus discípulos a fazer novos discípulos. A estratégia de plantio de igrejas favorece a formação de discípulos através da conversão de novos membros e do amadurecimento de um maior número de pessoas para a atuação prática na liderança. De forma especial, o verso 19 enfatiza a necessidade de alcançar pessoas de todas as nações. Através do plantio de novas igrejas, podem ser formadas comunidades contextualizadas a grupos étnicos específicos existentes no território da Associação, tais como árabes, hispânicos, judeus, africanos, entre outros.

Existem diversas citações de Ellen G. White nas quais ela defende e incentiva o estabelecimento de novas igrejas, especialmente através do trabalho dos membros. Segundo ela (White, 1999, p. 249): “Nenhum deles [dos membros] deverá mudar-se para outras localidades simplesmente por interesse de vantagens terrenas”, mas devem, em vez disso, procurar lugares onde igrejas possam ser estabelecidas. Na mesma passagem, ela afirma que Deus não deseja que Seu povo forme colônias, mas que se espalhem para que haja mais lugares onde as pessoas possam conhecer a Cristo.

Os autores contemporâneos também defendem este método, descrevendo-o como eficaz para promover o crescimento da igreja e apresentando modelos de plantio de igrejas adaptáveis a diversas realidades.

Através de um estudo profundo da Bíblia, livros de Ellen White e autores contemporâneos, foi possível formatar um modelo aplicável às regiões norte e leste da cidade de São Paulo.

Limitações e Delimitações

Este trabalho limitou-se ao estudo do plantio de igrejas exclusivamente no território da APL, isto é, as regiões norte e leste de São Paulo, sem referências ou inferências a outras associações do estado. Buscou-se consultar principalmente as publicações posteriores ao ano de 1990, com exceção aos livros de Ellen White, devido a sua importância histórica para a IASD. Além disso, o marco teórico aqui empregado abrangeu autores de diversas partes do mundo, cujas pesquisas e experiências podem não ter aplicação imediata à realidade da igreja no território da APL. Apesar disso, tomou-se a precaução de evitar generalizações excessivas, o que deve ter contribuído para minimizar o impacto negativo do distanciamento geográfico e da descontextualização.

Marco Teórico e Metodologia

Esta pesquisa foi conduzida segundo os moldes e normas estabelecidos pela Andrews University, atendendo as exigências do programa de doutorado em ministérios. O trabalho se enquadra no modelo de estudo de caso, pois dedica-se a analisar uma experiência prática ministerial, apresentando suas forças e fraquezas, finalizando com uma conclusão sobre os sucessos da implantação, bem como suas falhas e correções.

Para a fundamentação teórica foram utilizadas fontes primárias e secundárias, dando-se sempre preferência para as fontes primárias, quando estas estavam disponíveis. A maioria do material pesquisado está em língua inglesa, tendo as traduções sido feitas pelo próprio autor do trabalho.

Os dados foram coletados com o auxílio da equipe de pastores que lideraram os projetos de plantio. Essa atividade trouxe algumas dificuldades devido ao fato de que alguns pastores tinham dificuldade de manter registros precisos das atividades. Esse fator foi compensado com o acompanhamento intensivo da equipe do Departamento de Evangelismo da APL, incluindo pessoal do escritório e obreiros bíblicos.

Após o levantamento de dados, passou-se à análise dos mesmos. A análise foi conduzida com o apoio da direção do Departamento de Evangelismo da APL, que se dispôs a fazer uma verificação criteriosa da análise para evitar a deformação das conclusões tiradas dos relatórios. As alterações ocorridas no programa para correções de problemas surgidos durante a implantação foram todas citadas e avaliadas no capítulo de análise dos resultados.

Definição de Termos

Esta seção apresenta definições para os principais termos empregados nesta tese, a fim de ajudar o leitor a identificar as definições que são mais importantes para este estudo e a fim de revisar os termos que podem ser pouco comuns ou controversos.

ADRA: Organização privada, não governamental e sem fins lucrativos de objetivos assistenciais, beneficentes e filantrópicos mantida pela IASD e que executa projetos de desenvolvimento comunitário e de assistência comunitária sem distinção política, racial, religiosa, etária, étnica ou de gênero.

APL: A Associação Paulista Leste (APL) é uma região administrativa da IASD, no Brasil, que compreende as regiões norte e leste de São Paulo.

Espírito de Profecia: Designação da vasta obra de publicação de Ellen G. White, uma das pioneiras da IASD. Essa designação implica que seus muitos livros são considerados como autoritativos pelos membros da igreja.

Estudo de Caso: “Estudo de caso é uma pesquisa empírica que investiga um fenômeno contemporâneo em profundidade e dentro de um contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não se encontram claramente evidentes” (Yin, 2009, p. 18).

“Missão Calebe”: Projeto que recruta jovens da IASD para que realizem atividades missionárias durante o período de suas férias escolares.

Pequeno Grupo: Reunião semanal de seis a dez pessoas que se encontram para oferecer aceitação mútua, apoio para os objetivos mútuos e suporte para os desafios da vida. Essas pessoas geralmente discutem a Bíblia ou outro livro de teor espiritual a fim de

descobrir verdades sobre suas próprias vidas. Além disso, oram umas pelas outras e se comprometem a realizar as tarefas atribuídas e a frequentar assiduamente as reuniões.

Semana do Calvário: Esforço evangelístico concomitante com as celebrações católicas da Semana Santa geralmente organizado pela IASD a fim de alcançar pessoas sensibilizadas pelo clima espiritual daquela semana.

Organização do Estudo

A organização desta dissertação é adaptada do modelo científico sugerido por autores como Creswell (2002). A investigação se organiza, então, com a distribuição tradicional de capítulos: introdução, revisão de literatura, capítulos de desenvolvimento e de considerações finais. De fato, o trabalho está estruturado em cinco capítulos acrescidos das considerações finais.

O capítulo 1 trata de introduzir o trabalho, mostrando o problema a ser estudado, o objetivo, a justificativa, a metodologia e a organização do estudo. O capítulo 2 trata dos aspectos bíblicos e teológicos do plantio de igrejas, apresentando as referências da Bíblia Hebraica, do Novo Testamento e também dos livros de Ellen White. O capítulo 3 se volta para a análise da literatura contemporânea sobre os métodos e estratégias para o crescimento da igreja e apresenta o método do plantio de igrejas, fazendo referência à literatura especializada e trazendo modelos e passos para o plantio de uma nova igreja. Vários modelos de plantio são avaliados e, ao final, apresenta-se o modelo que foi aplicado à experiência prática da APL.

O capítulo 4 apresenta o histórico do plantio de igrejas na APL no período de 2000 a 2009 e se discutem as ações que geraram o surgimento de algumas igrejas e os processos que foram utilizados. O capítulo 5 faz um estudo detalhado da implantação do

programa de plantio de igrejas na APL no ano de 2010. Analisam-se os passos seguidos, as falhas cometidas, as correções executadas e os resultados apurados.

O capítulo 6 apresenta os resultados práticos do trabalho para as igrejas e para o pesquisador bem como sugestões para novas pesquisas relacionadas ao tema.

CAPÍTULO 2

FUNDAMENTOS TEOLÓGICOS PARA O PLANTIO DE IGREJAS

A igreja de Deus tem um ministério divinamente indicado por Ele para a salvação da humanidade. Foi organizada para servir (Gn 12:3) e sua missão é anunciar o evangelho ao mundo (Is 43:10, 12, At 1:8, 2Pd 2:9-12). Partindo deste princípio, é necessário que qualquer estratégia utilizada no desenvolvimento da igreja e para seu crescimento esteja fundamentada na Palavra de Deus como é visto no seu plano de salvação para todas as nações (Gn 3:6-8; 10; 12:3; 22:18). Existe uma visão mundial (Gn 49:10; Is 43:4; Dn 7:14) nas profecias messiânicas, não somente para o povo de Israel, mas para crentes não israelitas como Melquisedque, Raabe, Balaão, Jó e Rute (Is 11:9; 56:6, 7; Hc 2:14). O plantio de igrejas está presente na teologia bíblica de expansão, multiplicação e crescimento do reino de Deus. Embora o Novo Testamento seja mais explícito a este respeito, o princípio de plantio de igrejas também está presente na Bíblia Hebraica.

Este capítulo apresenta os fundamentos teológicos para o plantio de igrejas presentes na Bíblia Hebraica, no Novo Testamento, e, como a pesquisa se enquadra dentro da cosmovisão adventista do sétimo dia, nos escritos de Ellen G. White, pioneira que influenciou profundamente a história e a teologia da igreja e a quem a igreja considera como divinamente inspirada.

Plantio de Igrejas na Bíblia Hebraica

A Bíblia Hebraica foi valorizada pelo próprio Cristo (La Sor, Hubbard, Bush, & Allen, 1996, p. 637), portanto deve ser levado em consideração. Desde os primórdios da Bíblia, fica evidente que Deus se deleita na expansão de Seu reino. Como ordenou a Adão: “multiplicai-vos” (Gn 1:28), também disse a Noé: “multiplicai-vos e enchei a terra” (Gn 9:1) e, por ocasião da torre de Babel, “o Senhor os espalhou dali sobre a face de toda a terra” (Gn 11:8). Logo depois disso, pediu a Abraão que, ao sair de Ur (Gn 12:1-9), tornasse os altares em memoriais espalhados.

Nos relatos das guerras de conquista de Josué (Js 13:1), também fica explícito que a expansão do reino é um mandado bíblico e histórico. O plantio de igrejas pode ser constatado na Bíblia Hebraica a partir da confirmação da existência da igreja, da missão e do imperativo divino da expansão e multiplicação de Seu reino.

A Natureza da Igreja

De acordo com Louis Berkhof (2009, p. 510), a igreja já existia na Bíblia Hebraica. O autor apresenta duas palavras hebraicas para designar a Igreja, *qahal*, que significa “chamar” e *edhah* que significa “indicar” ou “encontrar-se ou reunir-se num lugar indicado”, sendo esta segunda aplicada para determinar a sociedade israelita ou sua liderança, reunida ou não, mais comumente nos livros de Êxodo, Levíticos, Números e Josué. Já *qahal* denota a reunião, de fato, do povo, ocorrendo 35 vezes na Bíblia Hebraica e sendo traduzida por “ajuntamento, congregação, convocação”. É regularmente traduzida na *Septuaginta* pela palavra *ekklêsia* que tem os mesmos significados de “assembleia, congregação”. A palavra *ekklêsia* é da mesma raiz que o verbo *kaleô* (“chamar”). Em inglês, *ekklêsia* é traduzida por “assembly, congregation, church”.

A palavra *'edah*, “testemunho, depoimento, congregação”, ocorre 172 vezes na Bíblia Hebraica e é traduzida no inglês por *testimony*, *witness*, *congregation*. Esta palavra está presente 33 vezes nos livros de Êxodo, Levítico, Números e Josué na expressão *'adat* [*'edah*] *bnei isra'el* traduzida como “congregação dos filhos de Israel.” Paralelamente a palavra *mo'ed* (“local designado,” “local de encontro”) ocorre 161 vezes na Bíblia Hebraica, sendo 108 vezes na expressão *'ohel mo'ed* traduzida para o português como “tenda da congregação”.¹ Uma tradução mais literal de *'ohel mo'ed* seria “tenda do encontro” e uma tradução mais livre seria “tenda do encontro marcado,” provavelmente aludindo às reuniões “agendadas” entre Deus e os israelitas através de Moisés. Talvez o uso de *mo'ed*, uma palavra cuja referência também é temporal, para indicar o local para encontros entre Deus e o povo tenha também sido influenciado pelo forte apelo temporal do descanso do sábado, cuja ocorrência semanal fixa se encaixa perfeitamente no conceito de um “encontro com tempo marcado”

Todavia, os tradutores da *Septuaginta*, ao traduzirem a expressão *'ohel mo'ed*, escolheram a tradução que seria mais natural, isto é, *skênê tou martyriou* “tenda do testemunho ou da congregação”.² Hipoteticamente, os tradutores poderiam ter traduzido a expressão por *skênê tou kairou*, já que, em Salmos 75:3 e 102:14, a palavra *mo'ed* foi traduzida por *kairós* (“tempo,” “tempo determinado”). Certamente outra influência determinante para a tradução adotada pela LXX, além do fato de “congregação” ser um dos sentidos de *mo'ed*, é que as tábuas da Lei são chamadas de “Testemunho” *'edût*, (Êx

¹ A expressão “tenda da congregação” ocorre 146 vezes na versão Almeida Revista e Atualizada porque traduz outras expressões além de *'ohel mo'ed*.

² A expressão *skênê tou martyriou* ocorre 160 vezes na *Septuaginta* e duas vezes no texto grego do Novo Testamento (em At 7:44 e Ap 15:5).

25:16) e, por extensão, a arca que as abrigava é chamada de “arca do testemunho” (*'aron ha'edût*, que ocorre cinco vezes no texto hebraico original).

Não deixa de ser interessante, na expressão *skênê tou martyriou*, usada para traduzir *'ohel mo'ed*, a ocorrência da palavra *martyrion*, usada em textos importantes do Novo Testamento. Esta palavra é usada para descrever os critérios para a escolha do substituto de Judas Iscariotes (At 1:22); a ação dos discípulos ao testemunhar pública ou privadamente a ressurreição de Cristo (At 2:32; 3:15; 5:32; 10:39; 22:20; 26:16; 1Pd 5:1) e também o chamado à grande comissão (Lc 24:48). O uso de *martyrion* para traduzir *'ohel mo'ed* traz um vínculo direto entre o antigo tabernáculo dos israelitas e a grande comissão de Cristo.

O Plantio de Igrejas no Cumprimento da Missão

De acordo com Bosch (2002, p. 36), embora não exista uma indicação clara, na Bíblia Hebraica, de que os crentes da antiga aliança seriam enviados por Deus para conquistar novos territórios e culturas, existe uma evidência da intenção divina para alcançar todos os povos através de sua ação e autorrevelação. Desta forma, o plantio de igrejas acontece na Bíblia Hebraica por associação ao cumprimento da missão estabelecida. A existência da *Missio Dei* preconiza a necessidade do plantio de novas igrejas. Sendo o plantio de igrejas uma das estratégias para cumprir a missão, sem missão esse método se torna vazio.

Missão significa, em essência, enviar alguém. Uma análise do que faz um enviado no contexto bíblico pode revelar o objetivo da missão divina. De acordo com May (1959, p. 16-19), embora esse ato divino esteja mais explícito no Novo Testamento, ele também pode ser encontrado na Bíblia Hebraica. Deus é apresentado na Bíblia Hebraica como

Aquele que envia, ou seja, a missão começa com Deus. Os enviados de Deus na Bíblia Hebraica, via de regra, atendem a dois objetivos: livrar Seu povo dos inimigos e trazer Seu povo de volta para Si mesmo, essa dupla missão é apresentada por todos os enviados, sejam eles reis, juízes, líderes do povo ou profetas. Para que Seus enviados alcancem seus objetivos, Deus concede benefícios bem como salvação e, em Seus atos, deixa sempre claro que esses não provêm da vontade ou força humana, mas sim da atuação divina.

Já no início da Bíblia, após a queda, Deus apresenta a primeira pregação evangélica (Gn 3:15) “E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar”. Este, de acordo com Peters (2010, p. 102) é o princípio da promessa da salvação, conhecido também como protoevangelho. Desde então, de acordo com Moreau (2006, p. 31), cada vez que o homem oferecia um sacrifício a Deus pelo seu pecado, estava proclamando o plano divino da salvação, o evangelho.

A Grande Comissão e o Plantio de Igrejas

O chamado de Deus para Abraão é apresentado em Gênesis 12:1-3: “Ora, o Senhor disse a Abrão: Sai-te da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei. E far-te-ei uma grande nação, e abençoar-te-ei e engrandecerei o teu nome; e tu serás uma bênção. E abençoarei os que te abençoarem, e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; e em ti serão benditas todas as famílias da terra”.

Deus apresenta a Abraão a promessa de que ele seria uma grande nação, que engrandeceria seu nome, e essas duas bênçãos serviriam para um propósito especial: abençoar todos os que entrassem em contato com Abraão, todas as famílias da terra. De acordo com Moreau (2006, p. 31), no ato criador de Deus, Seu amor universal fica

evidente quando Ele oferece oportunidade de salvação para todos, sem distinção específica de pessoa ou povo. No chamado de Abraão, Deus apresenta um método específico, o de usar uma pessoa, grupo ou povo em particular para alcançar o restante da humanidade. Abraão foi abençoado não somente para sua segurança ou bem-estar, mas para dar início ao plano do coração missionário de Deus de trazer de volta Seu povo do reino das trevas para Si.

Para Kaiser (2000), a compreensão dos judeus de que a salvação era somente para eles foi um equívoco. Segundo ele, acabaram misturando o amor de Deus com o método de Deus para alcançar o mundo: o chamado de Abraão pode ser definido como a versão vetero-testamentária da Grande Comissão, pois “Deus nunca teve a intenção de reservar um grupo especial, como os judeus” (p. 19), para ter exclusividade de salvação. Como extensão de seu chamado para partir em direção ao local escolhido por Deus, Abraão se torna um plantador de igrejas, espalhando altares por todos os lugares por onde passava.

Não é difícil compreender a ligação entre o altar de sacrifício e a igreja. Logo após a queda, o homem não podia mais ver Deus face a face. Passou, então, a adorá-Lo por meio de ofertas e sacrifícios que apontavam para a promessa, estabelecida na Bíblia Hebraica, da vinda do Messias Salvador (Gn 3:15). De acordo com White (1997b, p. 128), o altar representava a busca do homem por Deus, a adoração a Deus e, quando Deus aceitava o sacrifício, o altar também se tornava um sinal da presença de Deus.

Como já mencionado, a ideia de igreja está presente na Bíblia Hebraica (Berkhof, 2009, p. 510), podendo ser definida como uma “reunião, de fato, do povo” ou a “assembleia da congregação”. Isto é, a Bíblia Hebraica definiria igreja como uma reunião de pessoas para adorar a Deus. Partindo deste princípio, um altar de sacrifício, que era

usado para adorar o nome de Deus e receber Sua presença, pode ser denominado de igreja. Se considerarmos, de fato, que cada altar era uma igreja, as pessoas usadas por Deus para construir altares podem ser consideradas como enviados de Deus para plantar igrejas.

Abraão preocupava-se em estabelecer altares em todos os lugares por onde passava. Estabelecia, portanto, igrejas nos territórios por ele percorridos: “E apareceu-o Senhor a Abrão, e disse: À tua descendência darei esta terra. E edificou ali um altar ao Senhor, que lhe aparecera. E moveu-se dali para a montanha do lado oriental de Betel, e armou a sua tenda, tendo Betel ao ocidente, e Ai ao oriente; e edificou ali um altar ao Senhor, e invocou o nome do Senhor” (Gn 12:7 e 8).

Ellen White (1997b, p. 128) afirma que os altares estabelecidos por Abraão continuavam servindo de referência divina após sua partida, sendo utilizados pelos que vinham posteriormente, “...quando quer que um desses vinha àquele altar, sabia quem havia estado ali antes; e, depois de armar a tenda, reparava o altar e ali adorava o Deus vivo”. Essa declaração constitui evidência de que cada altar estabelecido era como uma igreja plantada e que esse processo era parte integrante do cumprimento da missão estabelecida por Deus de abençoar todas as famílias da terra.

O Povo de Deus Plantando Igrejas como Luz para o Mundo

O povo de Deus foi escolhido para iluminar o mundo com Sua mensagem. Esse princípio está evidente em toda a Bíblia Hebraica. Em cada local onde uma reunião de adoração a Deus foi estabelecida para atrair pessoas para Ele, está implícito o plantio de uma igreja.

Já na saída do Egito, como indicado em Êxodo 12:38, outras pessoas se juntam ao povo, pessoas que provavelmente não pertenciam à nação israelita, chamados de um “misto de povo”. De acordo com Peters (2010, p. 110), deste ponto em diante, o Deus que chamou uma pessoa, Abraão, passa a trabalhar com um povo para cumprir Seu propósito, a nação israelita. Isaías chama Israel de “luz para os gentios” (Is 42:6; 49:6). Assim, Deus não tira Israel do Egito sem um propósito. O povo de Deus deve desempenhar um papel mediatório, tornando-se sacerdotes de Deus para todo o mundo, sacerdotes empossados pelo Senhor. Em Êxodo 19:4-6, Deus pede que Moisés anuncie ao povo:

Vós tendes visto o que fiz aos egípcios, como vos levei sobre asas de águias, e vos trouxe a mim; Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, então sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos, porque toda a terra é minha. E vós me sereis um reino sacerdotal e o povo santo. Estas são as palavras que falarás aos filhos de Israel.

Para Kaiser (2000, p. 20), após apresentar Seus atos em favor do Seu povo, Deus apresenta o modo como eles deveriam viver: como um reino sacerdotal, um reino de sacerdotes intermediadores entre o mundo e Deus, um papel de mediação para todas as nações. Infelizmente, Israel falhou em viver de acordo com o chamado divino e não cumpriu, de forma cabal, sua missão. Muitos profetas foram enviados para chamar o povo ao arrependimento e à entrega do coração a Deus. No entanto, na maioria das situações, seu esforço foi em vão. Nesse contexto, Moreau (2006, p. 33) afirma que Israel deixou de ser o povo de Deus e os fiéis se tornaram a semente para o desenvolvimento de uma nova perspectiva que se concretizaria no Novo Testamento.

Como consequência da rebeldia israelita em cumprir o plano de Deus, o povo deixou de ser uma nação e tornou-se vítima do exílio. Mas o interessante é que, mesmo

durante o exílio, Deus mantém sinais de esperança para o povo. Jeremias apresenta a possibilidade de um novo chamado para o povo (Jr 3:17), Ezequias profetiza que eles ainda reconhecerão ao Senhor (Ez 36:22, 23) e Zacarias fala de um dia quando o povo judeu realmente viveria seu papel missionário e as nações reconheceriam Deus através de sua prosperidade: Assim diz o Senhor dos Exércitos: Naquele dia sucederá que pegarão dez homens, de todas as línguas das nações, pegarão, sim, na orla das vestes de um judeu, dizendo: Iremos convosco, porque temos ouvido que Deus está convosco” (Zc 8:23).

Durante o exílio, Deus continua usando pessoas específicas de Seu povo para propagar Sua benignidade e proteção, bem como Seu interesse em alcançar as nações para Si. Pode-se citar como exemplo a atuação de Esdras, Neemias, Mardoqueu, Ester e, especialmente, de Daniel e seus companheiros, que resulta na conversão de Nabucodonosor. De acordo com Kaiser (2000, p. 22), essas pessoas atuaram como iniciadores de uma comunidade de adoração nos lugares onde estavam, ao estabelecerem ali a adoração a Deus e atraindo mais pessoas para o reino de Deus.

O Plantio de Igrejas como Expansão do Reino de Deus

Após a libertação do povo de Israel, a nação sai em busca do cumprimento da promessa divina. Como comentado anteriormente por Moreau (2006, p. 33), agora Deus não está mais usando apenas um indivíduo, mas uma nação para cumprir Sua missão. Na direção divina do povo por meio de Moisés e, posteriormente, de Josué, fica evidente o desejo divino de alcançar novos territórios. Deus afirma a Josué que ainda havia muito território a ser alcançado (Js 13:1). De acordo com White (1997b, p. 512), na divisão das terras, cada família precisa tomar novas áreas e estabelecer suas residências. Mesmo durante o período monárquico, a necessidade de novas conquistas para cumprir desígnios

divinos continua presente.

A expansão do reino de Deus envolve a agregação de novos territórios. Este princípio está intimamente ligado com a prática do plantio de igrejas, uma vez que cada nova igreja significa um novo território alcançado para o Senhor. Esta análise permite concluir que o plantio de igrejas é a versão moderna de uma prática antiga e bíblica por meio da qual Deus alcançava um número cada vez maior de regiões e povos para Seu reino. Nesta análise resumida, pode-se concluir que a igreja, de acordo com Berkhof (2009, p. 510), e a missão, de acordo com Kaiser (2000, p. 19), estão fortemente presentes na Bíblia Hebraica. Foi possível também comprovar que a prática de plantio de igrejas está relacionada com o cumprimento da missão de Deus para Sua igreja, afirmação manifesta no estabelecimento de altares e na agregação de novos territórios para o reino de Deus.

Plantio de Igrejas no Novo Testamento

Longe de concorrerem entre si, a Bíblia Hebraica e o Novo Testamento são revelações complementares. A descrição da vontade divina apresentada na Bíblia Hebraica é ampliada no Novo Testamento, que tem por foco o maior acontecimento da história: a vinda de Jesus Cristo. Muitos autores do Novo Testamento referem-se à profecia da Bíblia Hebraica como “a promessa” (La Sor et al., 1996, p. 639), o que mostra que eles compreendiam que os acontecimentos prometidos na Bíblia Hebraica estavam se cumprindo em seus tempos.

Quando se fala sobre missão e, em especial, sobre plantio de igrejas, o Novo Testamento apresenta material mais amplo e explícito, uma vez que relata a nova ordem estabelecida por Cristo quanto à expansão do reino de Deus.

O Plantio de Igrejas e a Expansão do Reino de Deus

A compreensão do Reino de Deus no Novo Testamento está relacionada ao conceito de igreja e missão. Para Ladd (2003, p. 92) o reino de Deus é o centro da pregação de Jesus e traz uma ideia dualística de cumprimento imediato e escatológico. No contexto imediato, o reino de Deus é estabelecido com a primeira vinda de Cristo, que estabelece a presença divina na terra. Nessa compreensão, a pregação do evangelho é a expansão do reino de Deus, ou seja, a propagação da notícia de que o Filho de Deus veio ao mundo a fim de estabelecer uma nova aliança.

A ideia escatológica do reino de Deus faz referência ao reino que será estabelecido por ocasião da segunda vinda de Jesus, com a destruição do mundo atual e a recriação da terra, restabelecendo sua perfeita constituição como quando preparada inicialmente pelo Criador. Desta forma, a expansão do reino de Deus anuncia tanto o reino já estabelecido (na vinda de Cristo) como o reino vindouro (a nova terra). De acordo com Grudem (1999, p. 718), embora a igreja não seja o reino, o reino cria a igreja, porque quando as pessoas entram no reino, unem-se umas as outras, e a igreja testemunha do reino, pois proclama o reino estabelecido e vindouro. Portanto, a expansão do reino provoca e é provocada pela expansão da igreja.

Para Grudem (1999):

A igreja é a comunidade de todos os cristãos de todos os tempos. Essa definição compreende que a igreja é feita de todos os realmente salvos. Paulo afirma que: “Cristo amou a igreja e entregou-se a Si mesmo por ela” (Ef 5:25). Aqui, o termo “igreja” é usado para referir-se a todos aqueles pelos quais Cristo morreu para redimir, todos os salvos pela morte de Cristo. (p. 715)

Esta definição nos leva a entender que, na realidade, em sua natureza espiritual, a igreja é invisível, embora visível. Isso porque ninguém pode avaliar o coração de cada

cristão para ter a certeza de que ele realmente representa a igreja. Grudem (1999, p. 715) apresenta também os propósitos da igreja, quais sejam: adorar a Deus; edificar os cristãos; evangelizar e levar misericórdia ao mundo.

No entanto, o propósito de evangelizar o mundo não ficou claro, a princípio, para os primeiros cristãos. Ladd (2003) explica que:

Os cristãos primitivos não compreenderam de imediato que sua missão era proclamar o evangelho a todo mundo. Permaneceram em Jerusalém e a missão mundial só começou quando a perseguição expulsou os helenistas para fora da capital. (p. 492)

Já o espírito de comunhão e o estabelecimento de pequenas comunidades são dimensões que ficam claras desde o princípio do Novo Testamento: “e perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, e no partir do pão, e nas orações. E em toda a alma havia temor, e muitas maravilhas e sinais se faziam pelos apóstolos. E todos os que criam estavam juntos, e tinham tudo em comum” (At 2:42- 44). O estudo sobre a natureza da igreja no Novo Testamento revela, portanto, que ela é constituída por todos aqueles que são realmente salvos, está ligada com a expansão do Reino de Deus, é parte da missão divina de alcançar o mundo, e nunca teve por propósito estabelecer grandes lugares de adoração centralizados, mas justamente o contrário, pequenas igrejas espalhadas por todos os lugares.

De acordo com Grudem (1999, p. 716), a igreja é uma comunidade de crentes realmente salvos que não é o reino de Deus, mas que é consequência dele e provocada por ele. Assim, a expansão da igreja é estimulada como a própria expansão do reino de Deus. Novas igrejas proporcionam a proclamação do evangelho que leva pessoas ao arrependimento. Quando estas aceitam a Cristo, tornam-se salvas e, uma vez salvas, passam a compor o reino de Deus. Além disso, o plantio de igrejas contribui para a vinda

do reino escatológico de Deus, pois auxilia no cumprimento da missão, agiliza seu cumprimento cabal e, com isso, aproxima o fim.

Plantio de Igrejas nos Evangelhos

Deus preparou o mundo para receber Sua igreja e auxiliar sua rápida expansão e crescimento. Uma breve análise das condições sociais, políticas e geográficas dos tempos de Jesus demonstram que o ambiente favorecia o plantio de igrejas. De acordo com Blomberg (2009), a região de Israel compõe-se de basicamente quatro tipos de terrenos: (1) Planície litorânea, (2) Região central montanhosa, (3) Vale fértil da Galiléia e (4) Desertos.

Nas regiões de planície litorânea e no vale fértil, havia a maior concentração e também movimentação de pessoas. Daniel-Rops (2008) afirma que, embora tenham sido realizados muitos censos na época, a maioria desses dados se perdeu. No entanto, calcula-se que o Império Romano inteiro era composto por mais de 50 milhões de habitantes, contando com grandes concentrações urbanas como Roma, com mais de 1 milhão de habitantes, e Antioquia, com cerca de 500 mil habitantes (Stark, 2006).

Roma possuía o melhor sistema de viagens e comunicação do mundo antigo, o qual só pode ser reproduzido no século XVII. Várias estradas principais ligavam todas as cidades mais importantes. “As vias romanas eram pavimentadas com paralelepípedos e eram largas o bastante para que duas carruagens de dois cavalos cada uma passassem ao mesmo tempo” (Daniel-Rops, 2008, p. 28). As correspondências eram enviadas por pessoas de confiança, navios ou mensageiros profissionais. As notícias do império eram divulgadas por meio de quadros de aviso localizados nas esquinas das cidades ou por arautos. Blomberg (2009) afirma que, embora os ricos tivessem grandes casas que

poderiam conter até doze quartos e três pátios, a maioria da população vivia em casas pequenas e com pouca mobília, o que provocava o recebimento de poucas pessoas por vez nos lares.

Daniel-Rops (2008, p. 29) sugere que o mundo foi cuidadosamente preparado para a chegada do cristianismo. A população crescente e dinâmica, a facilidade de locomoção e comunicação e a disponibilidade para pequenas reuniões nos lares facilitou a expansão da pregação do evangelho e o estabelecimento de pequenas igrejas em diversos lugares.

Os evangelhos estão repletos de indicações da vontade de Deus de fazer Seu reino crescer e se expandir. Em Seus ensinamentos, Jesus predisse o sucesso do crescimento do reino pelo símbolo de uma semente de mostarda. Quase microscópica em tamanho, quando plantada, crescerá suficientemente para que pássaros possam descansar nela. Ele também comparou o crescimento do Seu reino com o fermento (Lc 13:18-21). Quando colocado no pão, o fermento fará com que o pão cresça e, ao mesmo tempo, seja tão leve a ponto de poder ser dividido em fatias.

Em outra ocasião Jesus explicou o crescimento do reino pela parábola de um rei que preparou uma festa de casamento para seu filho. Os convidados, supostamente amigos, deram desculpas para não irem. Diante disso, o rei pediu para que seus servos fossem pelos caminhos e valados e convidassem quantos pudessem achar. O resultado foi um grande número de convidados para celebrar o casamento do filho do rei (Mt 22:1-4). Por esse meio, Jesus ensinou o crescimento do reino.

Jesus também modelou o crescimento de Seu reino. Com seu poder de curar bem como de ressuscitar os mortos, e Sua capacidade de ensinar e falar como ninguém nunca

falou, Jesus poderia ter reunido ao redor de Si uma grande multidão. O reino teria expandido rapidamente. Em vez disso, Jesus escolheu usar mentes e mãos humanas para construir um firme fundamento para o crescimento do reino. Após muita oração e jejum, Ele escolheu homens a quem Ele poderia tornar discípulos.

Os evangelhos apresentam, por várias vezes, Cristo enviando seus discípulos para cumprir a missão. Jesus deu o exemplo para Seus discípulos de como Ele desejava que o trabalho fosse executado. Mateus 9:35 diz: “E percorria Jesus todas as cidades e aldeias, ensinando nas sinagogas deles, e pregando o evangelho do reino, e curando todas as enfermidades e moléstias entre o povo”. Jesus não estabeleceu um grande lugar para receber as pessoas que gostariam de ouvi-Lo, antes viajava para todos os lugares, atendendo as pessoas onde elas estavam. Sua prioridade era ministrar às necessidades das pessoas (Jo 4:34). Após Seu exemplo e ensinamentos, Jesus enviou os doze para atividades missionárias (Mt 10:1, 5). Mais tarde, Jesus envia outros 70 missionários, de dois em dois, para agirem nas cidades (Lc 10:1). Quando os 70 retornam, estavam cheios de alegria pelo resultado de sua missão (Lc 10:17-20).

Quando Jesus deu a grande comissão por ocasião de Sua partida para o céu, essa não constituiu algo totalmente novo, pois os discípulos estavam acostumados a serem enviados em missão e a trabalhar pelo Mestre em diversas localidades, mesmo que antes não houvesse uma declaração explícita sobre isso. A diferença agora é que Cristo não estaria por perto visivelmente. Por essa razão, o Mestre procurou prepará-los, anunciando a vinda do Espírito Santo (Jo 14) e afirmando que haviam recebido toda a autoridade (Mt 28:18).

O Novo Testamento se destaca da Bíblia Hebraica no sentido de ter uma

declaração específica de Missão. Embora ela apareça de maneiras diferentes nos evangelhos, a mais utilizada certamente é a de (Mt 28:19, 20) “Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; Ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos. Amém” .

O mais interessante é que, durante muito tempo, os estudiosos do Novo Testamento deram pouca atenção a esses versos. Bosch (2002) comenta que:

durante um longo tempo, a pesquisa do Novo Testamento parecia estar muito pouco interessada nessa passagem. Até mesmo em comentários de Mateus, pouca atenção era dada a ela. Em sua obra intitulada *A missão e expansão do cristianismo nos três primeiros séculos*, Harnack até brincou com a ideia de que poderiam ser um acréscimo posterior ao evangelho. (p. 81)

Nos anos 40, no entanto, houve uma busca por compreensão deste texto. Monografias e livros foram publicados sobre o assunto. Uma análise um pouco mais aprofundada da grande comissão revela o objetivo divino com essa ordem. O texto não pode ser estudado de maneira isolada, mas precisa ser posto no contexto de todo o evangelho. O evangelho de Mateus é considerado o evangelho didático, e essa característica também é ressaltada na grande comissão.

Os três termos que resumem a essência da missão são: *mathêteuô* (“fazer discípulos”), *baptizô* (“batizar”) e *didaskô* (“ensinar”). Para Mateus, os modelos de discípulos, por excelência, são os primeiros discípulos de Jesus, e o modelo dos primeiros discípulos era o próprio Jesus. Segundo Mateus, não se trata apenas de os discípulos terem de ensinar o que Jesus ensinou (28:20), nem de eles serem colaboradores de Jesus e não meramente Seus mensageiros. Há uma correspondência e solidariedade ainda mais profundas aqui... Jesus e Seus discípulos compartilham o *sofrimento* e a *autoridade*

missionária. (Bosch, 2002, p. 103).

Ensinar não é apenas um empreendimento intelectual, mas uma conclamação a uma decisão concreta de seguir a Jesus e submeter-se à vontade de Deus (Bosch, 2002, p. 93). O único imperativo presente na grande comissão é o de fazer discípulos. Esta é a ordem específica de Jesus para Seus discípulos em todos os tempos: formar novos cidadãos para Seu reino. O processo de discipulado, para ser eficaz, deve acontecer em grupos menores de pessoas para que estas possam se beneficiar da presença de um mentor, sendo, assim, capacitadas para fazer novos discípulos. Para Eims (2002, p. 50), fica evidente, no Novo Testamento, que estratégia de multiplicar o número de pequenas igrejas, ao invés de trabalhar com grandes congregações, facilita o cumprimento da missão apresentada por Cristo.

Para Peters (2002, p. 214) a grande comissão tem importância teológica devido à apresentação da soberania do Senhor (Mt 28:18; Fp 2:9-11, Ap 3:7). De fato, percebem-se, nela, o imperativo, a universalidade, a natureza, a exigência de auxílio humano e a necessidade de preparo espiritual na proclamação do evangelho (Mt 28:18; Mc 16:15, Lc 24:44-47; Jo 20:22-23; At 1:8).

Lucas, em Atos 1:8, apresenta uma expansão geográfica para o cumprimento da missão, avançando para Jerusalém, Judeia, Samaria e até os confins da terra. Esta ordem é utilizada para esboçar todo seu livro, seguindo justamente esta sequência de alcance para a narrativa do desenvolvimento da igreja cristã, fortalecendo o conceito divino de alcance de novos territórios como parte integrante do processo de cumprimento da missão.

Tendo em vista a análise dos textos referentes à grande comissão, pode-se

concluir que o plantio de igrejas está intimamente ligado ao cumprimento da missão, uma vez que oferece o ambiente ideal para a formação e ensino dos discípulos, prepara pessoas para serem batizadas e anexa novos territórios para o reino de Deus.

O Plantio de Igrejas na Igreja Apostólica

É notável a motivação dos primeiros crentes por pregar o evangelho e partilhar da comunhão de Cristo. Por isso, o texto bíblico diz que a igreja crescia todos os dias (At 2:46). Peters (2010, p. 172) escreve que o autor de Atos aparentemente considerou que a adição e a multiplicação de novos membros eram equivalentes à adição e à multiplicação de novas congregações (At 16:5; 9:31). A razoabilidade desta comparação pode ser claramente vista quando se entende que a religião cristã está baseada em relacionamento e amizade. O coração do evangelho é o fato de que Deus, em Cristo, estava reconciliando um povo alienado a Si mesmo (2Co 5:19), um ato de amizade. Em um de Seus últimos momentos com Seus discípulos, Jesus disse aos discípulos que os considerava como amigos. Jesus disse que os cristãos são mais do que servos porque, ao contar-lhes Seus planos para o futuro, Ele os vê como amigos (Jo 15:15). O cristianismo genuíno é um relacionamento permanente fundamentado em amizade com Deus e Sua família humana.

Para Bosch (2002, p. 82), desde muito cedo os apóstolos tiveram a compreensão de que o centro da comissão evangélica era fazer discípulos. Esta afirmação se evidencia no processo seguido na assimilação dos novos membros. O livro de Atos diz que os que se convertiam passavam a partilhar seus bens e ter momentos de comunhão em conjunto, quando estudavam a “doutrina dos apóstolos” (At 2:42 - 46). Os obstáculos para o início do cristianismo foram enormes. Green (1970, p. 78) explica que os apóstolos eram poucos, estavam sendo perseguidos, não tinham uma maneira organizada de avançar,

sofriam pressão por parte dos líderes do judaísmo, eram vistos com cautela pelos romanos, mas todos esses fatos serviram apenas para confirmar o grande desejo que tinham de cumprir a missão a eles confiada e avançar para expansão do reino de Deus.

Os apóstolos ensinavam o povo e estabeleceram pequenas congregações para o estudo da Palavra e a comunhão (At 2). Embora tenha havido um grande número de conversões, não há nenhuma indicação que houvesse sido construído algum grande local para reuniões públicas de adoração. Em vez disso, como afirma Ladd (2003):

No pentecostes um grande número de judeus abraçou a fé cristã (At 2:41; 4:4; 5:14), e não há evidência de que um grupo tão grande pudesse se congregar em um único lugar. O padrão é, antes, o de muitas pequenas “igrejas-do-lar”, congregações separadas, análogas às sinagogas judaicas. Esse também é o modelo das igrejas de Paulo, pois frequentemente lemos a respeito da igreja na casa de alguém. (p. 495)

Depois de sua expansão inicial liderada por Pedro e João, a igreja passou por um pequeno período de estagnação em Jerusalém. Não era plano de Deus que sua recém criada igreja ficasse em apenas uma cidade, mas que se expandisse para todo o mundo (At 1:8). Por esse motivo, o Senhor suscitou a perseguição aos cristãos. Essa perseguição espalhou os cristãos e deu início à mais famosa igreja plantada no livro de Atos: Antioquia (At 11). Antioquia surgiu em função do testemunho dado por aqueles que foram expulsos de Jerusalém. O plantio de Antioquia ocorre a partir do avanço e pregação dos crentes. Uma comunidade se formou e começou a se reunir para adorar a Deus, estudar a palavra e ter comunhão entre os irmãos. Apenas depois de sua formação é que Barnabé foi enviado para consolidar o trabalho.

Não demorou muito para Antioquia se tornar o centro missionário da igreja devido ao seu fervor e dedicação. Com o crescimento, a igreja se multiplicou, escolheu dois líderes, Paulo e Barnabé, e os enviou para que plantassem novas igrejas. Antioquia é

a igreja-mãe de muitas igrejas neo-testamentárias e serviu de base estratégica para o trabalho de Paulo.

Paulo como Plantador de Igrejas

A personalidade marcante de Paulo emprestou ao cristianismo um entusiasmo não antes encontrado na busca pelos gentios, uma motivação certamente vinda de sua compreensão de seu papel no cumprimento da missão. Bruce (2003) comenta:

Muitos outros se dedicaram à evangelização dos gentios, mas nenhum com o planejamento estratégico global, concebido na mente de Paulo e executado de modo tão amplo, por sua energia dinâmica. Essa energia era resultado da sua convicção de que ele era um personagem de importância escatológica, um agente-chave no avanço da história da salvação, um instrumento escolhido nas mãos do Senhor para trazer gentios à obediência da fé, como um preparo necessário para a salvação final de todo Israel e a consumação do propósito redentor de Deus com o Mundo. (pp. 139-140)

O apóstolo Paulo, mais do que qualquer outro, observou a necessidade de não apenas evangelizar as áreas distantes, mas de plantar ali igrejas locais que vivam a Cristo e falem do Seu Nome. Paulo usa as expressões plantar (1Co 3:6-9; 9:7, 10 e 11), lançar alicerces (Rm 15:20; 1Co 3:10) e dar à luz (1Co 4:15), ao se referir ao plantio de igrejas. De acordo com Bruce (2003, p. 140), um dos aspectos que demonstram que Paulo teve a compreensão exata da ordem de Cristo de “fazer discípulos” aparece no fato de que trabalha constantemente formando novos líderes, seja pelo ensino, seja pelo próprio exemplo, levando consigo pessoas para ajudar no trabalho. Barnabé, Silas, Marcos, Tito, Timóteo, Lucas, Áquila, Priscila, entre outros, são alguns que trabalharam lado a lado com o apóstolo e, posteriormente, serviram como líderes em outras comunidades.

Paulo estava convicto de que as antigas promessas de Deus encontravam concretização histórica *na Igreja de Cristo*. Era na Igreja que a restauração de Israel, profetizada nas Escrituras da Bíblia Hebraica, se consumava. Era na Igreja que a

plenitude dos gentios estava entrando (Bruce, 2003). Por isso, Paulo fala da Igreja como sendo a *plenitude* de Cristo (Ef 1:23). É, por isso, que ele fala da Igreja como sendo um *novo homem*, uma nova criação, feita de judeus e gentios, o remanescente fiel de Israel e dos gentios, que agora está sendo trazido à obediência de Cristo Jesus (Ef 2:15; 4:24; Colossenses 3:10).

Esse entendimento de Paulo sobre a Igreja como comunidade escatológica o levava a sair plantando igrejas locais. Tal atividade era uma consequência de como ele entendia a Igreja. Não era um mero ativismo: plantar igrejas por plantar igrejas. Ele não podia fazer outra coisa porque entendia exatamente o que era ser Igreja. Era na Igreja que as antigas promessas encontravam plena consumação.

Paulo compreendia sua época como o início de um tempo especial da história, em que Deus estava consumando o Seu plano de fazer convergir em Cristo todas as coisas, tanto as que estão no céu como as que estão na terra (Ef 1:10). Não se pode perder de vista essa perspectiva, porque está presente em todo o pensamento de Paulo e influencia decisivamente a sua atividade como plantador de igrejas.

O apóstolo trabalha de maneira sistemática alcançando novos territórios, convertendo pessoas, estabelecendo congregações, fortalecendo os novos conversos e treinando líderes para assumir a condução das novas igrejas para que ele possa avançar para conquistar novos territórios. Para Ladd (200, p. 716), a forma como Paulo estabelecia essas congregações não é muito clara. No entanto, fica evidente que, embora diferentes, essas igrejas estavam unidas pela “autoridade apostólica” de Paulo, que agia como uma espécie de superintendente das igrejas, supervisionadas pelos presbíteros, bispos ou anciãos escolhidos por ele.

O processo era simples, Paulo organizava seus convertidos em comunidades, as igrejas locais. O seu objetivo era promover os meios pelos quais eles fossem edificados, instruídos, celebrassem a ceia, cultuassem a Deus e se envolvessem no próprio projeto de expansão do cristianismo. Paulo os batizava, elegia presbíteros dentre eles a quem encarregava do rebanho (At 14:21-23) e, depois de algum tempo, voltava para supervisioná-los (At 15:36; 16:4-5; 18:23). O apóstolo estava totalmente convencido de que a edificação da Igreja, para a qual ele havia sido chamado, acontecia pela proclamação das boas novas e pela organização em igrejas locais daqueles que aceitavam as boas novas. Tal processo continuaria a ocorrer até que a plenitude dos gentios fosse alcançada.

Uma das igrejas plantadas por Paulo foi a de Tessalônica. Esse processo de implantação está relatado em Atos 17. Paulo foi inicialmente à sinagoga e, “por três sábados, arrazoou com eles acerca das Escrituras, expondo e demonstrando ter sido necessário que o Cristo padecesse e ressurgisse dentre os mortos...” (At 17:2-3). As três palavras usadas por Lucas para patentear a pregação de Paulo (*dialegomai*, *dianoigô e paratithêmi*) revelam como o apóstolo anunciava o Evangelho. *Dialegomai* significa “arrazoar, discutir, debater e argumentar com o objetivo de convencer”. Parece que era a prática invariável de Paulo, não somente entre os judeus (At 17:17; 18:4, 19; 19:8), mas até mesmo perante governadores romanos (At 20:9). *Dianoigô* significa “expor, abrir alguma coisa”. É a mesma palavra que Lucas usa para dizer que o Senhor abriu o entendimento de Lídia para compreender o que Paulo estava falando (At 16:14). Expor as Escrituras significa expor a sua mensagem, revelar o seu conteúdo. *Paratithêmi* significa, entre outras coisas, colocar ao lado. É um verbo usado em referência à alimentação (Lc

11:6) e no sentido de fornecer evidências, provar alguma coisa, talvez por comparação, colocando uma coisa ao lado de outra. Era isto o que Paulo fazia: “Aqui estão as promessas das Escrituras, que vocês conhecem bem, e aqui está Jesus de Nazaré. Comparem as duas coisas!” Assim ele demonstrava que Jesus era o Cristo. Na visão de Becker (2007), Paulo demonstra ter uma clara visão do que Cristo espera de seus seguidores no cumprimento da missão. Vários aspectos de sua atuação revelam uma íntima ligação com a vontade de Cristo, ao proferir a comissão evangélica.

Torna-se muito significativo o fato de Paulo utilizar o método de plantio de igrejas para a expansão da pregação do evangelho. Em sua busca pelo cumprimento da missão, Paulo entende que o plantio de igrejas é um método eficaz para o avanço de seu ministério. Como Paulo esmerou-se por trabalhar dentro da orientação divina, pode-se concluir que o plantio de igrejas foi a estratégia escolhida por Deus para o crescimento de Seu reino.

Análise Resumida do Plantio de Igrejas no Novo Testamento

O Novo Testamento apresenta a grande comissão de Cristo que traz como imperativo fazer novos discípulos. Segundo Bosch (2002, p. 83), o Novo Testamento promove a compreensão do reino imediato e escatológico de Deus e a ideia de que a igreja é a comunidade de salvos que existe, entre outras coisas, para proclamar o evangelho ao mundo. Desde seu princípio, a igreja primitiva atuou em pequenas congregações de estudo da palavra. Paulo, ao planejar e atuar na expansão do evangelho para todo o mundo, buscando os gentios, usou o método de plantar pequenas igrejas em grande quantidade. Fica, portanto, claro que o Novo Testamento apresenta e incentiva o plantio de igrejas como estratégia para o crescimento e a expansão do reino de Deus.

Plantio de Igrejas em Ellen White

Ellen G. White é aceita pelos adventistas do sétimo dia como sendo uma profetiza inspirada por Deus. De acordo com Douglass (2001), seus escritos não substituem a Bíblia, antes incentivam a sua leitura e ampliam seus conceitos. Embora Ellen G. White não tenha influenciado diretamente a crença bíblica da Igreja Adventista do Sétimo Dia, seus escritos tiveram um papel preponderante na definição do estilo de vida de seus membros. Muitos dos textos escritos por Ellen G. White estão relacionados com a prática do desenvolvimento da igreja. Ela escreveu sobre trabalho missionário, evangelismo, liderança pastoral, crescimento da igreja, estabelecimento de novas igrejas, etc.

Breve Histórico da Visão Adventista da Missão

Em seus primórdios, o movimento adventista não entendia que ainda existia a missão de pregar o evangelho. De acordo com Shwarz (2009, p. 53), logo após o grande desapontamento, Apollo Hale e Joseph Turner propagaram o conceito conhecido como “porta fechada”, que afirmava que o destino das pessoas havia sido determinado em 22 de outubro de 1844. Desta forma, não havia mais a necessidade de se pregar o evangelho. Diante das dificuldades para a organização do movimento em função da resistência de alguns que entendiam qualquer igreja organizada como sendo Babilônia, demorou para que a igreja pudesse assumir um caráter realmente missionário.

Foi preciso aguardar a organização da Associação Geral (1863), e o início da reforma de saúde (1863) para que a igreja tivesse condições de voltar a discutir o assunto de sua missão. Por isso, somente em 1868, começa um real avanço missionário. Pouco a pouco a igreja foi se expandindo e cada vez mais cumprindo seu papel profético de levar

as três mensagens angélicas ao mundo. No decorrer da história da igreja adventista, muitos métodos evangelísticos foram utilizados e divulgados. Embora exista um renascimento do movimento de plantio de igrejas na atualidade, Ellen White sempre promoveu essa prática em seus escritos.

Missão e Plantio de Igreja nos Livros de Ellen White

A existência da igreja, segundo Ellen G. White (1999, p. 72), está relacionada com o cumprimento da missão. De fato, a igreja só tem sentido se estiver trabalhando para alcançar o perdido. Para a autora, a igreja que trabalha é uma igreja viva. “A igreja de Cristo na terra foi organizada para fins missionários, e o Senhor deseja ver a igreja inteira idealizando meios pelos quais elevados e humildes, ricos e pobres, possam ouvir a mensagem da verdade”.

Na concepção de Ellen G. White (1999, p. 59), a igreja deve ser um centro de treinamento e desenvolvimento dos membros. Ela comenta: “Devia existir um plano bem organizado para o emprego de obreiros que fossem a todas as nossas igrejas, grandes ou pequenas, para instruir os membros sobre como trabalhar para a edificação da igreja e também em favor dos incrédulos.” As igrejas devem se tornar “escolas missionárias” para que os membros aprendam a trabalhar e exercer seus dons espirituais. Uma preocupação com os membros sempre presente nos comentários de White (1993) é o temor de que eles se tornem inativos e não participem do desenvolvimento da igreja:

Aqueles a cujo cargo se encontram os interesses espirituais da igreja devem formular planos e meios pelos quais se dê a todos os seus membros alguma oportunidade de fazer uma parte na obra de Deus. Nem sempre foi isto feito em tempos passados. Não foram definidos nem executados os planos para empregar os talentos de cada um em serviço ativo. Poucos há que avaliem devidamente quanto se tem perdido por causa disto. (p. 351)

Outro ponto destacado em relação à igreja é a necessidade de organização em pequenos grupos de atividade. Para White (1999, p. 82), a igreja deveria ser organizada em pequenos grupos para atuarem na vizinhança e em atividades específicas. Segundo ela, esse é um plano apresentado por Deus. Para a autora, a definição de missão é muito clara: salvar o perdido. Vieira (1990, p. 22) demonstra que, em muitos de seus escritos, ela apela a um senso de urgência que contrasta com um aparente descaso da igreja, uma vez que ela parece desejar despertar a igreja de uma letargia em relação ao cumprimento da missão. Esse despertar é frequentemente relacionado ao caráter escatológico do cumprimento da missão e ao contexto do grande conflito entre o bem e o mal (White, 1999):

Despertemos! A batalha está sendo travada. A verdade e o erro estão se aproximando do conflito final. Marchemos sob a bandeira manchada de sangue, do Príncipe Emanuel, e combatamos o bom combate da fé, e alcancemos as honras eternas; pois a verdade triunfará, e podemos ser mais que vencedores por Aquele que nos amou. Meus irmãos e irmãs, é demasiado tarde para dedicar vosso tempo e forças para servir a vós mesmos. Não vos encontre o último dia destituídos do tesouro celestial. Procurai promover os triunfos da cruz, procurai iluminar almas, trabalhar pela salvação de vossos semelhantes, e vossa obra resistirá à penosa prova de fogo. A obra está a finalizar-se rapidamente e, por toda parte, aumenta a impiedade. Despertemos da sonolência espiritual, e consagremos ao Senhor tudo o que temos e somos. Seu Espírito permanecerá com os verdadeiros missionários, proporcionando-lhes poder para o serviço. (p. 77)

No processo de propagação do evangelho, White (1997a, p. 105) reconhece que é necessário atualizar e diversificar os métodos para alcançar pessoas diferentes em épocas diferentes. Os tempos mudam, a sociedade muda, o contexto cultural muda, e a igreja corre o risco de tornar-se irrelevante à comunidade na proclamação da mensagem se não conseguir adaptar seus métodos a seus ouvintes. Segundo White (1997a, p. 22), a missão da igreja é, portanto, salvar o perdido e alcançar mais pessoas para o reino de Deus. Nota-se a mesma relação encontrada em Ladd (2003, p. 498) que associa o cumprimento da

missão à expansão do reino de Deus e à consumação escatológica.

Razões de Ellen White para o Plantio de Igrejas

Uma vez que incentivou a diversidade de métodos para o cumprimento da missão, Ellen White defendeu o plantio de novas igrejas continuamente. De acordo com Burrill (1999, p. 82), White visualizou a expansão da Igreja Adventista pelo globo estabelecendo igrejas em cada canto da Terra. Para ela, nenhum lugar era pequeno demais ou grande demais para que uma igreja fosse plantada. Segundo White (1997, p. 72), “igrejas devem ser organizadas e planos formulados para o trabalho que se realizará pelos membros das recém organizadas igrejas. Esta obra missionária do evangelho precisa manter-se atingindo e anexando novos territórios, ampliando as porções cultivadas da vinha. O círculo deve ser estendido até que rodeie o mundo”

É interessante notar que a autora utiliza a mesma abordagem encontrada na Bíblia Hebraica e no Novo Testamento da expansão por agregação de novos territórios. Parece claro o intento divino de alcançar mais e mais regiões para Seu reino ao invés de grandes aglomeração em poucos lugares. White (1999) faz, inclusive, um apelo aos irmãos:

Não é desígnio de Deus que Seu povo forme colônias, ou se agrupe em grandes comunidades. Os discípulos de Cristo são representantes Seus na Terra, e Deus tem por desígnio que se disseminem por todo o país, nas cidades e vilas, como luzes em meio às trevas. Necessitam-se missionários que vão a cidades e vilas erguendo aí a bandeira da verdade, para que Deus tenha Suas testemunhas espalhadas por toda a Terra, a fim de que a luz da verdade penetre onde ainda não chegou, e a bandeira da verdade seja hasteada onde ainda é desconhecida. Consumir grandes somas de dinheiro em uns poucos lugares é contrário aos princípios cristãos. Cada edifício deve ser levantado tomando-se em consideração a necessidade de construções semelhantes em outros lugares. Deus pede aos homens em posições de confiança em Sua obra que não barrem o caminho do progresso usando de forma egoísta todos os meios que possam ser poupados, em uns poucos lugares privilegiados ou em um ou dois ramos da obra. (pp. 248-249)

A sugestão para os membros é que mudem para outros territórios com o objetivo

de iniciar novas congregações: Em cada cidade onde a verdade é proclamada, devem-se levantar igrejas. Em algumas cidades grandes é preciso que haja igrejas em diferentes partes da cidade.

White (1999) disse:

Os membros de nossas igrejas podem realizar um trabalho que, por enquanto, mal iniciaram. Nenhum deles deverá mudar-se para outras localidades simplesmente por interesse de vantagens terrenas; mas onde houver oportunidade de ganhar a subsistência, vão as famílias que estejam bem firmadas na verdade, uma ou duas numa localidade, para trabalhar como missionários. Deverão sentir amor às almas, a responsabilidade de trabalharem por elas, e estudar a maneira de atraí-las para a verdade. Poderão distribuir nossas publicações, realizar reuniões em suas casas, fazer-se amigos dos vizinhos, e convidá-los para frequentarem essas reuniões. Dessa maneira, poderão fazer brilhar sua luz por meio de boas obras. (p. 249)

Muitos de seus textos incentivando o estabelecimento de novas congregações provinham de visões recebidas de Deus. De acordo com Burrill (1999, p. 82), Ellen White entendia que plantar igrejas em vários lugares do mundo era como estabelecer memoriais da presença divina. Esta ideia está associada com o contexto da Bíblia Hebraica do estabelecimento de altares como igrejas e memoriais da presença de Deus. Ellen White destacou também a necessidade de se plantarem igrejas em grandes centros urbanos. Ela cita Nova Iorque, Chicago, Washington, entre outras, como sendo lugares estratégicos para o estabelecimento de novas congregações.

Um acontecimento interessante envolvendo o então presidente da Associação Geral, A. G. Daniells, demonstra a preocupação que ela tinha com o evangelismo urbano. Muitas vezes ela escreveu aconselhando os líderes da igreja a investirem em evangelismo nas grandes cidades, mas eles se recusaram a ouvir suas palavras. Em 1910, Daniells foi visitar Ellen G. White em sua residência na Califórnia, mas ela se recusou a recebê-lo até que atendesse seus conselhos. O presidente afirmou posteriormente que aquela foi uma

das experiências mais humilhantes de sua vida, mas funcionou, ele voltou para a sede da igreja e trabalhou em projetos para o avanço nas grandes cidades.

Burrill (1999, p. 86) destaca seis razões pelas quais Ellen White apoiava o método de plantio de igrejas: (1) Traz reavivamento espiritual para os membros de grandes igrejas:

Muitos dos membros de nossas igrejas grandes relativamente nada fazem. Poderiam eles realizar um bom trabalho se, em vez de se aglomerarem, se dispersassem em lugares ainda não atingidos pela verdade. As árvores plantadas junto demais umas das outras, não se desenvolvem. São elas transplantadas pelo hortelão a fim de terem espaço para crescer, e não ficarem mirradas e débeis. O mesmo procedimento daria bons resultados em nossas igrejas grandes. Muitos membros estão morrendo espiritualmente por falta desse mesmo trabalho. Estão-se tornando fracos e incapazes. Transplantados que fossem, teriam espaço para crescer fortes e vigorosos. (White, 1997c). Seria muitíssimo melhor para seus filhos, para eles próprios e para a causa de Deus, se eles permanecessem nas igrejas menores, onde seu auxílio é necessário, em vez de irem para as maiores onde, devido a não serem ali necessários, há constante tentação a cair em inatividade espiritual. (p. 248)

(2) Traz reavivamento para a igreja como instituição, se for colocado como uma prioridade; (3) Aumenta a possibilidade de que a igreja alcance mais pessoas com a mensagem de salvação; (4) Desperta nos pastores a apreciação pelo valor de cada alma; (5) Cultiva o espírito missionário e erradica o egoísmo:

Coisa alguma despertará tanto um abnegado zelo e dará amplitude e resistência ao caráter como empenhar-se em trabalho para benefício de outros. Muitos cristãos professos, ao procurarem as relações da igreja, não pensam senão em si mesmos. Desejam fruir a comunhão da igreja e os cuidados pastorais. Fazem-se membros de grandes e prósperas igrejas, e ficam satisfeitos com pouco fazer pelos outros. Por esta maneira, estão-se roubando a si mesmos as mais preciosas bênçãos. Muitos seriam beneficiados em sacrificar suas aprazíveis associações, conducentes ao comodismo. Necessitam ir aonde suas energias serão requeridas em trabalho cristão, e aprenderão a assumir as responsabilidades. (p. 151)

(6) É um claro mandado de Cristo:

Repetidamente nos tem vindo a palavra do Senhor, dizendo que deve haver outros estabelecimentos, tanto igrejas como escolas, em outras localidades, que há demasiado peso de responsabilidades em um lugar. Tire-se o povo dos grandes

centros, e estabeleça-se interesse em outros lugares, é a recomendação feita. O Senhor declarou que Sua obra deve ser levada avante no mesmo espírito em que foi começada. O mundo deve ser advertido. Deve-se penetrar em campo após campo. É-nos dada a ordem: Acrescentai novos territórios. (p. 198)

Resumo sobre o Plantio de Igrejas nos Livros de Ellen G. White

Esta breve análise do plantio de igrejas nos livros de Ellen G. White revela que ela compreendia a igreja como sendo a instituição estabelecida por Deus para o cumprimento da Missão. Cada igreja deve ser uma escola missionária, fazendo discípulos e preparando-os para o serviço.

Pode-se constatar também que Ellen White era grande defensora e incentivadora do método de plantio de igrejas. Ela demonstrou que este método é a vontade de Deus para Seu povo, que facilita o cumprimento da missão, traz reavivamento espiritual, aumenta a participação dos membros e estimula a busca pelo perdido.

Constantemente novos territórios devem ser anexados ao reino de Deus, novas igrejas devem ser plantadas e famílias devem ser estimuladas a mudarem de casa e a estabelecerem igrejas em regiões ainda não alcançadas pelo evangelho.

Síntese

Este capítulo procurou apresentar os fundamentos teológicos encontrados na Bíblia Hebraica, no Novo Testamento e nos livros de Ellen White para o plantio de igrejas. Pode-se perceber uma coerência entre as três fontes, uma vez que todas apresentam a igreja como sendo formada por membros cujo objetivo principal deveria ser cumprir a missão que Deus confiou a Seu povo, qual seja, fazer discípulos de todas as nações. Igualmente, percebe-se que o plantio de igrejas é uma estratégia incentivada tanto

pela Bíblia quanto pelo Espírito de Profecia como sendo um método eficaz para o cumprimento da missão e para a expansão do reino de Deus.

CAPÍTULO 3

O PLANTIO DE IGREJAS NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA

Existe uma abundante literatura sobre o plantio de igrejas. Os últimos anos testemunharam uma efervescência acadêmica e pastoral sobre o tema, mediante a qual plantadores de igreja se dedicaram a relatar sobre suas pesquisas ou experiências relacionadas a essa atividade.

O objetivo deste capítulo é expor as principais conclusões da literatura contemporânea sobre o plantio de igreja e analisar sua contribuição para essa prática.

Conceitos Básicos de Plantio de Igrejas

Nesta seção, são abordados os principais conceitos elementares que têm contribuído para a eficaz aplicação da pesquisa sobre plantio de igrejas no dia-a-dia da igreja local.

O Plantio de Igrejas e a Grande Comissão

Não há sentido no plantio de novas igrejas se não houver uma preocupação constante em cumprir a grande comissão. Todas as atividades da igreja devem estar em harmonia como este mandado divino. Evangelizar não significa simplesmente levar uma doutrina ou religião para as pessoas, mas sim estabelecer um relacionamento íntimo entre

elas e Cristo. Nesse relacionamento espiritual, está a essência do cumprimento da grande comissão (Schedd, 2006, p. 95). A missão está no cerne do que significa ser a igreja de Cristo, mas não é apenas missão, é uma capacitação dinâmica da igreja para a redenção da humanidade perdida (Burrill, 2007, p.15).

Nos primeiros esforços da igreja protestante americana em direção às missões e ao cumprimento da ordem de Cristo, a conquista de novos territórios através do plantio de novas igrejas esteve geralmente presente (Klauber & Manetsch, 2008, p. 87). De forma especial, metodistas e presbiterianos sentiram um apelo marcante para que se preocupassem em alcançar mais discípulos em novas localidades, estabelecendo pequenos locais de adoração para facilitar o acesso aos nativos da região (Klauber & Manetsch, 2008, p. 87).

Uma análise da grande comissão revela como o plantio de igrejas deve acontecer para satisfazê-la. De acordo com Malphurs (2004), a grande comissão destaca a busca intencional das pessoas perdidas, o que fica claro no mandado divino de ir. Além disso, ela apresenta um binômio constante que inclui evangelizar e edificar, pois solicita não apenas o alcance de todas as nações, mas também o ensino e a formação de discípulos. Paulo (Ef 4:11-16) destaca que a igreja primitiva entendeu esta ordem e procurou cumpri-la (Malphurs, 2004, p. 42). A busca por novos territórios e pessoas para as novas igrejas compõe a tarefa bíblica de avanço e formação de novos discípulos.

O Plantio de Igrejas e o Crescimento Numérico

As igrejas novas crescem mais rápido do que as igrejas mais antigas e maiores. As igrejas mais antigas acabam se acomodando e ficando confortáveis com o que já

alcançaram (Burrill, 1999, p. 93). Assim como na natureza as plantas e seres vivos em geral chegam a um momento em que não podem mais crescer e seu crescimento acontece pela multiplicação, as igrejas chegam a um momento de estagnação em que o crescimento acontece pelo plantio de novas igrejas (Rode, 2007, p. 97).

Malphurs (2004) comprova essa afirmação mostrando um estudo que compara igrejas iniciadas entre 1972 e 1981 com igrejas que já existiam antes de 1971. Essas igrejas foram examinadas de acordo com a quantidade de membros, sendo classificadas de 1-50, 51-100, 101-200, 201-400, 401-600, 601-1000 e 1000+. O crescimento de cada igreja estudada foi baseado no percentual de crescimento de todas elas entre os anos 1981 e 1986. O resultado foi que as igrejas fundadas entre 1972 e 1981, de todos os tamanhos, cresceram a uma taxa de 60 a 80 por cento, enquanto que as que começaram antes de 1971 cresceram entre 20 e 60 por cento, sendo que as maiores ficaram todas na faixa dos 20 por cento (Malphurs, 2004, p. 43).

Esse crescimento superior ocorre porque as igrejas mais novas evangelizam melhor do que as mais velhas, devido ao entusiasmo de seus membros e ao desejo de crescimento. Além disso, acreditam mais em seus líderes, uma vez que foram convertidas por eles e lhes desenvolveram admiração e gratidão por esse fato. Assim, são mais flexíveis em relação às tradições (Malphurs, 2004, p. 43). As novas igrejas não carregam consigo tradições longamente estabelecidas que necessitam ser quebradas para que a igreja se torne mais relevante à sociedade na qual está inserida. Este é um fator de grande dificuldade para igrejas mais antigas que sentem a necessidade de manter as tradições dos antepassados como sendo garantia de manutenção da identidade (Malphurs, 2004, pp. 43-46).

O Plantio de Igrejas e a Liderança

Um conceito altamente relevante no plantio de igrejas é o do compromisso da liderança. Por isso, o time que irá liderar o processo de plantio de igrejas deve ser definido ainda na fase de preparação para o trabalho (Faircloth, 1991, p. 48). Como exemplo disso, Stetzer (2006, p. 107) apresenta a liderança de Paulo no plantio de igrejas no Novo Testamento, mostrando como o apóstolo determinava antecipadamente os passos de avanço e territórios para as novas igrejas, chegando primeiro à Antioquia da Pisídia (At13:14), depois a Icônio (14:1), Listra (14:7) e Derbe (14:21).

Gonzáles (1984, p. 246) também apresenta a liderança do ministério itinerante leigo como um dos maiores fatores do crescimento das igrejas metodistas e batistas do século 19. Além disso, Stetzer (2006, p. 111) cita exemplos contemporâneos de como o compromisso da liderança pode ser determinante para o sucesso do plantio. Assim, conta a história de Bob Gomez, que plantou sua primeira igreja, em 2002, no Texas. Desde então, ele tem sentido um chamado divino para plantar igrejas: somente entre junho e novembro de 2005, Gomez plantou cinco novas igrejas. O método de Gomez consiste em plantar a igreja, desenvolver a liderança e partir para um novo projeto.

Um aspecto especial da liderança comprometida que influencia diretamente o sucesso do plantio de igrejas é um perfil de líder voltado para a capacitação de outros líderes. Formar equipes diversificadas e comprometidas, buscando o desenvolvimento equilibrado entre projetos e pessoas, é considerada uma das características da liderança do novo século (McLaren, 2004, p. 159). Em pesquisa realizada em mil igrejas espalhadas pelo mundo, notou-se que as igrejas que mais crescem são aquelas que possuem líderes capacitadores, hábeis em

formar novos líderes (Schwarz, 1996, p. 22). Essa característica é essencial especialmente nas novas igrejas, uma vez que elas possuem poucos líderes experientes e grande parte de sua equipe é composta por membros recém convertidos.

O plantio de igrejas também contribui para a formação de novos líderes nas igrejas-mãe. Quando um núcleo deixa a igreja mais antiga a fim de fundar uma nova igreja, os líderes que partiram deixam um espaço que precisa ser preenchido na igreja-mãe. Desta forma, novos líderes são formados tanto na igreja nova quanto na igreja original (Burrill, 1999, p. 43).

O Plantio de Igrejas e o Evangelismo

As igrejas têm a tendência de seguir as características da geração que as formou. Suas tradições são ancoradas no pensamento de seus pioneiros e no momento sócio-cultural, político e econômico em que foram formadas. Uma igreja tende a tornar-se obsoleta em relação ao contexto cultural em no máximo 30 anos (Burrill, 1999, p. 94). Essa questão da proximidade cultural é amplamente discutida nas diversas religiões, inclusive nos primórdios da igreja adventista do sétimo dia (Knight, 2006, p. 162). Desta forma, igrejas mais antigas têm maior dificuldade em entender as gerações que surgiram após sua fundação. Alguns filhos dos fundadores tentam adaptar os métodos e isso catalisa conflitos de geração dentro da igreja (Burrill, 1999, p. 94).

Por outro lado, muitas igrejas falham na evangelização por não conhecer profundamente o público que querem alcançar. Elas estão por tanto tempo fechadas em si mesmas que não conseguem mais enxergar as necessidades daqueles que não fazem parte de seu círculo interno (Barna, 1998). As pessoas não são conquistadas para Cristo da

maneira como nós queremos que elas sejam, mas sim da maneira como estão acostumadas a aprender. Assim como na pescaria, é necessário utilizar a isca certa, e isso demanda conhecimento profundo do grupo (Warren, 1995, p. 195).

Quando novas igrejas são plantadas, elas nascem em um novo contexto sócio-cultural e portanto possuem maior capacidade de entender a comunidade na qual estão inseridas (Harrison et al. 2008, p. 48). Se o evangelismo não levar em consideração a cultura na qual a igreja está inserida, corre o risco de ser ineficaz. É preciso que a igreja esteja “encarnada” na comunidade (McIntosh, 2003, p.123). Esse tipo de interação com a sociedade só é possível através de um evangelismo de relacionamento. Quando o evangelismo é feito de maneira profissional e mecânica, as pessoas acabam não se envolvendo. Por outro lado, quando há uma imersão na sociedade, a interação acontece naturalmente (Gladden, 2000, p. 30). De fato, ao estudar o Novo Testamento, especialmente as cartas paulinas, percebe-se claramente uma orientação no sentido de buscar a imersão na cultura que se procura alcançar (Bakke, 1997, p. 174). Paulo escreveu sobre esse tema e deu seu exemplo pessoal. No livro de Atos, podem-se encontrar diferentes abordagens do apóstolo contextualizadas a diferentes públicos que ele desejou alcançar (Carson, 2005, p. 56).

Devido a sua necessidade de adaptação para seu próprio nascimento, seus métodos de evangelismo tornam-se contextualizados e relevantes culturalmente para a sociedade. Neste sentido, também o crescimento é facilitado, como citado anteriormente, devido à maior relevância que a pregação assume nessas circunstâncias (Burrill, 1999, p. 94).

Quanto maior o número de novas igrejas, maior o número de grupos diversificados que serão alcançados. As pesquisas revelam que as pessoas atualmente não escolhem sua igreja levando em consideração a geografia, mas sim a afinidade com o estilo da igreja: quanto mais igrejas forem plantadas tendo por foco grupos específicos, com características diversificadas, maior será o número de grupos alcançados para o evangelho (Burrill, 1999, p. 95).

O Plantio de Igrejas e a Mobilização dos Membros

Um dos grandes problemas das igrejas na atualidade é o grande número de membros leigos inativos. Quanto maior o número de membros ativos na igreja, mais saudável será a igreja (Burrill, 1999, p. 93). Historicamente o movimento adventista contou com um grande apoio do movimento leigo, a ponto de ser estudado em determinados momentos de sua história por outras denominações (Vieira, 1990, p. 79), mas essa característica infelizmente não se mantém nas igrejas de hoje. Boa parte se deve ao sistema de comissões de nomeações baseado em tarefas e não nas aptidões das pessoas. O plantio de igrejas proporciona que os membros se desenvolvam no contexto das necessidades específicas do projeto em relação a suas características pessoais (Burrill, 1993, pp. 93-94).

O primeiro ponto vital para uma igreja crescer é que o pastor use seus dons para conduzir a igreja ao crescimento e o segundo ponto vital é uma mobilização de membros leigos bem orientados e comprometidos com o trabalho de desenvolvimento da congregação (Wagner, 1984, p. 77). Envolver os membros não traz apenas benefícios

visuais, mas melhora seu desempenho espiritual e os torna mais preparados para amar a Deus, ao próximo e a si mesmos (Rainer, 2006, p. 46).

Uma das razões por que muitas pessoas estão inativas se deve ao fato de imaginarem que muitas pessoas com talentos semelhantes aos seus já estão auxiliando nos serviços com os quais mais se identificam. Por essa mesma razão, o percentual de pessoas ativas em grandes igrejas é menor do que nas pequenas igrejas (Burrill, 1999, p. 93). Em contrapartida, o plantio de novas igrejas impõe a necessidade do envolvimento de um maior número de pessoas para o trabalho. A mobilização de membros será tanto no sentido de criar a nova igreja quanto no sentido de substituir os líderes que partirem da igreja-mãe (Burrill, 1999, p. 93). Líderes leigos treinados e comprometidos devem estar engajados na nova igreja antes mesmo que ela comece (Logan, 1989, p. 19). De fato, são necessários líderes para atuar na comunidade, entre os novos conversos, na administração dos recursos e na condução da igreja (Stetzer, 2006, p. 150).

Em muitas igrejas, o processo de plantio de novas igrejas começa pela formação de pequenos grupos ou células. Trata-se de uma boa estratégia para mobilização e preparo dos líderes leigos. Nesses casos, a liderança é formada quando o trabalho ainda está sob a supervisão da igreja-mãe e de líderes mais experientes. Quando isso acontece, consegue-se fortalecer a nova congregação na ocasião mesma em que esta começa a existir (Neighbour, 1990, p. 82). Por essa razão, é recomendável que aqueles que plantam uma nova igreja mobilizem leigos comprometidos para que estes deem o suporte necessário para o nascimento saudável da nova congregação (Stetzer, 2006, p. 150), envolvendo-os em pequenos grupos.

O Plantio de Igrejas no Contexto Cultural

Existe uma diferença entre evangelismo culturalmente relevante e ministério culturalmente relevante. O primeiro refere-se ao ato da busca do perdido utilizando-se de métodos contextualizados em relação ao grupo que se pretende alcançar. Significa estudar as características do grupo, entender como ele pode ser alcançado e usar as estratégias evangelísticas adequadas. Já o segundo conceito está relacionado com a existência dos ministérios da igreja voltados para atender as necessidades do público externo. Quando os dois princípios são aplicados, tem-se o que hoje se denomina “igreja missional” (Stetzer, 2006, p. 164).

Um ministério culturalmente relevante precisa compreender intimamente as necessidades da comunidade na qual a igreja está inserida e atender primariamente suas necessidades, mostrando que a preocupação principal da igreja é o bem-estar das pessoas. (Stetzer, 2006, p. 164). Isso não significa abrir mão dos princípios cristãos defendidos pela igreja, pois Deus não muda Seus princípios de acordo com a cultura, mas sim partilhar os mesmos princípios com roupagem diferente (Sweet & Crouch, 2003, p. 232). O plantio de novas igrejas facilita o processo de ministérios culturalmente relevantes, pois as novas igrejas nascem com características semelhantes à comunidade na qual estão inseridas. O núcleo inicial da nova igreja precisa, no entanto, estar intimamente ligado com a comunidade, participar dela e viver com ela. A partir de então, esse grupo totalmente integrado, juntamente com os novos conversos, tem as condições necessárias para desenvolver ministérios relevantes para as necessidades do público externo (Stetzer, 2006, p. 165).

Modelos Contemporâneos de Plantio de Igrejas

Existem inúmeros modelos contemporâneos de plantio de igrejas. Cada modelo está relacionado com vários fatores, tais como: o estilo do plantador, a região geográfica a ser alcançada, o público-alvo, o objetivo do plantio da nova igreja, as características da igreja-mãe, a personalidade dos líderes do grupo inicial, etc. A escolha do modelo que será utilizado é muito importante para auxiliar na determinação dos objetivos e metas da equipe de plantio (Steffen, 1993, p. 77). Existem três fatores básicos que influenciam a escolha do modelo:

1. O Plantador de Igreja – O modelo de plantio de igrejas tende a refletir a história, metas e aspirações de quem o desenvolve. Nacionalidade, contexto étnico, personalidade, estilo de liderança, dons espirituais, todos esses fatores vão determinar a forma de atuação do líder (Steffen, 1993, pp. 78-79).

2. A Visão – A visão que o grupo estabelece determina também o seu modo de atuação (Steffen, 1993, pp.78-79).

3. O Público-Alvo – O estilo do público que se deseja alcançar vai determinar o modelo a ser escolhido. Diferentes tipos de públicos exigem diferentes tipos de métodos, pois nem todos os grupos reagem da mesma forma. Por consequência, nem todos os modelos funcionam em todos os grupos e circunstâncias (Steffen, 1993, pp.78-79).

Assim, nesta seção serão apresentados alguns dos mais relevantes métodos de plantio de igrejas difundidos na literatura contemporânea, incluindo o ciclo paulino, de David J. Hesselgrave; o modelo pentafásico, de Tom A. Steffen; o modelo de seis fases, de Gary Rohrmayer; o modelo de sete passos, de Donald A. McGavran; o sistema PERT, de Samuel Faircloth; e o processo reprodutivo, de Aubrey Malphurs.

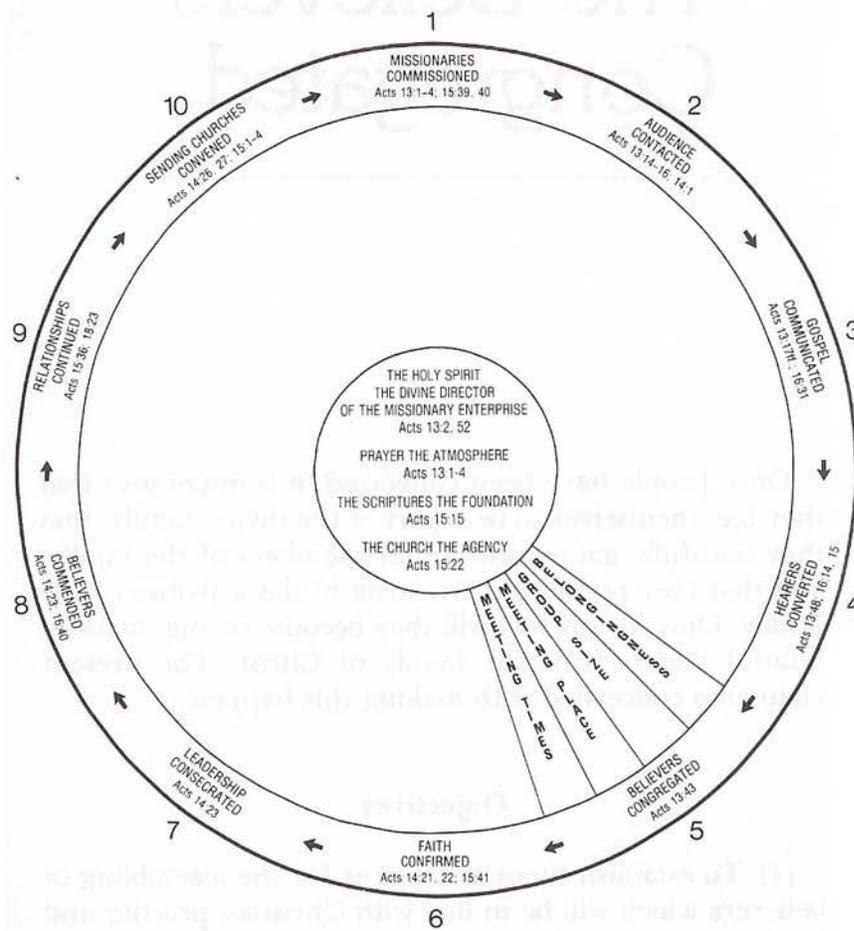
O Ciclo Paulino de David J. Hesselgrave

David J. Hesselgrave, professor de missões e diretor da Escola de Missões Mundiais e Evangelismo, na Trinity Evangelical Divinity School, apresenta um modelo de plantio de igrejas baseado no trabalho do apóstolo Paulo, conforme sua leitura do livro de Atos dos Apóstolos. Trata-se do assim-chamado “Ciclo Paulino”. Com base em sua análise de Atos, o autor determina os seguintes passos:

- 1 – Comissão de missionários (At 13:1-4; 15:39-40)
- 2 – Contato com a audiência (At 13:14-16; 14:1; 16:13-15)
- 3 – Comunicação do evangelho (At 13:17; 16:31)
- 4 – Conversão dos ouvintes (At 13:48; 16:14, 15)
- 5 – Congregação dos crentes (At 13:43)
- 6 – Fé Confirmada (At 14:21, 22; 15:41)
- 7 – Consagração da liderança (At 14:23)
- 8 – Envolvimento dos crentes (At 14:23; 16:40)
- 9 – Desenvolvimento de relacionamentos (At 15:36; 18:23)
- 10 – Envio das igrejas convocadas (At 14:26, 27; 15:1-4) (Hesselgrave & Blomberg, 1980, p. 58).

Segundo a concepção de seu propositor, o ciclo paulino pode ser mais bem compreendido ao se observar sua “Figura 39”, reproduzida a seguir:

FIGURE 39
“THE PAULINE CYCLE”



“... many of the Jews and of the God-fearing proselytes followed Paul and Barnabas...” (Acts 13:43).
 “Not forsaking our own assembling together...” (Heb. 10:25).

Figura 1. O ciclo paulino (Hesselgrave & Blomberg, 1980).

Existem objeções a este modelo, entre outras: obviedade, impossibilidade de sistematizar o método de Paulo em dez simples frases, inexistência ou não cumprimento dessas atividades no trabalho de Paulo.

O autor rebate com a declaração de que obviedade não pressupõe incoerência e que sistematização não implica em simplismo. Assim, Paulo pode não ter seguido todos

esses passos em todos os lugares, mas ele não plantou igrejas em todos os lugares que passou, nem trabalhou sozinho. Em algumas circunstâncias, sua equipe realizou algumas dessas atividades por ele (Hesselgrave & Blomberg, 1980, p. 59-61).

Existem quatro aspectos importantes no ciclo paulino: possui princípio e fim, promove continuidade, é sincrônico e diacrônico e pode ser aplicado tanto em uma igreja existente como em novas igrejas (Hesselgrave & Blomberg, 1980, p. 61-62).

As Cinco Fases de Tom A. Steffen

Tom A. Steffen, professor de plantio de igrejas na Biola University, no sul da Califórnia, trabalhou como plantador de igrejas por quinze anos nas Filipinas. Steffen apresenta um modelo de plantio de igrejas com foco transcultural. Seu modelo contempla cinco fases:

Fase 1 – Pré-entrada: É a fase de preparação das pessoas que desejam participar do projeto. Esse preparo envolve atividades teóricas e práticas, tendo como textos de estudo a Bíblia, livros técnicos sobre a cultura-alvo, livros sobre o ministério, pesquisas recentes sobre o público-alvo, consulta às agências de missões, entre outros estudos (Steffen, 1993, p. 7). Durante esta fase, o plantador de igreja deve se preocupar também em lançar as bases financeiras e espirituais para seu projeto. É imprescindível dedicar longos períodos à oração e meditação em busca da vontade de Deus, além de buscar contato com possíveis patrocinadores do projeto (Steffen, 1993, p. 7).

Fase 2 – Pré-evangelismo: Esta fase começa com o grupo de trabalho se dirigindo para o local onde se pretende plantar a igreja. A ênfase desta fase é aprender, na prática, sobre o público-alvo (Steffen, 1993, p. 8). O grupo precisa conhecer as necessidades das

peessoas, desenvolver relacionamentos de qualidade com indivíduos-chave da comunidade e fazer indagações profundas sobre as causas locais e seus reflexos na cosmovisão das pessoas (Steffen, 1993, p. 8).

Fase 3 – Evangelismo: A fase de evangelismo é uma continuação natural da fase anterior. Todo o processo de penetração na comunidade continua concomitantemente com o estreitamento dos relacionamentos e o atendimento das necessidades, só que adicionando agora a proclamação do evangelho, fortemente fundamentada nos itens anteriores (Steffen, 1993, p. 8).

Fase 4 – Pós-evangelismo: Durante o pós-evangelismo, a equipe de trabalho se concentra no crescimento quantitativo e qualitativo (Steffen, 1993, p. 8). A equipe precisa desenvolver, por ensino e exemplo, uma sólida base para a implantação de uma filosofia de ministérios que contemple a adoração significativa, a liderança autóctone, o conhecimento fundamentado na Bíblia, a continuação no atendimento das necessidades sociais, estratégias para o alcance de novos convertidos, o ensino com base em literatura pertinente para o crescimento interno, literatura para distribuição e associações para missões (Steffen, 1993, p. 8). Neste período, os novos convertidos começam paulatinamente a trabalhar por si mesmos e a assumir uma liderança de igreja com base em sua cultura (Steffen, 1993, p. 8).

Fase 5 – Partida: A equipe inicial de trabalho começa a deixar suas atividades nesta fase. A equipe deixa lentamente de tomar as decisões e empreender ações práticas e seus integrantes passam a agir como mentores dos líderes locais a fim de que estes se tornem capazes de tomar suas próprias decisões (Steffen, 1993, p. 8). A equipe continua

trabalhando por um tempo até que possa sair totalmente e reiniciar todo o processo em outra cultura (Steffen, 1993, p. 8).

Os Seis Estágios de Gary Rohrmayer

Gary Rohrmayer, escritor e plantador de igrejas por mais de vinte anos, estabeleceu um modelo de plantio de igrejas em seis estágios:

Estágio 1: relacionamento com Deus e com as pessoas. Este primeiro estágio divide-se em preparo espiritual e busca de suporte por parte das pessoas para a realização do projeto. Primeiramente o plantador de igreja deve dedicar tempo de qualidade para ouvir a voz de Deus. Assim, esse processo começa com longos períodos de oração solitária (Rohrmayer, 2006, p. 22).

O desenvolvimento das disciplinas espirituais é fundamental neste estágio. Rohrmayer destaca cinco leis da liderança espiritual: submissão, integridade, responsabilidade, multiplicação e resistência. Cada uma dessas leis aprofunda o relacionamento com Deus e mostra o caminho a ser seguido a fim de que se possa liderar os outros (Rohrmayer, 2006, p. 23-27).

A grande tentação do líder neste momento é pensar que já tem toda a visão necessária para seu projeto e, por isso, acabar agindo antes da hora. Não é possível apressar a comunicação divina. É necessário diminuir o ritmo de atividade e aprofundar-se no relacionamento de qualidade com Deus até ouvir verdadeiramente Sua voz (Rohrmayer, 2006, p. 27).

Rohrmayer afirma que Deus: fala conosco (Hb 1:1-2; deseja ter um relacionamento íntimo conosco (Ap 3:2); deseja o melhor para nossas vidas (Jr 29:11);

conhece as últimas consequências (Dt 11:26-28); quer que o adoremos corretamente (Ec 5:1); quer incrementar nossa fé (Rm 10:17) e quer trabalhar através de nós (At 8:30) (Rohrmayer, 2006, p. 27).

No que diz respeito às pessoas, este estágio envolve três necessidades importantes: oração intercessora, comprometimento com o trabalho e levantamento de fundos. A oração intercessora é uma ferramenta indispensável neste estágio. Rohrmayer lembra que Paulo estabeleceu grupos de oração intercessora por seu trabalho e fazia pedidos específicos para eles sobre seus problemas, planos e sofrimentos (Rohrmayer, 2006, pp. 30-31). Assim, o plantador de igrejas precisa ter um grupo especial que ore por ele e pelo projeto, intercedendo pelo sucesso de sua ação (Rohrmayer, 2006, pp. 30-31).

Todo o processo de plantio de igrejas necessita de suporte de pessoas. Sozinho, o plantador de igrejas não vai muito longe. Ele precisa recrutar uma equipe que lhe vai oferecer suporte e desenvolver as atividades juntamente com ele (Rohrmayer, 2006, pp. 34-35). Além disso, o líder jamais deve se esquecer de que precisa exercer uma liderança espiritual sobre sua equipe. Quanto mais levá-la a um relacionamento com Deus, mais preparada ela estará para realizar a visão (Rohrmayer, 2006, pp. 34-35).

Os recursos financeiros são também necessários para a realização da obra de Deus e o levantamento de fundos tem base bíblica. As escrituras afirmam que os trabalhadores de tempo integral devem ser pagos pela igreja (1Tm 5:18; 1Co 9:7-14). Afirmam, além disso, que as pessoas são abençoadas ao doar (At 20:35). Existem diversas formas de arrecadar recursos, o plantador de igrejas deve buscar a que mais se adapte a sua realidade (Rohrmayer, 2006, pp. 39-46).

Estágio 2: rede de contatos e agrupamento de pessoas. Neste estágio, o pioneiro deve buscar estabelecer uma rede de contatos com a comunidade onde pretende plantar a igreja (Rohrmayer, 2006, p. 47). Por isso, este é um estágio trabalhoso e que pode exigir muito tempo. É preciso que o plantador de igrejas interaja com a comunidade, conhecendo profundamente suas necessidades, interesses, projetos, sonhos, etc. Precisa, de fato, tornar-se membro da comunidade (Rohrmayer, 2006, p. 47).

A disciplina de ser um bom ouvinte é uma habilidade fundamental no processo. É preciso demonstrar interesse real pelas necessidades das pessoas, ouvir de suas angústias, preocupações e aspirações bem como preocupar-se sinceramente com elas. O ministério de oração intercessora pode redundar em grandes milagres (Rohrmayer, 2006, p. 48).

As pessoas encontradas estarão nos mais diversos estágios em relação ao interesse em Deus, desde o total desinteressado até aqueles que estão à procura de um relacionamento com Deus (Rohrmayer, 2006, pp. 50-61). Por isso, será necessário efetuar um diagnóstico para identificar em qual nível de interesse está cada pessoa contatada e procurar classificá-las para conduzi-las até chegarem a ser seguidores de Cristo (Rohrmayer, 2006, pp. 50-61). Após entrar em contato com as massas e classificar as pessoas conforme seu nível de interesse, o plantador de igrejas deve começar a agrupá-las em células ou grupos pequenos (Rohrmayer, 2006, pp. 62-66). Nesses grupos, ele deverá conduzir os participantes em uma jornada espiritual em direção à maturidade do relacionamento com Deus. Os grupos devem evoluir até ter sua própria liderança e até começar a agir em favor do crescimento espiritual da comunidade (Rohrmayer, 2006, pp. 62-66).

Estágio 3: estabelecendo uma equipe de avanço. Este estágio é um dos mais desafiadores do processo de plantio de igrejas. Plantar uma igreja é um trabalho de equipe e, por essa razão, o plantador precisa estabelecer uma equipe especial de avanço (Rohrmayer, 2006, pp. 69-76). Este é o grupo que irá fazer parte primeiramente da igreja, como resultado do processo dos pequenos grupos. Os primeiros cem participantes do grupo irão determinar como serão os próximos trezentos participantes. Por isso, deverão ser instruídos e preparados de maneira bastante adequada (Rohrmayer, 2006, pp. 69-76).

Neste estágio, a igreja já deverá estar recebendo ofertas. Assim, Rohrmayer destaca duas funções vitais que deverão ser exercidas por voluntários em relação à administração dos recursos financeiros: secretário financeiro e tesoureiro (Rohrmayer, 2006, pp. 80-86). O primeiro cuida especialmente dos recebimentos, registros e relatórios financeiros; o segundo, do pagamento das contas, orçamento e gerenciamento de fluxo de caixa. O plantador de igrejas deve procurar sempre ter recursos financeiros em caixa suficientes para um período superior a noventa dias de despesas da igreja (Rohrmayer, 2006, pp. 80-86).

Estágio 4: estabelecimento do culto de adoração e dos ministérios estratégicos. Neste momento, a congregação está estabelecida e o plantador de igrejas começa a ter condições de determinar o estilo de adoração de seus membros. É possível que, no processo de aproximação da comunidade, as pessoas que foram alcançadas sejam de características diferentes da intenção inicial (Rohrmayer, 2006, p. 87). O líder deve se preocupar, portanto, em conduzir a congregação a adorar a Deus de maneira real e significativa. Os momentos de adoração devem gerar uma atmosfera de celebração e abertura para a presença de Deus (Rohrmayer, 2006, pp. 89-90). O foco precisa sempre

ser o caráter de Deus. É preciso haver oração pública e particular, músicas de louvor e momentos especiais de testemunho (Rohrmayer, 2006, pp. 89-90).

A pregação também precisa ser cuidadosamente preparada. O foco principal da pregação deve ser a Palavra de Deus. A Bíblia tem o poder de transformar a vida das pessoas e o pregador precisa estar aberto para a revelação de Deus através dela (Rohrmayer, 2006, pp. 93-100). A exposição do sermão não precisa ser sempre da mesma forma, mas sim variar de maneira a atingir diferentes tipos de pessoas. Desta forma, é responsabilidade do pregador conduzir a congregação ao conhecimento da vontade de Deus através da Bíblia (Rohrmayer, 2006, pp. 93-100).

Alguns ministérios estratégicos precisam começar a atuar neste momento, como, por exemplo, o ministério infantil, o ministério da recepção, comunicação, assimilação de membros e outros. Cada pessoa que vier a igreja irá desenvolver suas primeiras impressões que serão altamente importantes para determinar seu retorno ou não à congregação. Por isso, o líder precisa preocupar-se grandemente com os ministérios que entram em contato com as pessoas em sua primeira visita à igreja. Todos precisam estar altamente comprometidos e treinados (Rohrmayer, 2006, pp. 102-109).

Estágio 5: desenvolvimento de cultos de adoração que cativem as pessoas da comunidade. A partir dos trezentos membros, a igreja começa a crescer e terá a presença, no culto de adoração, de pessoas que não fazem parte da congregação. No estágio anterior, o líder estabeleceu o perfil de sua congregação e a forma de fortalecer os membros em seu compromisso com Deus. Neste estágio, ele desenvolve estratégias de alcance para o público em geral que participa ocasionalmente de seu culto de adoração (Rohrmayer, 2006, p. 111).

Esses encontros serão as grandes celebrações que ocorrerão com todos os membros dos pequenos grupos e com as pessoas da comunidade em geral. Devem ser momentos cuidadosamente preparados e, para isso, o líder deverá ter consigo uma equipe grande e habilitada (Rohrmayer, 2006, pp. 112-122).

Estágio 6: estabelecimento de uma nova comunidade e de novos ministérios. Agora que a congregação já está estabelecida, os pequenos grupos passam a funcionar na comunidade. Como o grupo de apoio já está organizado, é o momento de ampliar o trabalho de desenvolvimento das pessoas e de seus ministérios (Rohrmayer, 2006, p. 123). No processo, o discipulado é fundamental, pois é uma ordem de Cristo e um princípio amplamente difundido na Bíblia. Nenhuma igreja pode crescer de maneira sustentável sem um forte projeto de discipulado.

Na grande comissão de Cristo, o único imperativo presente no original grego é o de fazer discípulos (*mathêteusate*, Mt 28:19). Os demais verbos estão todos no participípio (*poreuthentes*, “saindo”; *baptizontes*, “batizando”; e, finalmente, *didaskontes*, “ensinando”). Por isso, todo o resto acontece dentro do processo de discipulado (Rohrmayer, 2006, pp. 124-125). Os discípulos maduros descobrem seus dons espirituais e começam a participar nos ministérios da igreja. Mas, além disso, no processo de treinamento e descoberta de dons, novos ministérios vão surgir na igreja. Diante das carências da comunidade, Deus levanta ministros para suprir suas necessidades. Rohrmayer afirma que o fluxo correto dos ministérios é que nasçam no culto de adoração e passem aos pequenos grupos e, finalmente, à comunidade (Rohrmayer, 2006, pp. 125-130).

Os Sete Passos de Donald A. McGavran

Donald A. McGavran, professor do Fuller Theological Seminary e autor na área de crescimento de igreja, estabeleceu sete passos para o plantio de novas igrejas (McGavran, 1981, p. 110).

Passo 1: oração e planejamento. Todo o processo começa com Deus e, por isso, como em outros autores, a oração é destacada por McGavran. O planejamento é fundamental para o sucesso do plantio e deve caminhar juntamente com a oração. Assim, garante-se a presença da orientação divina (McGavran, 1981, p. 110).

Passo 2: formação de uma equipe de ajudadores. O autor sugere que esse grupo deve ser formado por 10% do número de membros da igreja-mãe. Essa equipe inicial não deve apenas ser um apoio, mas o núcleo inicial de formação da nova igreja (McGavran, 1981, p. 110).

Passo 3: pesquisa sobre a acessibilidade da área desejada. É necessário conhecer a área onde se deseja plantar a nova igreja. É muito importante saber se existem algumas famílias cristãs no território, contatos da congregação que está fazendo o esforço para plantar a nova igreja, pessoas interessadas em estudar a Bíblia, etc. (McGavran, 1981, p. 110).

Passo 4: evangelização de famílias inteiras. Para McGavran, esse foi um método utilizado por Jesus (Mc 1:29-31; Mt 9:9-13; Lc 10:38, 11:37) e Paulo (At 16:31-34, 20:20). A conversão de família facilita também a formação de pequenos grupos (McGavran, 1981, p. 110).

Passo 5: localização de um local para as reuniões. O começo pode ser em lares, garagens, pequenos salões, dependendo das características do local e do grupo a ser alcançado (McGavran, 1981, p. 110).

Passo 6: início das reuniões. Trazer os crentes para adorar, praticar e obedecer aos princípios bíblicos é a essência da igreja. A leitura e o estudo da Bíblia devem ter lugar destacado nas reuniões (McGavran, 1981, p. 110).

Passo 7: treinamento da liderança. Os líderes devem saber o que se espera deles, quem depende deles e sua esfera de atuação na igreja, bem como quantas horas precisarão despender para exercer um ministério efetivo na congregação (McGavran, 1981, p. 110).

O Sistema PERT de Samuel Faircloth

O sistema PERT (Program Evaluation and Review Technique) consiste de um instrumento de controle que define as partes de um projeto e as agrupa por redes de atividades. O sistema foi desenvolvido pelo departamento de defesa do governo americano e posteriormente autorizado para utilização em estratégias de evangelismo e plantio de igrejas (Faircloth, 1991, p. 27). Faircloth aplicou o sistema PERT ao plantio de igrejas e definiu as redes de atividades ou *networks* (Faircloth, 1991, p. 36).

Network 1: o grupo de atividades 1 compõe-se de uma série de atividades de reavivamento com o intuito de desenvolver paixão pelos perdidos e resultar no nascimento de uma nova igreja (Faircloth, 1991, p. 39). Ao contrário do que pensam alguns evangelistas, o nascimento da nova igreja não é o fim do processo, mas sim o início. Assim como um bebê que precisa de cuidados constantes dos adultos, uma nova igreja precisa de cuidados frequentes (Faircloth, 1991, p. 39).

Network 2: o objetivo final deste grupo de atividades é focar a igreja no público externo (Faircloth, 1991, p. 40). Podem ser desenvolvidas atividades para suprir as necessidades sociais da comunidade, programas para melhorar o bem-estar das pessoas e desenvolver as pessoas que vivem ao redor da igreja, independentemente de sua participação como membros (Faircloth, 1991, p. 40). Também se enquadram neste grupo os programas agressivos de evangelismo e de suporte às missões mundiais (Faircloth, 1991, p. 40).

Network 3: o grupo de atividades 3 promove a emancipação da igreja, que precisa se tornar capaz de comunicar o cristianismo através de sua liturgia e forma de adoração, administrar suas próprias necessidades, viver como um corpo, tornar-se independente financeiramente e bem ajustada psicologicamente. Assim, o grupo 3 desenvolverá atividades que possam contribuir para a maturidade da igreja local (Faircloth, 1991, p. 40).

Network 4: o objetivo final deste grupo de atividades é tornar a igreja culturalmente relevante. Isso implica em acompanhar as mudanças sócio-culturais da comunidade na qual está inserida e continuar estudando e atendendo as necessidades do público externo (Faircloth, 1991, p. 41).

É importante notar que os grupos de atividades 2, 3 e 4 não ocorrem necessariamente nesta ordem. Eles podem alternar-se conforme a natureza de cada igreja local. O objetivo final de todos esses grupos de atividades é uma nova igreja madura capaz de se reproduzir. Esses grupos podem ser compreendidos com maior facilidade a partir da figura abaixo:

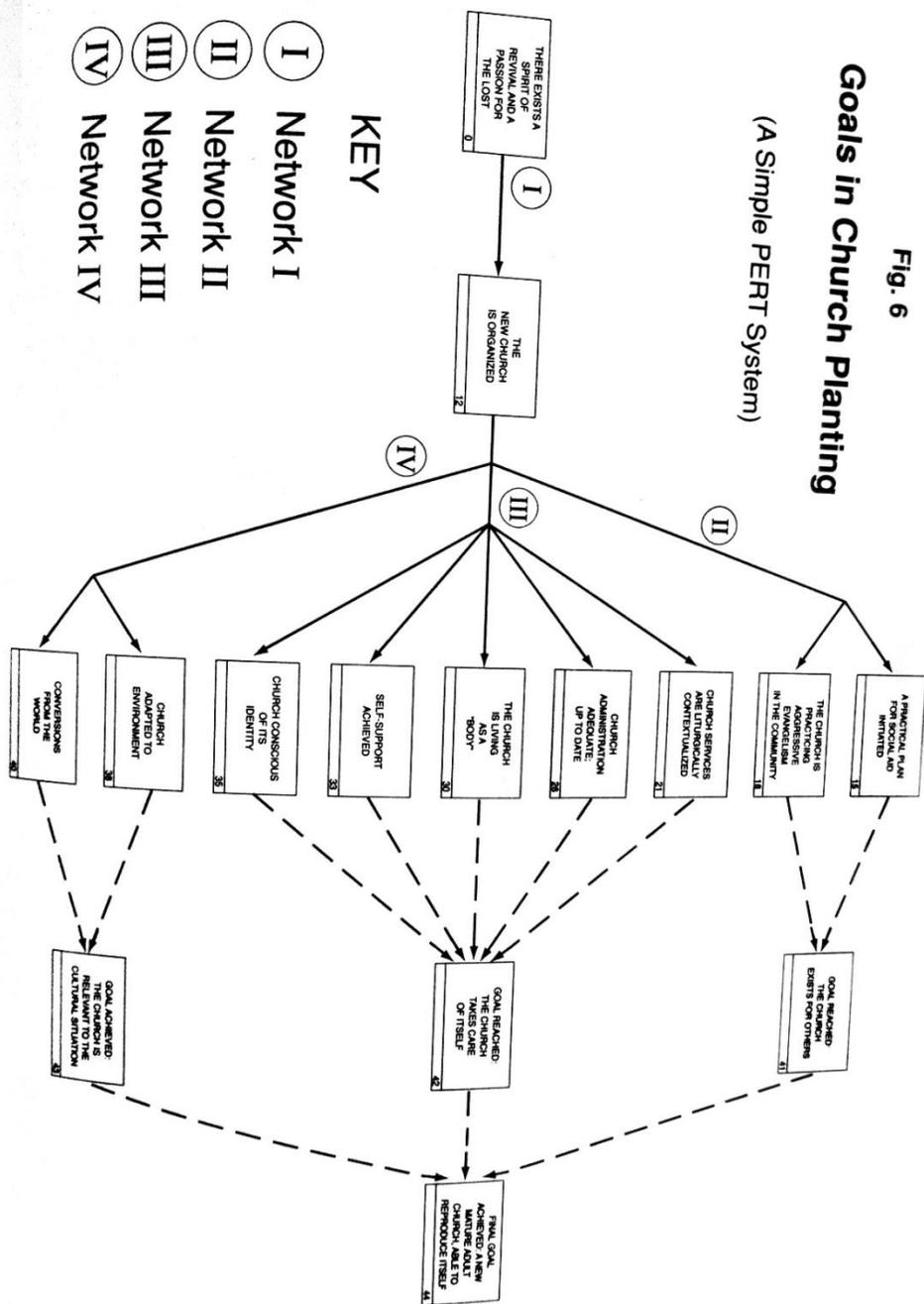


Figura 2. Objetivos do plantio de Igrejas (Faircloth, 1991, p. 38).

O Processo de Reprodução de Aubrey Malphurs

Aubrey Malphurs, professor de ministério pastoral no Seminário Teológico de Dallas e consultor de igrejas, estabeleceu um processo de reprodução de igrejas em seis passos (Malphurs, 2004, p. 257).

Passo 1: orar pelas igrejas-filhas. Para Malphurs, o nascimento de qualquer igreja é precedido de muita oração. A liderança da igreja deve iniciar esse processo, afinal uma congregação nunca será maior do que sua liderança. A visão de plantar uma nova igreja deve iniciar com um processo que leve toda a igreja a orar (Malphurs, 2004, p. 257). Um dos caminhos para envolver a congregação na oração pela igreja-filha é inserir seus membros nas atividades da nova igreja. Os que participam do processo de plantio dessa igreja vão se tornar comprometidos com ela (Malphurs, 2004, p. 257). Outra forma é estabelecer um grupo especial de oração intercessora pela igreja-filha. Esse grupo terá como objetivo principal conhecer as necessidades da nova igreja e interceder por elas. (Malphurs, 2004, p. 257).

Passo 2: lançar a visão de plantar igrejas. Sem uma visão de plantio de igrejas, dificilmente projetos desta natureza terão sucesso. Essa visão deve ser lançada e fortalecida constantemente (Malphurs, 2004, p. 258). Desde o início da história de uma igreja, a visão de que um dia ela irá ter uma igreja-filha deve ser difundida, para que os membros não sejam tomados de surpresa quando surgir um projeto. O pastor e seus líderes devem ser os proclamadores dessa visão (Malphurs, 2004, p. 258).

Passo 3: identificar um público-alvo. Um passo vital para o sucesso no plantio de igrejas é identificar o público-alvo a ser alcançado. Deve-se escolher um grupo específico dentro de uma comunidade e estudar profundamente esse grupo, estabelecendo seu perfil

e determinando o tipo de igreja necessário para alcançar esse grupo de pessoas (Malphurs, 2004, p. 258).

Passo 4: selecionar e preparar a equipe de liderança. Tudo se ergue ou se derruba a partir da liderança. A pessoa certa no lugar certo, com as bênçãos de Deus, irá alcançar os resultados certos (Malphurs, 2004, p. 259). A igreja-mãe deve selecionar as pessoas que irão trabalhar no processo de plantio da nova igreja. Além de voluntários, a igreja precisará de uma equipe de tempo integral (Malphurs, 2004, p. 259). Dependendo do tamanho da igreja e da disponibilidade de fundos, uma boa alternativa é trabalhar com estudantes de um seminário, pois eles podem receber um salário menor para trabalhar em função da oportunidade de cumprir requisitos práticos acadêmicos (Malphurs, 2004, p. 259). Outra solução é conseguir patrocinadores para financiar a contratação de obreiros para o trabalho (Malphurs, 2004, p. 259).

Passo 5: recrutar o núcleo inicial. Toda nova igreja precisa de um núcleo inicial, isto é, as pessoas que irão participar e trabalhar nos ministérios iniciais. Esse grupo pode vir da igreja-mãe ou de pessoas recém convertidas em pequenos grupos na região onde a igreja será plantada (Malphurs, 2004, p. 260). A congregação é uma boa fonte do núcleo por várias razões: as pessoas já conhecem a visão, podem ser pessoas que moram um pouco longe da congregação mas perto na região da nova igreja, são pessoas que conhecem seus dons e estão, geralmente, dispostas a novos desafios (Malphurs, 2004, p. 260). A igreja-mãe precisa seguir dois passos para recrutar essas pessoas: lançar a visão e alistar voluntários. Um bom processo de lançamento da visão irá fazer com que as pessoas sintam o desejo de se envolver no projeto. Quando houver o apelo para engajar-se no projeto, vários aceitarão o desafio (Malphurs, 2004, p. 260).

Passo 6: financiar a futura igreja. Um passo importante é a provisão de recursos para a nova igreja. Não existe um padrão de orçamento para o plantio de novas igrejas. As inúmeras variáveis envolvidas no processo irão determinar a quantidade de recursos necessários para levar o projeto a termo (Malphurs, 2004, p. 261). As fontes para os recursos podem ser diversas. Parte pode sair da igreja-mãe, de instituições superiores ligadas à denominação, de parceiros patrocinadores, entre outros (Malphurs, 2004, p. 262). O dinheiro precisa ser controlado cuidadosamente para atender todas as necessidades da nova congregação, tais como os salários dos obreiros, as despesas de manutenção, as despesas com divulgação e evangelismo, as atividades dos ministérios etc. (Malphurs, 2004, p. 262). O tempo médio durante o qual a igreja-filha necessitará do suporte financeiro da igreja-mãe é de 12 a 30 meses (Malphurs, 2004, p. 262).

Resumo dos Modelos Contemporâneos de Plantio de Igrejas

A nomenclatura empregada por plantadores de igreja oriundos de denominações e geografias variadas pode não ser a mesma, mas, com a análise dos modelos apresentados, podem-se destacar alguns fatores constantes em quase todos os modelos por eles desenvolvidos: busca da orientação divina através da oração, recrutamento e treinamento de líderes, estudo profundo do público-alvo a ser alcançado com a nova igreja e levantamento bem como administração de recursos financeiros. É importante lembrar que não existe um método único que seja correto para o plantio de igrejas, mas o contexto do projeto irá determinar o melhor método ou um mosaico de elementos de vários métodos a serem analisados.

Desafios no Plantio de Igrejas

Todo grande projeto apresenta desafios. Os diversos métodos de evangelismo existentes enfrentam barreiras enormes para serem implantados e alcançarem sucesso. Com o plantio de igrejas, não é diferente. Mesmo sendo um método divino de expansão, o plantio ainda assim precisa superar obstáculos a fim de ser bem sucedido. Abaixo são analisados alguns desses desafios conforme expressos na literatura contemporânea.

Plantar Igrejas Requer Fé

Plantar igrejas é uma exaustiva mas excitante aventura de fé. Qualquer plantador de igrejas terá que agir como Abraão, partindo para territórios desconhecidos, avançando com novas estratégias, descobrindo novas formas de fazer as mesmas coisas e sendo sempre surpreendido pelos resultados de suas ações (Malphurs, 2004, p. 22).

Para desenvolver a fé necessária para o sucesso no plantio de igrejas, é preciso ser alguém que acredite em Deus e a Ele obedeça. Acreditar em Deus significa tomar posse do impossível e crer que Ele pode fazer mais do que o ser humano. Ao colocar Seu reino e justiça em primeiro lugar, todas as outras coisas lhe serão acrescentadas (Malphurs, 2004, p. 22). Obedecer a Deus implica em buscar conhecer e atender Sua vontade. Quando Deus disse para Abraão ir, sem dizer exatamente para onde ele ia e o que iria acontecer, ele simplesmente foi. Obedecer a Deus significa agir mesmo contra a própria vontade, mediante a certeza da vontade de Deus (Malphurs, 2004, p. 22).

Plantadores de igrejas são homens e mulheres de fé autêntica que acreditam em Deus e obedecem à vontade expressa de Deus, avançando para cumprir Seus propósitos. Não há espaço para temerosos neste trabalho divino (Malphurs, 2004, p. 23).

Plantar Igrejas Requer Recursos Financeiros

Muitos bons projetos não chegam à execução por falta de dinheiro. Muitos plantadores de igrejas, apaixonados por sua vocação, seguem avante, esperançosos de alcançar seus objetivos, e se esquecem de estabelecer uma base financeira para sua ação, o que acaba impedindo a concretização de seus sonhos. Ainda que sejam eficientes como ganhadores de almas, sem o devido controle das finanças, não serão bem sucedidos n plantio de igrejas (Abdala, 2009, p. 49). Uma nova igreja requer um fluxo regular de dinheiro. É possível começar uma igreja sem um obreiro de tempo integral, mas serão necessários recursos para o aluguel de um lugar para as reuniões, para a realização de programas, manutenção de atividades, atuação dos ministérios, etc. (Stetzer, 2006, p. 227).

Se está vinculada a uma igreja-mãe, é possível que esta possua um orçamento para o plantio de novas igrejas. Essa prática auxilia grandemente o andamento das atividades (Malphurs, 2004, p. 261). Outras fontes das quais se podem reunir os recursos necessários são: um aumento das ofertas dos membros da igreja-mãe, doadores individuais interessados em investir em projetos arrojados para a expansão do reino de Deus, aplicação de princípios de alçamento de fundos, aplicação de recursos pessoais (Stetzer, 2006, p. 235), verbas das organizações superiores e, em alguns casos, ofertas coletadas durante a própria campanha (Abdala, 2009, pp. 51-52). Um fator inegável é que, se o plantador de igrejas for fiel e ético na aplicação dos recursos financeiros e souber abordar, de maneira correta, os possíveis doadores, Deus providenciará os recursos necessários para a execução de Sua obra (Stetzer, 2006, p. 235).

Plantar Igrejas Requer Tempo

Para ser bem sucedido, o plantio de igreja deve ter um processo. Esse processo envolve dois fatores: o ciclo de vida e a reprodução. Paulo compara a igreja ao corpo humano. Um ser humano segue um processo de crescimento, e assim também o faz o corpo de Cristo (Malphurs, 2004, p. 23). A concepção, o desenvolvimento, o nascimento, o crescimento, a maturidade e a reprodução devem ser cuidadosamente acompanhados para que o plantio de igrejas alcance seu objetivo (Malphurs, 2004, p. 23).

A nova igreja não deve ser um fim em si mesmo. Assim como a igreja-mãe deu origem à filha, a nova igreja deve ter em mente, desde o princípio, que seu objetivo final é plantar uma nova igreja, para o cumprimento da missão e a expansão do reino de Deus (Malphurs, 2004, p. 23).

Plantar Igrejas Requer Planejamento

Antes de lançar e expandir o ministério de plantio de igrejas, é fundamental a criação de um plano estratégico para nortear o trabalho (Conn, 1997, p. 111). Nos modelos de plantio de igrejas apresentados estão os planos estratégicos para o desenvolvimento do projeto. No entanto, Conn apresenta algumas ferramentas adicionais importantes no desenvolvimento do plano de plantio de uma igreja urbana: criação de uma base de oração, desenvolvimento de uma base de dados segura com o mapa estratégico da região e o delineamento da vizinhança, criação de um modelo de relatório de acompanhamento, confecção da pirâmide populacional da região a ser alcançada, análise da vizinhança, classificação da vizinhança em categorias, análise de pesquisas da

média da população, criação de um documento de estratégia, seleção da área-chave para penetração e determinação dos passos da estratégia (Conn, 1997, pp. 111-121). Essas ferramentas auxiliam grandemente na elaboração de um plano de ação que possibilite o acompanhamento constante para a avaliação dos métodos utilizados e a percepção de possíveis necessidades de correção na forma de atuação.

Plantar Igrejas Requer Treinamento Especializado

Uma das causas que leva as novas igrejas a fracassarem é a falta de treinamento especializado. Muitos têm o desejo e sentem um chamado divino para plantar uma nova igreja, mas não estão ainda habilitados para essa obra. Ensinar os membros é parte fundamental para mobilizar a igreja e obter a adesão das pessoas aos projetos evangelísticos (Green, 1992, p. 414). Por isso, o treinamento é parte integrante do processo de plantio de novas igrejas, tanto no início quanto durante seu acompanhamento (Abdala, 2007, p. 119).

O treinamento é um desafio pois demanda tempo, sendo que a maioria dos leigos envolvidos dispõe de pouco tempo livre para essa atividade. Entretanto, sem treinamento, o risco de não alcançar os objetivos é muito grande. Assim, o plantador de igrejas precisa treinar e equipar os líderes leigos que irão trabalhar com ele antes que a igreja seja aberta (Stetzer, 2006, p. 164).

O treinamento para o plantio de igrejas não se restringe aos leigos. Mesmo os pastores que desejam plantar igrejas necessitam de treinamento especializado (Burrill, 1999, p. 121). Muitas vezes, o estudo acadêmico de um seminário não é suficiente para formar um plantador de igrejas. Especialmente dentro do contexto adventista do sétimo

dia, existem muitos seminários com teor mais teórico do que prático, o que faz com que o pastor recém formado não esteja preparado para enfrentar o desafio de plantar uma nova igreja (Burrill, 1999, p. 122). Novos pastores que desejam plantar igrejas deveriam passar algum tempo trabalhando sob a supervisão de um pastor experiente nessa área. Deveriam primeiramente trabalhar em um projeto dirigido por outro pastor e depois iniciar seu próprio projeto, ainda sob a supervisão do pastor mais experiente (Burrill, 1999, p. 123).

Os leigos precisam ser treinados em todas as oportunidades possíveis. A igreja-mãe que lança a visão de plantar novas igrejas deve oferecer treinamento constante para essa atividade mesmo antes de iniciar um novo projeto. Desta forma, ela terá uma reserva estratégica de líderes treinados para quando surgir a oportunidade de plantar uma nova igreja, além de, com isso, ter mais tempo para oferecer o treinamento correto (Burrill, 1999, p. 123). Os treinamentos devem ser de caráter prático, se possível envolvendo atividades reais, para que as pessoas vivenciem as situações que enfrentarão no projeto. Os leigos devem receber literatura especializada no assunto e aulas teóricas também, mas o foco principal sempre deve ser o trabalho prático (Burrill, 1999, p. 124). Quando já houver um projeto a ser iniciado, serão necessários também treinamentos e instruções sobre a região onde será plantada a igreja, sobre o público-alvo, sobre as estratégias que serão utilizadas e sobre o modelo de plantio escolhido.

Resumo

Este capítulo procurou analisar alguns autores da literatura contemporânea que tratam do plantio de igrejas. Podem-se notar conceitos interessantes relacionados ao plantio de igrejas, à diversidade de modelos existentes e aos desafios a serem enfrentados

pelos plantadores de igreja. Embora existam muitos livros e autores que tratem do assunto, tanto escritores com foco acadêmico quanto pastores que relatam suas experiências práticas, podem-se elencar alguns elementos presentes em todas as abordagens: busca da orientação divina, necessidade de pessoas que apoiem o projeto e conhecimento do grupo a ser alcançado.

Todo trabalho espiritual e evangelístico precisa começar com Deus. É Ele que chama o plantador de igreja, quem aponta o local a ser evangelizado, que fortalece com o poder do Espírito Santo, que toca o coração das pessoas que irão ajudar no trabalho, que prepara o coração das pessoas que serão alcançadas, que provê os recursos e que mantém o trabalho.

O plantador de igrejas não pode trabalhar sozinho, ele precisa de um grupo de pessoas que lhe dê suporte pessoal e também financeiro. É este núcleo que o auxiliará no conhecimento do público-alvo, que conduzirá as atividades na igreja iniciante, que servirá a comunidade e que trará os recursos financeiros na fase inicial do projeto.

Finalmente, pode-se dizer que é impossível plantar uma nova igreja sem um conhecimento profundo do local onde ela será plantada. São necessários dados geográficos, sociais, comunitários, econômicos, culturais, etários, étnicos, etc. A nova igreja precisa nascer com relevância para a sociedade na qual está inserida. Para que isso ocorra, o plantador de igrejas e sua equipe precisam, de fato, encarnar a comunidade, conviver com ela, conhecer suas necessidades e atendê-las conforme suas características. Outros elementos podem ser inseridos, outras estratégias utilizadas, mas esses três fatores são unanimidade entre os autores estudados e sem eles o projeto terá evidentes propensões para o fracasso.

CAPÍTULO 4

O PLANTIO DE IGREJAS NA ASSOCIAÇÃO PAULISTA LESTE

Depois de analisar a teoria bíblica e moderna sobre o plantio de igrejas, este capítulo apresenta o desenvolvimento do plantio de igrejas na Associação Paulista Leste (APL) antes da implantação do projeto de expansão. O capítulo está dividido em três partes. A primeira trata da informação demográfica do território da APL; a segunda parte, do plantio de igrejas de 2001 a 2009; e a terceira parte é um resumo do capítulo.

Informação Demográfica

O perfil demográfico dos membros do território da APL é extremamente diversificado. Em 2008 foi contratada a empresa de Consultoria em Planejamento Geográfico (InGeo), que produziu um documento de 163 páginas denominado Estudo Distrital. As diretrizes que emanaram do documento serviram de base para o planejamento de ações necessárias ao processo do crescimento na APL a partir do ano de 2009.

Quanto ao território, a APL está localizada na região norte e leste da cidade de São Paulo. Essas regiões são extremamente pobres e apresentam muitos problemas estruturais, tais como trânsito intenso, alagamentos, falta de segurança, entre outros. Os índices de criminalidade e violência são elevados na cidade, especialmente nas precárias e numerosas periferias.

Análise do Perfil da Cidade de São Paulo

São Paulo, capital do estado homônimo, é a maior cidade do Brasil, das Américas e de todo o hemisfério sul. Uma das cidades brasileiras mais influentes no cenário global, São Paulo é considerada a 14^a cidade mais globalizada do planeta, recebendo o *status* de cidade global beta. Há, inclusive, a previsão de que São Paulo se tornará a sexta cidade mais rica do mundo até 2025 (GaWC).

A cidade exerce significativa influência nacional e internacional, seja do ponto de vista social, cultural, econômico ou político. É conhecida internacionalmente por causa de eventos como a Bienal do Livro e o Grande Prêmio do Brasil. Além disso, abriga famosos espaços culturais e arquitetônicos, como o Museu de Arte de São Paulo (MASP), o Parque Ibirapuera, a Avenida Paulista, o Copan, o Centro Empresarial Nações Unidas, entre outros.

Segundo a *Folha Online*, de 21 de fevereiro de 2008, São Paulo atingiu a marca de 6 milhões de veículos. Apesar do rodízio imposto pela prefeitura da cidade, o trânsito é quase sempre caótico e, durante vários momentos do dia, apresenta vários quilômetros de congestionamento. Segundo o censo de 2010 (IBGE, 2011) a população da cidade é de 20.309.647 habitantes, o que significa que aproximadamente um em cada dez brasileiros mora nesta área metropolitana, o que a torna a sexta metrópole mais populosa e a décima nona cidade mais rica do mundo. O município representa, isoladamente, 12,26% de todo o PIB brasileiro e 36% de toda a produção de bens e serviços do estado de São Paulo, sendo sede de 63% das multinacionais estabelecidas no Brasil. A densidade demográfica é de 7.383 habitantes por km². A área territorial é de 7.944 km² enquanto a área urbanizada é de 2.139 km² (IBGE, 2011). São Paulo é um grande centro cultural e de

entretenimento, sendo a cidade mais rica da América do Sul. A variedade oferecida em seus restaurantes e lanchonetes é resultado, em parte, da contribuição de imigrantes de diversas partes do mundo.

Apesar de suas grandes dimensões e consequente fluxo de capital, São Paulo sofre com a má distribuição de renda característica do país. Dessa forma, embora seja um dos maiores centros culturais da América do Sul, São Paulo ainda não pode comparar-se a cidades como Berlim (que apresenta mais de 150 museus para uma população de 3,4 milhões de habitantes), Paris ou Londres, no que se refere à qualidade de vida média de seus habitantes e índice de desenvolvimento humano.

O Censo de 2010 apresenta os números referentes à população residente por cor ou raça e religião, indicando que a população está composta por brancos (46,0%), pardos (35,1%), pretos (16,7%), amarelos (2,0%) e indígenas (0,2%). Sendo assim, São Paulo é a cidade mais multicultural do Brasil e uma das mais diversas do mundo. Desde 1870, aproximadamente 2,3 milhões de imigrantes chegaram ao estado, vindos de todas as partes do mundo. Por essa razão, a cidade é bastante heterogênea e é possível dizer que a cultura paulistana é fruto da interface da cultura dos vários povos que imigraram para ela. A população descende principalmente de imigrantes europeus (sobretudo portugueses, italianos, espanhóis e alemães). Também há grandes comunidades de povos do Oriente Médio (libaneses, árabes, sírios e armênios) e Ásia Oriental (japoneses, coreanos e chineses), além de descendentes de africanos.

O Plantio de Igrejas na APL (2001-2009)

Embora não existisse um programa oficial de plantio de igrejas no campo da APL até o ano de 2009, alguns projetos individuais de pastores distritais e campanhas

evangelísticas deram origem a novas congregações. A seguir, segue histórico do programa de plantio de igrejas na APL de 2001 a 2009.

Breve Histórico e Dados Gerais da Associação

Na década de 1970, a igreja crescia velozmente na cidade de São Paulo. Conforme documentos oficiais e relatos pessoais de membros apurados pela jornalista Luciana Santana em pesquisa jornalística realizada por ocasião do 25º aniversário da Associação Paulista Leste, em 2009, esse crescimento era acompanhado de grandes e constantes desafios para a então Associação Paulista, primeira associação de São Paulo. O lema “dividir e multiplicar” soava como incentivo para o campo, que sempre investiu na missão evangelística. Considerada na época a maior Associação Adventista do mundo, contava com mais de 50 mil membros, a média anual chegou a 4.000 batismos.

O território paulista era composto por 461 municípios, mas apenas 131 tinham presença adventista organizada. Havia 330 municípios e um total de 3 milhões de habitantes que precisavam ser alcançados pela mensagem do advento. Em 1977, numa Assembleia Geral Extraordinária, foi decidido dividir o território em duas regiões, surgindo, então, a Associação Paulista Leste (APL), que passou a atender parte do interior do Estado.

O crescimento foi rápido. Em 1982, já contabilizava mais de 47.000 membros distribuídos em 305 igrejas e grupos. Houve a necessidade de uma reestruturação geográfica e, por isso, ao território da APL foram incorporadas as regiões norte e leste da metrópole São Paulo. Com o avanço do trabalho, foi realizada, em 2002, uma nova organização do campo que, desde então, abrange os territórios das zonas leste e norte da

capital, além dos municípios de Santana do Parnaíba, Francisco Morato, Franco da Rocha, Cajamar, Caieiras e Pirapora do Bom Jesus. Dados da Secretaria da APL informam que, em 2011, o campo estava composto por mais de trinta mil membros, 126 igrejas, 82 grupos, quatro colégios e duas escolas de nível fundamental.

Dificuldades no Plantio de Novas Igrejas

O projeto de plantio de igrejas, embora bíblico, foi pouco enfatizado em todo o território da Divisão Sul Americana até o ano de 2010. As poucas igrejas plantadas nasceram a partir de iniciativas individuais de pastores que sempre se interessaram pelo projeto. Na APL, a situação não era diferente. Não havia um programa intencional e organizado por parte da Associação que incentivasse o plantio de igrejas; pelo contrário, em certos momentos esta prática foi até inibida pela administração sob o argumento de que novos grupos eram mais vulneráveis à ação de grupos dissidentes e financeiramente inviáveis.

Como obstáculo que dificultava a formação de novas congregações mencione-se o fato de que o projeto de pequenos grupos teve pouco sucesso na capital paulista. Dificuldades culturais, pouca disponibilidade de tempo dos membros e preconceito por parte de alguns fizeram com que poucos grupos nos lares fossem estabelecidos na cidade.

Modelo de Plantio de Igrejas da APL

Até o ano de 2009, o modelo de plantio de igrejas da APL estava basicamente fundamentado em iniciativas individuais de pastores e membros. Porém, esse trabalho era bastante árduo e complexo, especialmente em relação aos aspectos financeiros devido à

falta de apoio institucional. A maioria das igrejas plantadas nesse período surgiu da ampliação de alguns dos poucos pequenos grupos existentes na Associação ou de pontos de pregação estabelecidos durante os períodos evangelísticos em função dos projetos conhecidos como Semana do Calvário.

O passos seguidos pelos plantadores poderiam ser resumido da seguinte forma:

Passo 1 – Estabelecimento de pequeno grupo e/ou ponto de pregação para Semana do Calvário – O pastor distrital ou líder missionário da igreja local iniciava um pequeno grupo na casa de algum dos irmãos ou em uma pequena garagem. Em outro casos, na prévia da Semana do Calvário, o pastor distrital ou líder missionário desafiava a igreja a estabelecer um ponto de pregação fora da igreja para esse período especial de evangelismo.

Passo 2 – Treinamento – Uma vez escolhido o local, os membros eram treinados pelo pastor para organizarem seu pequeno grupo ou para dirigirem o programa da Semana do Calvário no ponto de pregação. Os materiais de treinamento utilizados eram os manuais e livros existentes na igreja e que tinham por foco a mobilização e o evangelismo. A maioria das palestras apresentadas era da autoria de pastores de outras associações.

Passo 3 – Preparo do Local – Utilizando material produzido pela própria igreja local ou o material promocional da Semana do Calvário produzido pela Associação, os membros saíam a campo para convidar os vizinhos e moradores da região. Também eram utilizadas pesquisas de opinião pública para o oferecimento de estudos bíblicos.

Passo 4 – Pré-evangelismo – Os primeiros programas no local tinham enfoque na saúde ou na família. Na maioria dos casos, o início se dava com o curso “Como Deixar de Fumar em Cinco Dias”. Nos pequenos grupos o enfoque era o fortalecimento da família e a necessidade de oração.

Passo 5 – Evangelismo – Após o período inicial, os temas apresentados passavam a ser de cunho evangelístico e, portanto, baseados na Bíblia. Iniciavam com as doutrinas comuns com outras igrejas e, posteriormente, passavam a tratar os temas distintivos da Igreja Adventista. Não havia nenhum incentivo financeiro por parte da instituição para a aquisição de computador, projetor de vídeo ou aparelho de som. Todos os equipamentos e móveis para o andamento do projeto eram providos pelo caixa da igreja local e pela doação de membros voluntários.

Passo 6 – Pós-evangelismo – Ao término do evangelismo, o trabalho de manutenção ficava a cargo dos líderes leigos. Nessa fase, geralmente se iniciava uma campanha para a arrecadação de fundos para a aquisição de um terreno e a construção da igreja. Algumas vezes, a Associação auxiliava com 50% do valor do terreno, mas todo o restante do investimento ficava a cargo dos irmãos da igreja recém criada.

Plantio de Igrejas por Evangelismo Público

Além das iniciativas individuais dos pastores distritais, uma vez ao ano a Associação promovia um grande evangelismo público com suporte de obreiros bíblicos e alunos estagiários de teologia. Algumas dessas campanhas aconteciam em igrejas já

estabelecidas ou recém criadas, mas outras eram efetuadas em lugares preparados com vistas exclusivamente ao estabelecimento de novas igrejas.

Resultados do Plantio de Igrejas na APL

Embora todo resultado seja importante e tenha um papel a desempenhar no crescimento da igreja, o número de igrejas plantadas no período de 2001 a 2009 foi bastante acanhado, apenas 8 igrejas. Além disso, o número de batismos nesse período nunca alcançou o alvo estabelecido pela União para o campo e as taxas de crescimento de igreja ficaram aquém do esperado para uma igreja saudável.

Resumo

Neste capítulo, pode-se verificar que, no período de 2001 a 2009, o plantio de igrejas na APL não foi significativo. Esse resultado se deu em função do pouco incentivo e, em alguns momentos, até desestímulo aos pastores para aplicarem esse método.

Alguns pastores, interessados no método, empreenderam iniciativas particulares para o plantio de novas igrejas, utilizaram métodos pesquisados ou copiados de outros lugares associados com técnicas conhecidas de evangelismo e alcançaram resultados para sua geografia. O evangelismo público por parte da Associação auxiliou na consolidação de algumas novas igrejas e no estabelecimento de outras, mas o campo não possuía um planejamento institucional para esse objetivo.

CAPÍTULO 5

PROGRAMA DE PLANTIO DE IGREJAS NA APL

O programa de plantio de igrejas foi implantado na APL em 2010 por ocasião da alteração da administração do campo. Os novos administradores, analisando os dados de crescimento dos anos anteriores, perceberam que existia grande margem para desenvolvimento deste quesito na Associação e, em busca de expansão, optaram pelo método de plantio de igrejas. Este capítulo trata do desenvolvimento do projeto e está dividido em três seções: etapa inicial, etapa de desenvolvimento, etapa de avaliação e resumo.

Etapa Inicial

Esta seção trata da etapa inicial da implantação do programa de plantio de igrejas na APL e inclui informações pertinentes à preparação interna para a implantação do referido projeto. Dentro desse escopo, a seção apresenta, entre outras coisas, as fases relativas à etapa inicial: planejamento (fase 1), preparação (fase 2), pioneirismo (fase 3), proclamação (fase 4) e pós-evangelismo (fase 5). Para uma visualização adequada do tipo de preparação exigida, oferece-se, ainda, o orçamento referente à expansão evangelística e ao plantio de igrejas, em 2010.

Preparação Interna para Implantação do Projeto

Em 2010, a nova administração da APL estava convencida da necessidade de se implantar o método de plantio de igrejas como forma de alavancar o crescimento da igreja. Para implantar o projeto, foi chamado o Dr. Emílio Abdala, especialista em plantio de igrejas e, na ocasião, professor do SALT/IAENE – Bahia, para ocupar a função de Diretor de Evangelismo e Plantio de Igrejas da Associação.

O primeiro esforço de trabalho foi o estudo detalhado da região da APL. O Dr. Abdala dedicou tempo para conhecer a realidade paulistana e estudar quais adaptações deveriam ser feitas para que o projeto fosse bem sucedido. Além de percorrer várias vezes o território, conversar com pessoas, interagir com as igrejas, entrevistar os pastores, também dedicou tempo para a leitura de livros sobre o plantio de igrejas em grandes cidades e para a análise dos dados demográficos, econômicos e sociais da cidade de São Paulo. Um importante livro utilizado foi o *DNA Paulistano*, da Folha de S. Paulo.

Ao mesmo tempo, a administração da APL dedicou tempo para conhecer melhor os métodos de plantio de igrejas existentes no Brasil e no mundo, procurando o que havia de melhor em cada um e que fosse aplicável à realidade local. O grupo também preocupou-se em participar de congressos sobre o assunto, como a *Exponential Conference*, em Orlando, FL (EUA).

Um cuidadoso planejamento foi elaborado para a implantação do projeto, levando-se em conta a necessidade inicial de conscientização dos pastores do campo que não estavam acostumados com esse método de trabalho. Foi também preparada uma equipe de obreiros e evangelistas para dar continuidade ao programa tradicional de colheitas das

igrejas para evitar uma queda no número de batismos por causa do estabelecimento de novas prioridades.

Durante essa fase, houve também a preocupação em lançar as bases financeiras e espirituais do projeto. Foi imprescindível dedicar longos períodos à oração e meditação em busca da vontade de Deus, além de contato com possíveis patrocinadores do projeto. Convictos de estar no caminho certo, a mesa diretiva da APL votou um orçamento de quase R\$ 1.000.000,00 (um milhão de reais), cerca de US\$ 600.000,00 (seiscentos mil dólares), para o projeto de plantio de novas igrejas, o maior orçamento destinado a esse fim em toda a história do campo, superior inclusive aos orçamentos da União e da Divisão para a mesma atividade, conforme tabela a seguir:

Tabela 1

Orçamento de Expansão Evangelística e Plantio de Igrejas – 2010

| A - Evangelismo Plantio de Igrejas | |
|---|-------------------|
| 1- Aluguel de 20 salões x 500,00 x 12 | 120.000,00 |
| 2- Depto: pwpts, vídeos, pesquisas, apostilas | 10.000,00 |
| 3- Alimentação e hospedagem de estudantes | 70.000,00 |
| 4- Manuais, sermonários e DVDs | 3.456,00 |
| 5- Seminários do Apocalipse | 3.000,00 |
| 6- 80 faixas plotadas (10,00/m x 4m) | 26.500,00 |
| 7- Bonés, bolsas, canetas | 2.800,00 |
| 8- CDs de música (80 cds) | 700,00 |
| 9- DVDs (9 Dvds com filmes, pwpt, clips, etc) | 2.400,00 |
| 10- 240 Camisetas (5 por ponto x 80 x 15,00) | 5.400,00 |
| 11- Auxílio equipamentos extras (50,00 para cada 75) | 4.000,00 |
| 12- Verba por ponto (propaganda, brindes, celebrações - 700,00x) | 28.000,00 |
| 13- Material gráfico | 46.219,00 |
| 14- Cursos bíblicos para jovens | 4.200,00 |
| 15- Discipulado: BemVindo, classes pós-batismais, pequenos grupos | 5.000,00 |
| 16- Material do curso “Como deixar de fumar” (flúor, levedo, nitrato) | 4.320,00 |
| 17- Papelaria e materiais de ilustração | 3.000,00 |
| 18- Salários de 40 estudantes-evangelistas por 3 meses | 72.000,00 |
| 19- Transporte dos alunos (ida e volta) | 18.000,00 |

Tabela 1–*Continuação*

| | |
|---|-------------------|
| 20- Auxílio seletivo construção e conservação (2.000 por campo) | 18.000,00 |
| 21- Diárias alunos UNeB (ida e volta) | 10.000,00 |
| 22- Reserva operacional (vales-transporte, transporte, etc.) | 15.000,00 |
| 23- Salários de 40 obreiros bíblicos por 6 meses | 144.000,00 |
| 24- Compra de 4000 Bíblias x 8,00 | 32.000,00 |
| Total 1 | 647.995,00 |
| B - Evangelismo Pastoral | |
| 2.1- Kits de evangelismo | 10.000,00 |
| 2.2- Salários de 40 obreiros bíblicos por um mês | 24.000,00 |
| 2.3- Brindes, propaganda, operacional = 3.000 x 40 | 120.000,00 |
| Total 2 | 154.000,00 |
| C - Evangelismo da Semana Santa | |
| 3.1- Kits evangelistas | 5.000,00 |
| 3.2- Brindes e propaganda | 25.000,00 |
| Total 3 | 30.000,00 |
| D - Escola de Evangelismo e Seminários de Revitalização | |
| 4.1- Apostilas, materiais, decoração, equipamentos, alimentação | 50.000,00 |
| Total 4 | 50.000,00 |
| E- Equipe de Obreiros do Campo | |
| 5.1- Auxílio manutenção para 6 obreiros x 12 x 700,00 | 50.400,00 |
| Total 5 | 50.400,00 |
| F- Séries de Colheita | |
| 6.1- Campanhas do Pr. Stina | 33.000,00 |
| 6.2- Campanhas do Pr. Abdala | 7.000,00 |
| 6.3- Campanhas da administração | 20.000,00 |
| Total 6 | 60.000,00 |
| TOTAL GERAL | 982.395,00 |

Fonte: Tesouraria APL.

Um grupo especial de trabalho foi formado, sendo composto por: Presidente (Erlo Braun), Tesoureiro (Marcos Sousa), Secretário (Manoel de Andrade), Diretor de Evangelismo e Plantio de Igrejas (Emílio Abdala) e Diretor de ADRA (Jair Miranda). Esse grupo se reuniu com frequência, além de contar com a participação esporádica de alguns distritais.

Devido à grande demanda de trabalho dos pastores e do pouco tempo disponível dos membros leigos para dedicar-se a projetos voluntários, a coordenação do projeto percebeu que necessitaria de reforço para avançar com seu plano. O próximo passo, então, foi buscar apoio dos seminários adventistas de São Paulo e da Bahia para fornecerem alunos estagiários para o projeto. Além de ser um ganho para o campo, esse projeto seria uma oportuna experiência para a formação de pastores preparados para plantar novas congregações. Uma vez conquistado o apoio dos seminários, foi efetuado um recrutamento dos estudantes com perfil mais adequado ao projeto. Para facilitar a ambientação e preparo dos alunos, os estudantes foram convidados a realizar, em abril, a Semana do Calvário nas igrejas onde, no segundo semestre, liderariam o plantio da nova igreja.

Esse grupo especial também estabeleceu os passos que seriam seguidos para a implantação do projeto. As fases estabelecidas foram as seguintes:

Fase 1 – Planejamento

O livro *Guia de Plantio de Igrejas*, usado extensivamente na implementação do projeto de plantio de igrejas da APL, orienta que a etapa de planejamento é fundamental para “encorajar pastores, oficiais e membros da igreja para a tarefa divina de estabelecer novas igrejas; sugerir meios e métodos para a elaboração de um plano denominacional de plantio (Pv 19:2; 16:3; Js 18:8); selecionar áreas-alvo e realizar pesquisas na igreja-mãe e na comunidade (1 Cr 12:32)” (ABDALA, 2010, p. 19).

Nessa fase de conscientização interna, deveria ocorrer principalmente a sensibilização dos pastores a fim de que se pudesse granjear sua adesão. O objetivo seria

motivá-los para que se dispusessem a participar do projeto. Esse preparo envolveria, entre outras coisas, atividades teóricas e práticas, tendo como textos de estudo a Bíblia Sagrada, os livros do Espírito de Profecia, o *Guia de Plantio de Igrejas*, do Dr. Abdala, além de artigos e palestras estrategicamente apresentados de acordo com as necessidades observadas.

Fase 2 – Preparação

O objetivo desta segunda fase seria criar uma atmosfera de oração e reavivamento espiritual na igreja-mãe (Js 3:1-17; At 1-2); capacitar as equipes pioneiras; preparar os recursos necessários e definir as áreas a serem alcançadas.

Após a conscientização oferecida aos pastores, seria dada oportunidade para que aqueles que quisessem experimentar o projeto se voluntariassem para fazer a primeira experiência coordenada pelo campo. Uma vez escolhidos os plantadores de igrejas, passar-se-ia a preparar o caminho para o início do projeto. Os pastores tomariam tempo para apresentar o programa às suas igrejas, contagiá-las com a possibilidade de iniciar uma nova igreja, recrutar os candidatos a pioneiros no núcleo da nova igreja e treinar os interessados em se engajar no trabalho. Todo esse processo seria monitorado, apoiado e assistido pelo Departamento de Evangelismo e Plantio de Igrejas e pela administração da APL.

Fase 3 – Pioneirismo

Nesta fase, as equipes de pioneiros deveriam ganhar a simpatia da comunidade através do atendimento de suas necessidades locais. Este seria o momento de mobilizar os

crentes para o uso dos métodos mais apropriados de evangelização (Mt 10; Lc 10). Além disso, deveriam ocorrer contatos de cortesia com a comunidade, especialmente através de projetos de compaixão. Esses contatos seriam feitos de forma generalizada através do marketing ou de forma seletiva com as pessoas que faziam parte da rede de relacionamentos do núcleo de pioneiros.

Fase 4 – Proclamação

Nesta fase, as equipes deveriam comunicar as boas novas de maneira clara e convincente no tempo e locais apropriados (At 26:28-29); obter decisões que fossem genuínas, duradouras e que resultassem em maturidade espiritual. A fase de evangelismo deveria, de fato, ser uma continuação natural da fase anterior. Todo o processo de penetração na comunidade deveria continuar o estreitamento dos relacionamentos e o atendimento das necessidades, só que adicionado agora à proclamação do evangelho, fortemente fundamentada nos itens anteriores.

Fase 5 – Pós-evangelismo

Neste fase, seria necessário conseguir a incorporação dos novos membros à comunhão e disciplina da igreja local; o estabelecimento dos novos crentes na fé, na prática da mordomia e do serviço (At 2:42-47). Outra importante tarefa deste estágio seria o desenvolvimento da nova liderança local a fim de possibilitar a remoção da equipe pioneira para regiões onde a Palavra de Deus não tinha ainda sido anunciada (Mc 1:38; Rm 15:23). Buscar-se-ia, então, estabelecer a continuação dos relacionamentos iniciados a fim de promover o alvo final de ter a nova igreja cuidando de si mesma (At 14:23),

sendo autossustentada (1 Co 9:7-14; Gl 6:6) e autopropagativa (1Ts 1:7-8; At 13:49). Depois disso, far-se-ia a avaliação final de todo o processo.

Durante o pós-evangelismo, a equipe de trabalho se concentraria no atendimento aos batizados e na manutenção dos estudos bíblicos remanescentes. Nesta fase, os estagiários deixariam as igrejas e seguiriam para suas férias escolares e o trabalho passaria a ser executado exclusivamente pelos líderes leigos e pelos obreiros da APL.

Etapa de Desenvolvimento

Após o planejamento e preparo inicial, o projeto foi iniciado no campo. Como era esperado, o desenvolvimento prático não seguiu exatamente o que estava planejado e enfrentou problemas que não haviam sido previstos. Segue, abaixo, a análise da etapa de desenvolvimento.

Desenvolvimento do Projeto em 2010

Depois que o plano foi estabelecido, o projeto foi iniciado. No entanto, na etapa de desenvolvimento do plano, foram surgindo dificuldades em cada fase que exigiram adaptações a fim de garantir a viabilidade do projeto. A seguir, estão relacionadas as atividades executadas na fase prática bem como a descrição das dificuldades encontradas em cada fase.

Fase 1 – Planejamento

Na primeira fase, foram oferecidas aos pastores palestras que apresentaram, em primeiro lugar, a base bíblica do projeto e, em seguida, sua aplicabilidade, relatando exemplos de lugares em que o projeto foi bem sucedido. Percebeu-se, então, alguma

resistência do grupo de pastores. Além da novidade do projeto em si, existia também uma barreira de implantação em virtude da ideia pré-concebida de que esse programa de trabalho não seria aplicável no contexto de uma grande cidade. A objeção se devia principalmente ao fato de que os exemplos bem sucedidos de plantio de igrejas haviam ocorrido em cidades pequenas ou com baixo nível cultural.

Foi preciso demonstrar que a essência do projeto se aplicava a qualquer realidade, desde que fossem feitas as devidas adaptações. Ademais, a região geográfica de São Paulo que compõe o território da APL é povoada, em sua maioria, por migrantes da região nordeste do país, berço do plantio de igrejas na Divisão Sul Americana. Portanto, muitos dos métodos aplicados com sucesso no nordeste brasileiro poderiam ser aplicados integralmente na Associação.

Depois do trabalho de conscientização e orientação, foi oferecida aos pastores a oportunidade de participar voluntariamente deste modelo pioneiro de plantio de igrejas no território da APL. Vinte e cinco pastores decidiram se engajar no projeto, mas os outros dezesseis preferiram aguardar um pouco mais de tempo.

Fase 2 – Preparação

Assim, os pastores receberam o treinamento e o material necessário para motivarem e treinarem seus discípulos. Também foram orientados a recrutar as pessoas que fariam parte do núcleo inicial da nova igreja e lhes oferecer treinamento.

Após a Semana do Calvário, seguiu-se uma intensificação do programa de treinamento e preparo do campo para o projeto. Os pastores foram treinados mensalmente e orientados regularmente no processo de escolha do local, preparo da região, análise das

necessidades da comunidade, etc. Os membros leigos que formariam os núcleos iniciais receberam sessões regulares de treinamento por parte da Associação e também dos pastores distritais. Os estudantes receberam treinamentos semanais diretamente do Dr. Emílio Abdala.

No entanto, nem todos os pastores seguiram esse passo corretamente e, infelizmente, essa falha só foi notada quando o projeto estava bem adiantado, quando se observou que muitos dos membros dos núcleos não estavam preparados para atender os interessados e suprir suas necessidades.

Fase 3 – Pioneirismo

Bem equipadas, as equipes saíram a campo para o trabalho. Desenvolveram, então, pesquisas de opinião e ofereceram cursos profissionalizantes. Promoveram feiras de saúde, desenvolveram projetos de auxílio à comunidade, fizeram doação de alimentos, viabilizaram consultas médicas, entre outras coisas.

O grande problema nesta fase foi o não oferecimento de cursos que haviam sido divulgados. Devido à pesquisa, as pessoas aguardaram a execução de alguns cursos que de fato, nunca aconteceram. A indisponibilidade de professores e, em alguns casos, a procura insuficiente inviabilizaram esses cursos. Algumas regiões também não foram devidamente preparadas, não tendo, por isso, um número ideal de visitantes que participassem das programações. Esse problema surgiu em decorrência de uma divulgação insuficiente e de um número baixo das visitas que deveriam ter sido atraídas pelas equipes.

Algumas congregações já tinham um local onde desejavam plantar uma igreja, outras usaram como base os pequenos grupos já existentes e outras ainda foram a campo procurar, dentro de seu território, bairros que não possuíam presença adventista para neles iniciar seu plantio. Na terceira fase, foram, então, alugados diversos pontos em vários bairros da cidade.

Dois obstáculos foram encontrados nesta fase. O primeiro deles foi a escassez de imóveis adequados para locação. Na cidade de São Paulo existe um considerável déficit imobiliário, o que muito dificulta a procura por lugares adequados. O segundo obstáculo veio em decorrência do primeiro. Devido à escassez mencionada, o valor do aluguel é muito alto. Por isso, a Associação teve que fazer um investimento maior do que o planejado inicialmente. O maior agravante, neste caso, é que valores muito altos de aluguel comprometem a continuidade do grupo depois que o subsídio da Associação é retirado.

Fase 4 – Proclamação

Além dos recursos humanos, uma complexa estrutura foi organizada, na fase do pré-evangelismo, para o estabelecimento das novas igrejas. A Associação produziu e ofereceu gratuitamente, para todas as igrejas, o material promocional, que incluía folhetos, faixas, estudos bíblicos, Bíblias, camisetas etc.

Os departamentos de evangelismo/plantio de igrejas e ADRA entraram em contato com muitas empresas e firmaram parceria com várias delas para a realização dos projetos comunitários. Houve investimento financeiro para o fornecimento de cursos para a

comunidade e também alimentos. Como incentivo, a Associação se dispôs a pagar o aluguel das novas igrejas durante todo o primeiro ano e 50% do aluguel no segundo ano.

Projetores de vídeo, computadores, equipamentos de som, cadeiras e outros recursos foram oferecidos para os novos grupos, tudo isso sob o patrocínio do departamento de evangelismo e plantio de igrejas. Os pastores distritais e membros expressaram seu contentamento com esse suporte estrutural financeiro e relataram que nunca antes haviam tido tanto apoio institucional.

A adaptação à chegada dos estagiários não foi tranquila nem imediata em todos os locais. Houve algumas dificuldades de relacionamento com algumas equipes, o que, de certa forma, prejudicou o andamento de algumas atividades. Apesar disso, a maioria dos conflitos foi resolvida de maneira satisfatória sem que se comprometesse a continuidade do projeto. Foi utilizada a série de pregações elaborada pelo Dr. Emílio Abdala, denominada “A Hora de Viver” que utilizava um curso bíblico estilizado e que seguia a mesma sequência dos temas apresentados à noite. As pessoas que assistiam às reuniões noturnas, recebiam, no dia seguinte, a visita de um estagiário ou de um obreiro bíblico.

Como costuma acontecer nas séries evangelísticas, houve uma queda considerável na frequência das visitas após o início do evangelismo bíblico declarado. Outra evasão ocorreu no aprofundamento dos pontos doutrinários distintivos, como o sábado. Apesar disso, as palestras foram realizadas todos os dias ininterruptamente. No entanto, os estagiários observaram que, após o primeiro mês, o ideal seria que os cultos ocorressem de quarta a domingo.

Fase 5 – Pós-evangelismo

O pós-evangelismo foi a fase na qual as equipes enfrentaram mais dificuldades em sua execução. O primeiro fator problemático foi a saída do aluno estagiário. Muitos dos recém conversos criaram vínculos afetivos com o aluno e, quando este foi embora, eles se sentiram desamparados. Outro problema enfrentado foi o despreparo ou incompatibilidade de perfil dos líderes leigos. Muitos deles não foram preparados de maneira satisfatória na fase apropriada e não sabiam como dar sequência ao discipulado dos novos membros. Outros possuíam um excesso de zelo e fizeram cobranças de comportamento incompatíveis ao grau de maturidade dos recém conversos, levando alguns ao desânimo e à desistência.

Somaram-se a essas dificuldades a evasão natural após o término da campanha evangelística, a impossibilidade de acompanhamento satisfatório por parte de alguns pastores distritais devido ao excesso de atividades e o desânimo de alguns líderes leigos que, diante dos obstáculos enfrentados, resolveram voltar para a igreja-mãe, desfalcando, assim, a nova igreja.

Fizeram-se, então, alguns ajustes na tentativa de solucionar esses problemas. Alguns dos estagiários receberam um pequeno estipêndio para continuar cuidando das novas igrejas durante o período de férias e também em seus estágios de quarto ano. Além disso, foram designados obreiros da APL para cuidar de algumas das novas igrejas.

Aproveitando a existência de um projeto “Missão Calebe”, que recruta jovens da igreja que estejam de férias para atividades missionárias, o Departamento de Evangelismo e Plantio de Igrejas solicitou apoio do Ministério Jovem que designou 40 jovens desse projeto para auxiliar durante o mês de janeiro nessas novas congregações.

Essas ações trouxeram um efeito bastante positivo, revertendo o declínio de alguns grupos e retomando o crescimento evangelístico das novas igrejas. Com o acompanhamento do Dr. Abdala, os pastores distritais efetuaram um diagnóstico nos grupos com problemas para encontrar suas dificuldades e procurar saná-las. Como resultado disso, alguns líderes foram substituídos e novas pessoas foram recrutadas.

De setembro a dezembro de 2010 foram plantadas 27 igrejas e batizadas 576 pessoas, sendo o total de batismos do campo 2.344 pessoas. As etapas do primeiro ano do projeto podem ser resumidas na tabela 2:

Tabela 2

Cronograma de Atividades 2010

| | |
|----------------|--|
| Jan-Fev | Planejamento e Conscientização dos pastores distritais |
| Mar | Conscientização das Igrejas e Recrutamento de Alunos de Teologia |
| Abr | Realização de Semana Santa e contato inicial com as regiões para as novas igrejas |
| Abr-Ago | Treinamento intensivo de pastores, membros e estudantes e planejamento e preparo dos locais para plantio das novas igrejas |
| Set | Projetos comunitários |
| Out-Dez | Conferências Evangelísticas, batismos e consolidação das novas igrejas |

Fonte: Departamento de Evangelismo APL

Aprofundamento em Conscientização e Mobilização

Para consolidar o conceito do plantio de novas igrejas e aumentar o número de membros comprometidos com essa atividade, foi realizado, em dezembro de 2010, o simpósio: “Plante Igrejas, Transforme Vidas”, ministrado por palestrantes convidados. O Dr. Gerson Santos, da NYC, falou sobre igrejas missionais; o Dr. Ricardo Norton, da Andrews University, falou sobre a emancipação de igrejas, e o Pr. Gary Krause, diretor

de Missão Global da Conferência Geral da IASD, falou sobre plantio de igrejas no mundo. Palestrantes locais como o Dr. Emílio Abdala e o Dr. Berndt Wolter também participaram do evento.

Durante o simpósio, a Associação ofereceu para cada participante uma cópia do livro do Dr. Abdala, *Guia de Plantio de Igrejas*. Além disso, todas as aulas foram filmadas e um DVD com todas elas foi produzido e oferecido aos anciãos do campo. Os líderes convidados participaram ativamente. De fato, o evento constituiu uma boa contribuição para a formação de uma nova filosofia no campo.

Desenvolvimento do Projeto em 2011

Em 2011, o projeto de plantio de igrejas seguiu o mesmo modelo de fases de 2010, sem a necessidade, no entanto, da etapa de conscientização interna. Em lugar disso, envidaram-se esforços no sentido de corrigir as falhas encontradas no primeiro ano. De forma especial foram reforçados o recrutamento, a seleção e o preparo dos líderes selecionados para fazerem parte do núcleo inicial. Além disso, a escolha dos locais para o plantio das novas igrejas foi feita de forma mais criteriosa.

Quanto ao preparo, além de incentivar os pastores a treinarem seus líderes, a Associação passou a oferecer treinamentos agrupados para todos os interessados em plantar igrejas no campo. Livros e materiais em multimídia foram ofertados para os membros para reforçar seu preparo. Somando-se a isso, o Departamento de Evangelismo e Plantio de Igrejas criou um critério mais rigoroso para a formação do núcleo inicial, permitindo novas igrejas apenas quando o núcleo alcançasse 15 pessoas ou mais.

No que tange à escolha dos locais, o Dr. Abdala passou a participar pessoalmente da escolha de todos os pontos de pregação das novas igrejas antes de concluir o contrato de locação. As regiões foram cuidadosamente avaliadas para certificar a viabilidade do estabelecimento de uma nova congregação.

A exemplo do que aconteceu em 2010, os pastores continuaram livres, em 2011, para aderir ou não ao projeto. Mesmo assim, vinte e três pastores decidiram implantar novas congregações em seus distritos. O fato importante é que oito deles não tinham participado do projeto no ano anterior. Por outro lado, alguns pastores que participaram em 2010, embora convictos da eficácia do plano, não puderam participar em 2011, pois ainda estavam no processo de consolidação da nova igreja e reorganização da liderança de seus distritos.

Os mesmos passos de 2010 foram seguidos com as devidas correções e também com a implementação de novas ações. Mais uma vez, votou-se um orçamento arrojado, levemente inferior ao de 2010, para fortalecer o trabalho e continuar o avanço territorial. A seguir, encontra-se a tabela 3 com o orçamento detalhado de 2011:

Tabela 3

Orçamento de Expansão Evangelística e Plantio de Igrejas – 2011

| A- Evangelismo Plantio de Igrejas | |
|---|------------|
| Valores | |
| 1- Aluguel de 20 salões x 1.000 x 6 meses | 120.000,00 |
| 2- Cadeiras (25 pontos x 70 cadeiras x 15 reais) | 26.250,00 |
| 3- Caixas de som (20 pontos x 600,00) | 20.000,00 |
| 4- Projetores de Vídeo (20 projetores x 1.350,00) | 28.000,00 |
| 5- Alimentação e hospedagem dos estudantes | 20.000,00 |
| 6- Manual e sermônário | 500,00 |
| 7- Seminário do Apocalipse | - |
| 8- Bonés, bolsas, canetas | 5.000,00 |

| | |
|---|-------------------|
| 9- CDs e DVDs (filmes, pwpt, clips, músicas etc) | 5.000,00 |
| 10- Camisetas (5 p/ ponto x 80x 15,00) | 6.000,00 |
| 12- Verba por ponto (propaganda, brindes, celebrações - 1.000,00) | 30.000,00 |
| 13- Material gráfico | 40.000,00 |
| 14- Cursos bíblicos para jovens | 1.200,00 |
| 15- Material do “Curso como deixar de fumar” (flúor, levedo, cigarrão, remédio) | 5.000,00 |
| 16- Papelaria, cruz, materiais de ilustração | 6.000,00 |
| 17- Salário de 35 estudantes evangelistas por 3 meses (600,00 x35 x3) | 63.000,00 |
| 18- Transporte dos alunos (Iaene: 12.000,00 + Unasp: 16.000,00) e traslados | 20.000,00 |
| 19- Reserva operacional | 20.000,00 |
| 20- Salário para 35 obreiros bíblicos (35 obreiros x 560,00 x 6 meses) | 118.000,00 |
| 21- Compra de 2000 Bíblias x 6,20 | 12.000,00 |
| Total 1 | 545.950,00 |

B- Evangelismo Pastoral

| | |
|---|-------------------|
| 1 | |
| 1- Verba Extra para Evangelismo | 50.000,00 |
| 2- Obreiro bíblico por mês (20 x 6 meses x 560) 1º semestre | 67.300,00 |
| 3- Despesas Obreiros Bíblicos | 30.000,00 |
| Tabela 3– <i>Continuação</i> | |
| 4- Kit Discipulado | 10.000,00 |
| 5- Auxílio para locomoção dos estudantes do Unasp (finais de semanas) | 15.000,00 |
| 6- Séries Evangelísticas Vanderlei | 20.000,00 |
| Total 2 | 192.300,00 |

C- Evangelismo da Semana Santa

| | |
|---|------------------|
| 1- Kit evangelistas (DVD Vida de Jesus, Sermonário) | 5.000,00 |
| 2- Brindes, Propagandas (100,00 x 40) | 4.000,00 |
| 3- Passagens para os Alunos do Iaene | 10.000,00 |
| 4- Transporte dos Alunos do Unasp | 3.000,00 |
| 5- Almoço de Celebração | 4.000,00 |
| 6- Faixas | 5.000,00 |
| Total 3 | 31.000,00 |

D- Escola de Evangelismo e Seminários de Revitalização

| | |
|--|------------------|
| 1- Apostilas, materiais, decoração e marketing (valor) | 5.000,00 |
| 2- Alimentação | 5.000,00 |
| 3- Aluguel de auditórios | 10.000,00 |
| Total 4 | 20.000,00 |

E- Séries de Colheita

| | |
|-------------------------------|------------------|
| 1- Convites, banners e faixas | 5.000,00 |
| 2- Passagens com pastores | 15.000,00 |
| 3- Brindes (1 camisa) | 2.000,00 |
| 4- Despesas Gerais | 15.000,00 |
| Total 5 | 37.000,00 |

F- Departamento / Ministérios Orçado

| | |
|--|------------------|
| 1- Despesas Operacionais (Verba do Departamento) | 26.000,00 |
| 2- Comunidade árabe | 5.000,00 |
| 3- Comunidade hispânica | 5.000,00 |
| 4- Cultos Inglês | 5.000,00 |
| 5- Ministério da Prisão | 3.500,00 |
| 6- Ministério da Saúde (Gina Abdala) | 3.000,00 |
| 7- Ministério da WEB (GG) | 2.250,00 |
| 8- Ministério para Evangélicos | 2.000,00 |
| 9- Projetos Comunitários (Pr. Jair) | 20.000,00 |
| 10- Dependentes químicos | 2.000,00 |
| Total 6 | 73.750,00 |
| Total Geral | 900.000, |

Fonte: Tesouraria APL.

Ao final do ano de 2011, vinte e cinco novas igrejas foram estabelecidas e 650 pessoas batizadas, de um total de 2.421 batizados em todo o ano na APL. Os pastores e membros comemoraram essa conquista, que consideraram especial e histórica.

Etapa de Avaliação

A avaliação ocorreu de forma regular durante o desenvolvimento do projeto. Reuniões semanais foram feitas com os pastores distritais e com os estagiários envolvidos no processo. Essa iniciativa proporcionou a correção de alguns problemas ainda durante o programa de plantio, aumentando a eficácia do projeto.

Ao final de cada ano, realizou-se uma pesquisa com todos os líderes envolvidos no plantio de cada igreja. Elaborou-se um questionário com 37 questões a fim de avaliar a impressão de cada um sobre o projeto e conhecer suas dificuldades e sugestões. Deu-se também a oportunidade a cada pastor e estudante de expor suas sugestões verbalmente sobre as atividades e muitas delas foram incorporadas ao projeto.

Avaliação da Viabilidade Estrutural e Financeira

No processo inicial de conscientização, alguns líderes ainda resistentes ao projeto de plantio de novas igrejas levantaram dois questionamentos: a continuidade do crescimento e a viabilidade financeira do projeto. A preocupação desses líderes era que, ao se plantar uma nova igreja, a congregação crescesse apenas no ano de fundação, devido ao apoio dos estagiários e do *staff* de obreiros da Associação, mas que não conseguisse dar continuidade ao crescimento ao ser liderada apenas pelos membros leigos. Quanto às finanças, o receio era que a nova igreja não tivesse condições financeiras de se manter devido ao tamanho reduzido do grupo de pessoas que lhe davam sustentação. Havia também a possibilidade de que as igrejas-mãe se desequilibrassem financeiramente em virtude da saída de parte de sua liderança. Se isso acontecesse, ao invés de uma igreja bem estabelecida, existiriam duas igrejas mal estruturadas.

No entanto, a etapa de avaliação trouxe relatórios que mostram que essa possibilidade não se concretizou. Ainda não existem dados consolidados quanto às igrejas plantadas em 2011, mas foi possível tabular os dados para as igrejas estabelecidas em 2010. Das vinte e sete igrejas plantadas, quinze já deixaram a condição de grupo e se tornaram igrejas e, conforme pode ser observado na Tabela 4, a seguir, elas têm tido crescimento numérico satisfatório:

Tabela 4

Crescimento Numérico das Igrejas Plantadas em 2010

| Ord. | Igreja | Ano¹ | Início² | Acréscimo³ | Entrada⁴ | Saída⁴ | Apostasia | Saldo |
|-------------|------------------|------------------------|---------------------------|------------------------------|----------------------------|--------------------------|------------------|--------------|
| 1 | Limão | 2010 | | 12 | 46 | | | 58 |
| 2 | JdSoares | 2010 | 1 | 6 | 19 | | | 26 |
| 3 | Jd. Camargo Novo | 2010 | | 14 | | | | 14 |

Tabela 4–*Continuação*

| | | | | | | | | |
|--------------|----------------|------|----|------------|------------|----------|----------|------------|
| 4 | Nova Vitória | 2010 | | 10 | 9 | | 19 | |
| 5 | Cravo da Índia | 2010 | 5 | 7 | 15 | | 27 | |
| 6 | Jd. Ivone | 2010 | | 15 | 22 | | 37 | |
| 7 | Pq Bancário | 2010 | 35 | 5 | 1 | | 41 | |
| 8 | Vila Rosa | 2010 | 31 | 1 | | | 32 | |
| 9 | Jd Aurora | 2010 | | 1 | 28 | 1 | 28 | |
| 10 | Vila Ayrosa | 2010 | 36 | 3 | 19 | | 58 | |
| 11 | Vila Mara | 2010 | | 1 | 42 | | 43 | |
| 12 | Vila Seabra | 2010 | | 7 | 48 | | 55 | |
| 13 | Vila Bela II | 2010 | 26 | 9 | 9 | 1 | 43 | |
| 14 | Vila Flávia | 2010 | 16 | 3 | 15 | | 34 | |
| 15 | Jd. Santana | 2010 | 21 | 7 | 7 | | 35 | |
| Total | | | | 101 | 280 | 2 | 0 | 550 |

¹ano de início; ²grupo inicial; ³batismos, rebatismos e profissão de fé; ⁴transferências e acertos.
Fonte Secretaria APL (2011)

O mesmo pode ser dito em relação ao crescimento financeiro, conforme mostra a

Tabela 5, a seguir:

Tabela 5

Crescimento Financeiro das Igrejas Plantadas em 2010

| Ord. | Igreja | Dízimos | Ofertas¹ | Ofertas² | Total |
|-------------|------------------|----------------|----------------------------|----------------------------|-------------------|
| 1 | Limão | 234.872,25 | 64.359,51 | 12.047,58 | 311.279,34 |
| 2 | Jd Soares | 7.196,45 | 1.820,35 | 516,41 | 9.533,21 |
| 3 | Jd. Camargo Novo | | | | 0,00 |
| 4 | Nova Vitória | 20.805,05 | 14.738,64 | 1.126,38 | 36.670,07 |
| 5 | Cravo da Índia | 16.696,30 | 6.377,09 | 1.479,30 | 24.552,69 |
| 6 | Jd. Ivone | | | | 0,00 |
| 7 | Pq Bancário | 9.212,50 | 2.073,85 | 388,02 | 11.674,37 |
| 8 | Vila Rosa | 6.073,95 | 4.259,08 | 676,70 | 11.009,73 |
| 9 | Jd Aurora | 21.744,84 | 5.995,31 | 420,28 | 28.160,43 |
| 10 | Vila Ayrosa | 10.328,47 | 5.800,46 | 1.113,45 | 17.242,38 |
| 11 | Vila Mara | 15.328,10 | 5.690,94 | 797,16 | 21.816,20 |
| 12 | Vila Seabra | 14.072,70 | 2.597,23 | 408,97 | 17.078,90 |
| 13 | Vila Bela II | 8.000,78 | 2.996,56 | 896,30 | 11.893,64 |
| 14 | Vila Flávia | | | | 0,00 |
| 15 | Jd. Santana | 21.410,93 | 4.621,09 | 1.526,09 | 27.558,11 |

Tabela 5–*Continuação*

| | | | | |
|--------------|-------------------|-------------------|------------------|-------------------|
| Total | 385.742,32 | 121.330,11 | 21.396,64 | 528.469,07 |
|--------------|-------------------|-------------------|------------------|-------------------|

¹igreja local; ²missionárias.

Fonte Secretaria APL (2011)

As duas igrejas que aparecem sem dados financeiros optaram por permanecer, por um período maior de tempo, sob a tutela financeira de suas respectivas igrejas-mãe, o que nos impossibilitou de ter acesso aos dados reais pertinentes a essas congregações. O resultado financeiro alcançado pelas demais igrejas superou grandemente as expectativas: as receitas produzidas foram superiores a 50% de todo o orçamento da área de evangelismo e plantio de igrejas para o ano inteiro. Isso comprova o fato de que o projeto de plantio de igrejas é viável tanto do ponto de vista do crescimento numérico da igreja quanto do âmbito financeiro.

Correções para 2012

As avaliações revelaram, entretanto, que um desafio que permanece é o da consolidação das novas igrejas. Em 2011, foi possível observar que alguns grupos iniciados em 2010 continuavam a depender consideravelmente da ajuda financeira da Associação, que será reduzida pela metade em 2012. Percebeu-se também a necessidade de um novo reforço evangelístico nas igrejas recém plantadas.

Como parte do projeto de correção, o planejamento de 2012 prevê uma redução no número de igrejas plantadas para que se possa dar suporte às 52 igrejas recém criadas. O trabalho foi organizado de forma a dividir o grupo de obreiros da APL em dois: um

grupo para dar suporte às semanas de colheita e outro para dar suporte às novas congregações.

No segundo semestre de 2012, são esperados 35 estagiários que, à semelhança dos obreiros, serão divididos entre plantio de novas igrejas e consolidação das igrejas recém estabelecidas. O alvo do campo é estabelecer 15 novas igrejas em 2012. Caso esse número se concretize, a APL alcançará a marca de 67 igrejas plantadas e consolidadas em 3 anos, uma média de 22,3 igrejas por ano, contra a média de uma nova congregação por ano que havia entre os anos de 2001 e 2009.

Resumo

A execução do trabalho de implantação do projeto de plantio de igrejas, como todo novo projeto, exigiu grande dedicação de tempo e recursos humanos e financeiros. Necessitou-se de um intenso esforço de conscientização quanto à importância do projeto e quanto à base bíblica dessa atividade.

Ao analisar os resultados do primeiro ano de atividade e o desenvolvimento do segundo ano, é possível notar que o projeto está sendo bem sucedido. Diversas ações de correção ainda serão necessárias, mas não há dúvidas de que o crescimento da igreja foi muito mais significativo com a aplicação dessa estratégia.

O aspecto mais recompensador do projeto foi perceber que muitos dos líderes que, anteriormente, tinham restrições ao projeto não apenas dele participaram, mas se tornaram seus defensores, passando a apoiar a Associação e a se engajar em ações para o plantio de novas congregações.

CAPÍTULO 6

CONCLUSÃO E RECOMENDAÇÕES

Como fazer plantio de igrejas em uma região metropolitana cosmopolita e multiétnica do Brasil? O plantio de igrejas é uma metodologia ainda pouco empregada no Brasil pela IASD. O plantio de igrejas em São Paulo pode se tornar um marco divisório para a prática denominacional em outras regiões metropolitanas do Brasil. Esta investigação revelou vários fatores que podem contribuir para o bem-sucedido plantio de igrejas em regiões metropolitanas do Brasil pela IASD.

Este capítulo oferece, a título de conclusão, algumas recomendações. A seção de conclusão apresenta um pequeno resumo da investigação a partir do problema proposto. A seção de recomendações apresenta sugestões sobre os principais fatores que, no futuro, podem nortear o emprego do plantio de igrejas como estratégia consistente da IASD no Brasil.

Conclusão

Depois de dois anos (2010-2011) de experiência com um programa de plantio de igrejas voltado para as idiossincrasias da região metropolitana de São Paulo, esta investigação demonstrou a efetividade do programa. Os dados disponíveis para o ano de 2010 indicam que tanto as igrejas-mãe quanto as igrejas plantadas tiveram crescimento

numérico e financeiro além daquele observado antes da implantação do projeto e tiveram uma redução considerável na apostasia de novos membros.

Recomendações

Os especialistas já conseguiram catalogar e estudar cerca de duzentos movimentos de plantio de igrejas no mundo, especialmente na Ásia, África e América do Norte (Garrison, 1999). Na América Latina, o plantio de igrejas tem sido praticado com mais sucesso em países de fala hispânica, como Cuba, especialmente entre batistas e assembleias de Deus (Urbanek, 2012). Naquele país, nos últimos vinte anos, os batistas passaram de pouco mais de duzentas congregações para mais de sete mil igrejas. Da mesma forma, os assembleias de Deus cresceram de oitenta e nove congregações para mais de dez mil igrejas.

Com base na experiência bem sucedida de plantio de igrejas desenvolvida pelo pesquisador e sua equipe na região metropolitana de São Paulo, onde, apenas no ano de 2010, vinte e sete novas congregações foram plantadas, quinze das quais já deixaram a condição de grupo e se tornaram igrejas, com o acréscimo de 101 novos membros e correspondente crescimento em dízimos e ofertas, podem-se fazer as seguintes recomendações para que o mesmo projeto seja futuramente repetido na APL ou para que projetos semelhantes sejam desenvolvidos pela IASD em outras partes da cidade de São Paulo:

1. *Apoio financeiro da Associação.* Para se vencer a inércia ou resistência à implementação de um programa novo, é necessário que os administradores da Associação estejam dispostos a fazer um investimento arrojado compatível com as necessidades e possibilidades do campo.

2. *Conscientização.* Um aspecto que se manifestou de forma evidente no programa da APL é que o plantio de igrejas não pode ser implantado de forma obrigatória a partir do respeito a uma hierarquia. É necessário que se desenvolva um programa educativo de conscientização cujo objetivo seja converter pastores e membros à visão do plantio de igrejas.

3. *Mescla de experiência e inovação.* O programa não pode ser excessivamente inovador. Isso pode alienar as pessoas que já estavam comprometidas com a forma anteriormente adotada pela Associação para a multiplicação de membros. A participação de pastores experientes e estagiários do curso de teologia contribuiu, no caso da APL, para que se facilitasse essa mescla de experiência e inovação.

4. *Treinamento intenso.* Devido a seu caráter inovador para a região e à complexidade de sua execução, o programa requer treinamento intenso. Pessoas mal treinadas podem comprometer os resultados do programa, independentemente do nível de seu envolvimento e participação. No caso da APL, a nomeação de uma pessoa de bastante experiência e formação acadêmica compatível para liderar o Departamento de Evangelismo e Plantio de Igrejas foi de fundamental importância para que treinamento adequado e suficiente fosse ministrado a todas as pessoas envolvidas no programa.

5. *Avaliação e flexibilidade.* Um programa efetivo de plantio de igrejas requer correções constantes para que funcione adequadamente. Por isso, não basta apenas avaliar o progresso do programa. É preciso também que correções pontuais sejam feitas à medida que se notem distorções ou obstáculos.

6. *Foco em uma cultura específica.* As igrejas não devem ser plantadas de modo uniforme ou em um processo que funcione a atacado. É preciso que se leve em

consideração a cultura do público-alvo. O evangelho é suficientemente persuasivo para que faça sentido para os tipos mais diferentes de pessoa. No entanto, quando sua pregação assume uma roupagem prontamente compreensível para certo grupo, o processo de conversão é grandemente facilitado. Deve-se, portanto, evitar uma fórmula universal a ser aplicada a todas as culturas.

7. *Implantação gradativa.* Apesar de os números relacionados ao plantio de igreja serem geralmente compostos por altas cifras, o processo deve seguir os passos necessários. A queima de etapas pode comprometer o sucesso de toda a empreitada. Aliás, o início apressado do programa pode ser um dos maiores empecilhos ao seu sucesso.

8. *Espiritualidade.* O plantio de igrejas deve ser norteado pelo desejo de cumprir a missão dada por Jesus Cristo a Sua igreja e pelo amor às almas. Por isso, é necessário que a consideração espiritual seja a diretriz da qual emanem todas as decisões. Para tanto, é preciso que todos os obreiros envolvidos no programa cuidem de seu relacionamento com Deus, em atitude de reverência, oração e vigilância espiritual.

As recomendações acima se originaram da avaliação da experiência, pioneira no Brasil, patrocinada e desenvolvida pela APL. Obviamente, pastores das mais diversas persuasões costumam listar recomendações para a implantação de projetos de plantio de igreja. No entanto, em muitos casos, essas recomendações se baseiam mais na observação assistemática, como pode ser visto no Apêndice A, do que em procedimentos criteriosos de sustentação científica. Em vez disso, as recomendações aqui apresentadas caracterizam-se por serem oriundas da observação rigorosa e do acompanhamento sistemático de um projeto abrangente de plantio de igrejas.

Esta pesquisa revela, portanto, que o programa de plantio de igrejas, quando desenvolvido com a ajuda de pastores comprometidos e estudantes de teologia e sob a tutela financeira da Associação, é viável para aplicação à IASD, mesmo nas condições altamente desfavoráveis de uma metrópole multiétnica e em adiantado processo de secularização. Além disso, o programa não apenas é viável, mas seus resultados se mostram muito superiores aos métodos convencionais de evangelismo empregados, até o momento, pela IASD em São Paulo.

APÊNDICE

APÊNDICE A

CONSELHOS AO PASTOR QUE QUER PLANTAR IGREJAS

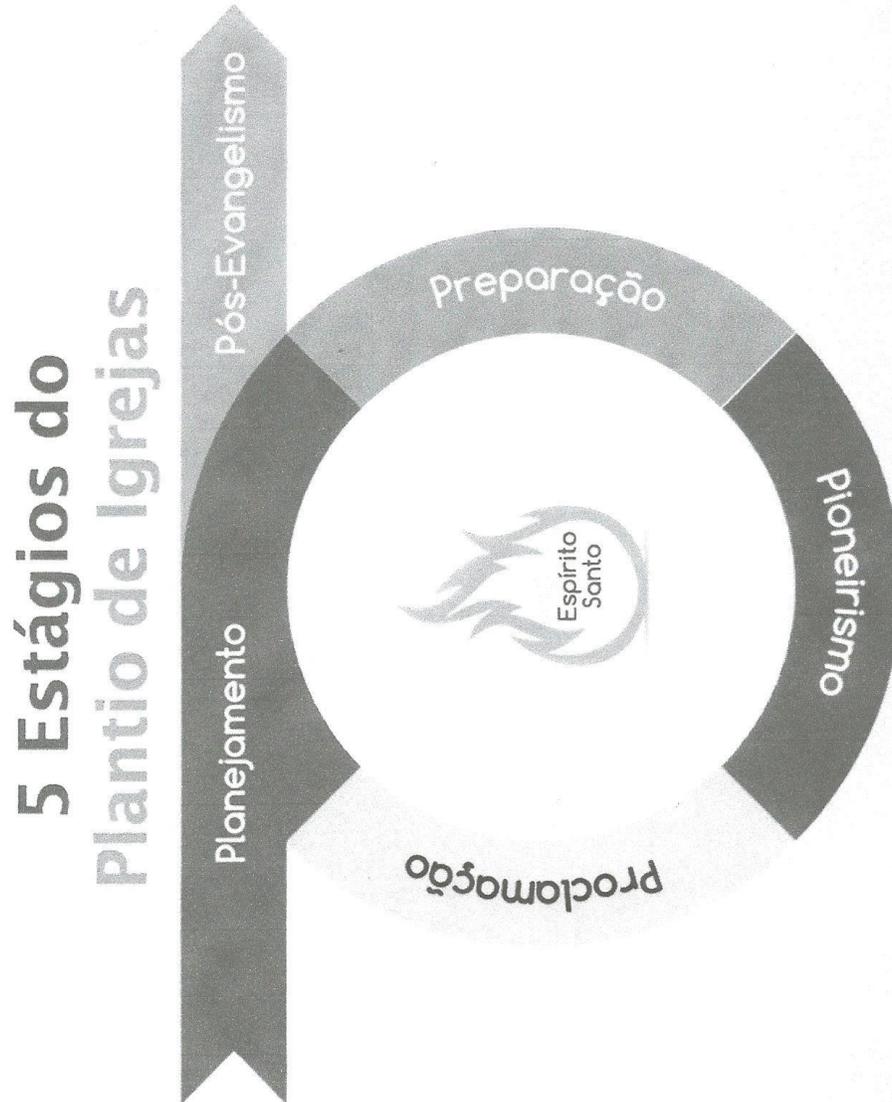
Adaptado de O'Connor (2006)

1. Permita que o ambiente molde seus métodos.
2. Deixe que as pessoas certas façam o trabalho.
3. Confie na experiência.
4. Espie a terra.
5. Faça conexão com as pessoas e sua cultura.
6. Treine.
7. Encontre um filão de receptividade em meio à cultura na qual uma igreja vai ser plantada.
8. Associe-se com pessoas hospitaleiras e de paz.
9. Proclame as boas novas com poder.
10. Ore pela cura da alma, mente e corpo.
11. Envolve os novos crentes na colheita.
12. Utilize histórias e seja um ensinador.
13. Empregue o folclore da cultura e use-o para conectar as pessoas a Jesus.
14. Sempre procure ganhar a família toda.
15. Não permita que considerações legalistas o impeçam de atender um pedido de batismo.
16. Pratique o discipulado do Novo Testamento.
17. Celebre a santa ceia como se fosse com a sua família.
18. Ensine os anciãos a serem pastores.
19. Pregue a partir da Bíblia.
20. Apoie os pequenos grupos.
21. Peça orientações a Deus para dirigir o rebanho.
22. Lidere de forma produtiva e reprodutiva.
23. Seja completamente honesto na avaliação dos resultados.
24. Promova o ministério de acordo com os dons.
25. Não valorize excessivamente as regras.
26. Cultive o fruto do Espírito.
27. Tenha sua própria vida devocional.
28. Cuidado com os lobos.
29. Resista aos demônios de modo bíblico.
30. Promova as ofertas de sacrifício.
31. Equipe os leigos.

32. Respeite o ministério das crianças.
33. Incentive as mulheres ao ministério.
34. Dramatize as cenas bíblicas.
35. Construa relacionamentos edificantes.
36. Enfatize o perdão.
37. Conecte a grande comissão aos mandamentos de Deus.
38. Busque o equilíbrio.
39. Deixe que o Espírito de Deus seja o “parteiro” na reprodução.
40. Cria que Deus dirige a obra pioneira.
41. Use o *mentoring* para garantir a continuidade do trabalho.
42. Promova a lei de Deus, não as regras dos homens.
43. Seja responsável na administração dos recursos financeiros.
44. Seja humilde e firme.
45. Ajude as igrejas grandes a produzir igrejas pequenas.
46. Permita que os pequenos grupos se reproduzam naturalmente.
47. Promova atividades dinâmicas com sua congregação.
48. Promova a cooperação entre igrejas.
49. Concentre-se nos objetivos que realmente importam.
50. Envie as pessoas certas para os lugares certos.
51. Aplique o óleo de Deus às engrenagens enferrujadas da organização.
52. Antecipe os problemas.
53. Valorize a obediência a Deus acima de todas as coisas.
54. Pratique a Palavra de Deus.
55. Escute antes de falar.
56. Procure equilibrar ensino com *mentoring*.
57. Não acalente preconceitos.
58. Valorize as opções das pessoas.
59. Seja prudente em relação a outras denominações.
60. Empreenda ações que sejam úteis.
61. Procure equilibrar autoridade com *mentoring*.
62. Foque o treinamento nas necessidades de cada local.
63. Saiba descobrir talentos.
64. Saiba o momento certo de fazer *mentoring*.
65. Tenha a igreja de Antioquia como seu modelo.
66. Saiba escolher mentores.
67. Comissione obreiros e os envie ao campo.
68. Ame e respeite o seu rebanho.

APÊNDICE B

OS CINCO ESTÁGIOS DO PLANTIO DE IGREJAS



LISTA DE REFERÊNCIAS

- Abdala, Emílio. (2007). *Guia de plantio de igreja*. Guarulhos, SP: SALT, IAENE.
- Abdala, Emílio. (2009). *Manual para evangelistas: Estratégias modernas para séries de colheita e plantio de igrejas*. Cachoeira, BA: CePlib.
- Abdala, Emílio. (2011). *Fator Amizade: Contagiando pessoas para Cristo*. Guarulhos, SP: Parma.
- Bakke, Ray. (1997). *A theology as big as the city*. Downer Grove, IL: Intervarsity Press.
- Barna, George. (1998). *Evangelização eficaz*. Campinas, SP: United Press.
- Becker, J. (2007). *Apóstolo Paulo: Vida, obra e teologia*. São Paulo: Academia Cristã.
- Berkhof, L. (2009). *Systematic theology*. (2nd. ed.). Grand Rapids, MI: Eerdmans.
- Blomberg, C. L. (2009). *Jesus e os evangelhos*. São Paulo: Vida Nova.
- Bosch, D. J. (2002). *Missão transformadora: Mudanças de paradigma na teologia da missão*. São Leopoldo, RS: Sinodal.
- Bruce, F. F. (2003). *Paulo: O apóstolo da graça, sua vida, cartas e teologia*. São Paulo: Vida Nova.
- Burrill, Russell. (1993). *Revolution in the church*. Fallbrook, CA: Hart Research Center.
- Burrill, Russell. (1999). *Rekindling a lost passion: Recreating a church planting movement*. Hagerstown, MD: Fallbrook, CA: Hart Books.
- Burrill, Russell. (2007). *Reaping the harvest: A step-by-step guide to public evangelism*. Fallbrook, CA: Hart Books
- Carson, D. A. (2005). *Becoming conversant with emerging churches*. Grand Rapids, MI: Zondervan.
- Censo Populacional 2000. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).
- Censo Populacional 2009. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

- Censo Populacional 2010. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).
- Conn, Harvie M. (1997). *Planting and growing urban churches: From dream to reality*. Grand Rapids, MI: Baker Books.
- Creswell, J. W. (2002). *Educational research: Planning, conducting, and evaluating qualitative and quantitative research*. Upper Saddle River, NJ: Pearson Education.
- Daniel, R. H. (2008). *A vida diária nos tempos de Jesus* (3ª. ed.). São Paulo: Vida Nova.
- Douglass, H. (2001). *A mensageira do Senhor*. Tatuí, SP: CPB.
- Eims, L. (2002). *Arte perdida de fazer discípulos* (2ª. ed.). Belo Horizonte: Atos.
- Faircloth, Samuel D. (1991). *Church planting for reproduction*. Grand Rapids, MI: Baker.
- Garrison, David. *Church-planting movements: how God is redeeming a lost world*. Midlothian, VA: WIG Take Resources, 1999.
- Gladden, Ron. (2000). *Plant the future*. Nampa, ID: Pacific Press.
- González, Justo L. (1984). *The reformation to the present day*. San Francisco: Harper & Row.
- Green, Michael. (1970). *Evangelism in the early church*. London, UK: Hodder & Stoughton.
- Green, Michael. (1992). *Evangelism through the local church*. Nashville: Oliver-Nelson.
- Grudem, W. (1999). *Teologia sistemática: Atual e exaustiva*. São Paulo: Vida Nova.
- Harrison, Rodney et al. (Eds.). (2008). *Spin-off churches: How one church successfully plants another*. Nashville, TN: B&H.
- Hesselgrave, David J., & Blomberg, Earl J. (1980). *Planting churches cross-culturally: A guide for home and foreign missions*. Grand Rapids, MI: Baker.
- Kaiser, W. C. (2000). *Mission in the Old Testament: Israel as a light to the nations*. Grand Rapids, MI: Baker.
- Kaiser, W. C. (2007). *Teologia do Antigo Testamento* (2ª. ed.). São Paulo: Vida Nova.
- Klauber, Martin I., & Manetsch, Scott M. (2008). *The great commission: Evangelicals and the history of world missions*. Nashville, TN: B&H.

- Knight, George R. (2006). *Organizing for mission and growth*. Hagerstown, MD: Review & Herald.
- La Sor, W. S. H., David, A. B., Frederic, W., & Allen, L. C. (1996). *Old Testament survey: The message, form, and background of the Old Testament* (2nd. ed.). Grand Rapids, MI: Eerdmans.
- Ladd, G. E. (2003). *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos.
- Logan, Robert E. (1989). *Beyond church growth*. Old Tappan, NJ: F.H. Revell.
- Malphurs, Aubrey. (2004). *Planting growing churches for the 21st century: A comprehensive guide for new churches and those desiring renewal* (3rd ed.). Grand Rapids, MI: Baker.
- May, Peter D. (1959). Towards a Biblical theology of mission. *Indian Journal of Theology*, 8 (1), 21-28.
- McGravan, Donald A. (1981). Try These Seven Steps for Planting Churches. *Global Church Bulletin* 18 (May-June), 110.
- McIntosh, Gary. (2003). *Biblical church growth: How you can work with God to build a faithful church*. Grand Rapids, MI: Baker.
- McLaren, Brian D. (2004). *Church on the other side*. Grand Rapids, MI: Zondervan.
- Moreau, A. S., Corwin, G. R., & Mcgee, G. B. (2006). *Introducing world mission* (3rd. ed.). Grand Rapids, MI: Baker.
- Neighbour, Ralph. (1990). *Where do we go from here?* Houston: Toch.
- O'Connor, Patrick (2006). *Reproducible pastoral training: Church planting guidelines from the teachings of George Patterson*. Pasadena, CA: William Carey Library.
- Peters, G. W. (2010). *Teologia bíblica de missões*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus.
- Rainer, Thom S. (2006). *Simple church*. Nashville, TN: B&H.
- Rode, Daniel. (2007). *Crescimento: Chaves para revolucionar sua igreja*. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress.
- Rohrmayer, Gary. (2006). *First steps for planting a missional church*. Lindenhurst, IL: Your Journey Resources.

- Santana, Luciana. (2009). *Pesquisa jornalística da história da Associação Paulista Leste*. São Paulo: Comunhão e Missão com Poder.
- Schedd, Russell. (2006). *Evangelização: Fundamentos bíblicos*. São Paulo: Schedd Publicações.
- Schwarz, Christian A. (1996). *Natural church development: A guide to eight essential qualities of healthy churches*. Carol Stream, IL: ChurchSmart Resources.
- Shwarz, R. W., & Greenleaf, F. (2009). *Portadores de luz*. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres.
- Stark, Rodney. (2006). *O crescimento do cristianismo: Um sociólogo reconsidera a história*. São Paulo: Paulinas.
- Steffen, Tom A. (1993). *Passing the baton*. La Habra, CA: Center for Organizational & Ministry Development.
- Stetzer, Ed. (2006). *Planting missional churches*. Nashville, TN: B&H.
- Sweet, Leonard I., & Crouch, Andy. (2003). *The church in emerging culture: Five perspectives*. El Cajon, CA: Youth Specialties.
- Urbanek, Kurt. (2012). *Cuba's great awakening: Church planting movement in Cuba*. Fort Worth, TX: Church Starting Network.
- Vieira, J. C. (1990). *La iglesia y el mundo*. Buenos Aires: Asociacion Casa Editora Sudamericana.
- Wagner, C. Peter. (1984). *Your church can grow* (Rev. ed.). Ventura, CA: Regal.
- Warren, Richard. (1995). *The purpose-driven church: Growth without compromising your message and mission*. Grand Rapids, MI: Zondervan.
- White, E. G. (1993). *Obreiros evangélicos* (5ª. ed.). Tatuí, SP: CPB.
- White, E. G. (1994). *A ciência do bom viver*. (7ª. ed.). Tatuí, SP: CPB.
- White, E. G., (1997a). *Evangelismo* (3ª. ed.). Tatuí, SP: CPB.
- White, E. G. (1997b). *Patriarcas e profetas* (15ª. ed.). Tatuí, SP: CPB.
- White, E. G. (1997c). *Testemunhos seletos*. Tatuí, SP: CPB. vol. 3.

- White, E. G., (1999). *Serviço cristão* (8^a. ed.). Tatuí, SP: CPB.
- White, E. G. (2006a). *Conselhos sobre saúde* (3^a. ed.). Tatuí, SP: CPB.
- White, E. G. (2006b). *Testemunhos para igreja*. Tatuí, SP: CPB. vol. 9.
- White, E. G. (2007). *Conselhos sobre educação* (3^a. ed.). Tatuí, SP: CPB.
- Yin, R. K. (2009). *Case study research: Design and methods* (4th ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.

VITA

CURRICULUM VITAE

Erlo Braun

Born in Afonso Cláudio, Brazil

EDUCATION

- 2012—Doctor of Ministry (Andrews University)
- 2005—Brazil College (UNASP), Sao Paulo (M.A., Theology)
- 2001—Unicid, Sao Paulo (Bach. D., Communication)
- 1992—Grifo Research Institute, Rio de Janeiro (M.B.A.)
- 1989—ESPM, Rio de Janeiro (M.B.A.)
- 1984—Brazil College (UNASP), Sao Paulo (Bach. D., Theology)

PROFESSIONAL EXPERIENCE

Full-time Pastoral Experience

- 2010-present—President for East Sao Paulo Conference of SDAs
- 2001-2009—Secretary for President for East Sao Paulo Conference of SDAs
- 1998-2001—SDA minister (East Sao Paulo Conference)

Other Professional Experience

- 1995-1997—Director of Brazilian “Hope Channel”
- 1992-1995—Director of Brazilian “It Is Written”
- 1988-1992—Treasurer for the Brazilian “Voice of Prophecy”
- 1985-1992—Singer for Brazilian King’s Heralds at the “Voice of Prophecy”